



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN)
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (PROPEG)
CAMPUS AVANÇADO “PROFA. MARIA ELISA DE A. MAIA” (CAMEAM)
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS (DLE)
Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL)
Mestrado Acadêmico em Letras

RENATA LOURDES LINHARES SEVERIANO

**VIOLÊNCIA, TRAUMA E EMPODERAMENTO REPRESENTADOS
NAS *INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES*, OBRA FICCIONAL
DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

PAU DOS FERROS/RN

2018

RENATA LOURDES LINHARES SEVERIANO

**VIOLÊNCIA, TRAUMA E EMPODERAMENTO REPRESENTADOS
NAS *INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES*, OBRA FICCIONAL
DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus* Avançado “Profa. Maria Elisa de A. Maia” (CAMEAM), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), sob orientação do Prof. Dr. Sebastião Marques Cardoso.

Área de concentração: Estudos do discurso e do texto.

Linha de pesquisa: Discurso, memória e identidade.

Pau de Ferros/RN
2018

A dissertação **Violência, trauma e empoderamento representados nas *Insubmissas Lágrimas de Mulheres***, obra ficcional de **Conceição Evaristo**, autoria de **Renata Lourdes Linhares Severiano**, foi submetida à Banca Examinadora, constituída pelo PPGL/UERN, como requisito parcial necessário à obtenção do grau de Mestre em Letras, outorgado pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Dissertação aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sebastião Marques Cardoso (UERN)
(Presidente)

Prof. Dr. Wellington Medeiros de Araújo (UERN)
(1º Examinador)

Profª Drª Franselma Fernandes de Figueiredo (UFERSA)
(2ª Examinadora – Membro externa)

Prof. Dr. Alexandre Bezerra Alves (PPCL/UERN)
(Suplente)

**Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

S498v

Severiano, Renata Lourdes Linhares

Violência, trauma e empoderamento representados nas *Insubmissas lágrimas de mulheres*, obra ficcional de Conceição Evaristo / Renata Lourdes Linhares Severiano. - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, 2018.

129p.

Orientador(a): Prof. Dr. Sebastião Marques Cardoso.

Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Letras).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Teoria da literatura. 2. Estudos culturais. 3. Literatura afro-brasileira. 4. Conceição Evaristo. 5. Violência, gênero e etnia. I. Cardoso, Sebastião Marques. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

Dedico este trabalho a todas as mulheres que um dia foram violentadas, mas que tiveram a oportunidade de se reestabelecerem emocionalmente e, mesmo com as todas as cicatrizes que carregam na alma, conseguiram se refazer e viver!

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, a quem deposito toda minha fé, e, sobretudo, pela permissão de trilhar os caminhos pelos quais me trouxeram até aqui, garantido minha saúde física e mental para suportar tamanha carga de estudos ao qual me propus. Gratidão!

À minha família e amigos, dos quais estive ausente em diversas situações, para que pudesse me dedicar a esta pesquisa.

A CAPES, pelo incentivo ao estudo e à pesquisa, e à equipe de profissionais do PPGL/CAMEAM que sempre esteve disposta a nos ajudar prontamente em relação às questões burocráticas ao longo desses 24 meses.

A todos os professores e professoras do PPGL/CAMEAM que nos auxiliaram e compartilharam conosco seus riquíssimos conhecimentos durante as aulas.

Ao meu orientador Prof. Dr. Sebastião Marques Cardoso pela relevante orientação a este trabalho de pesquisa.

Aos membros da banca: Prof. Dr. Wellington Medeiros de Araújo, Prof. Dr. Alexandre Bezerra Alves e a Prof^a Dr^a Franselma Fernandes de Figueiredo, por aceitarem o convite tanto na etapa da qualificação, como também na avaliação final deste trabalho, trazendo contribuições valiosas e imprescindíveis para a qualidade do mesmo.

Aos colegas do curso de mestrado, que de alguma forma também contribuíram compartilhando as dúvidas no tocante às suas pesquisas e esclarecendo inúmeras questões durante todo o nosso curso.

Às minhas queridas companheiras de apartamento durante o período de moradia na cidade de Pau dos Ferros-RN, Débora e Luana, por terem me acolhido tão bem e dividido tantos aprendizados juntas. Estarão sempre no meu coração.

A todos os amigos que, direta ou indiretamente, contribuíram e me estenderam a mão durante essa caminhada. Em especial a Elen Ayo e Júnior Dantas, colegas que o mestrado me apresentou e que tiveram participação singular na trajetória da minha pesquisa, sem a ajuda e gentileza deles, minha pesquisa não teria sido tão prazerosa e eficaz.

“A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ninar os da Casa Grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.”

(Conceição Evaristo).

SEVERIANO, Renata Lourdes Linhares. **Violência, trauma e empoderamento representados nas *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, obra ficcional de Conceição Evaristo**. 129f. Dissertação (Pós-Graduação em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2018.

RESUMO

Pretendemos, neste estudo, fazer uma análise de como se configura a violência contra a mulher negra na literatura afro-brasileira, representada aqui pelas personagens de seis contos da obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016), de Conceição Evaristo. Buscamos para esta pesquisa o aporte teórico a partir de questões acerca da subalternidade tratada por Spivak (2010), Davis (2016), do papel do negro na prosa contemporânea, proposto por Bernd (1988), bem como discutir as formas de violências a partir da violência simbólica, sugerida por Bourdieu (2007), entre outros teóricos que discutem sobre esses eixos temáticos, tais como Cuti (2010), Candido (2010), Grossi (2012) e Hall (2006). Nesse estudo, o conceito da violência, vista na literatura, é embasado em comportamentos sexistas, na dominação do poder físico e simbólico entre homens e mulheres, de acordo com Saffioti (2015). A partir da prática teórica e interpretativa, percebemos nos contos de Conceição Evaristo que a submissão feminina foi mantida durante um longo período, e que, entretanto, as próprias personagens, vítimas de variadas formas de violência, simbólicas ou físicas, ensaiam, através da subjetivação da memória e da identidade, uma reação a essa situação, fazendo-nos refletir mais criticamente sobre o papel da cultura da violência tanto no âmbito da representação literária quanto na vida social.

Palavras-chave: Teoria da Literatura. Estudos Culturais. Literatura afro-brasileira. Conceição Evaristo. Violência, gênero e etnia.

SEVERIANO, Renata Lourdes Linhares. **Violência, trauma e empoderamento representados nas *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, obra ficcional de Conceição Evaristo**. 129f. Dissertação (Pós-Graduação em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2018.

ABSTRACT

We intend, in this study, to analyze how violence against black women in Afro-Brazilian literature is represented, represented here by the six-story characters of Conceição Evaristo's *Insubmissas Tears of Women* (2016). We seek for this research the theoretical contribution from questions about the subalternity dealt with by Spivak (2010), Davis (2016), the role of the black in contemporary prose, proposed by Bernd (1988), as well as to discuss the forms of violence from of the symbolic violence, suggested by Bourdieu (2007), among other theorists who discuss these thematic axes, such as Cuti (2010), Candido (2010), Grossi (2012) and Hall (2006). In this study, the concept of violence, seen in the literature, is based on sexist behaviors, on the domination of physical and symbolic power between men and women, according to Saffioti (2015). From the theoretical and interpretative practice, we realize in Conceição Evaristo's stories that female submission was maintained for a long period, and that, however, the characters themselves, victims of various forms of violence, symbolic or physical, rehearse, through subjectivation of memory and of identity, a reaction to this situation, making us reflect more critically on the role of the culture of violence in both literary and social life.

Keywords: Theory of Literature. Cultural Studies. Afro-Brazilian Literature. Conceição Evaristo. Violence, gender and ethnicity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 LITERATURA AFRO BRASILEIRA E LITERATURA NEGRA	17
2.1 Literatura afro-brasileira: o negro como sujeito de enunciação	22
2.2 Conceição Evaristo e a autoria feminina negra.....	26
2.3 Insubmissas Lágrimas de Mulheres: uma narrativa de dor e empoderamento	33
3 A REPRESENTAÇÃO DA PRÁTICA DA VIOLÊNCIA NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA	38
3.1 As esferas da violência: simbólica, moral, psicológica, doméstica, sexual e de gênero	43
3.2 Vozes-mulheres: temores e resistência na escrita de autoria afro brasileira.	55
4 MEMÓRIAS E VIOLÊNCIAS ENTRELAÇADAS	62
4.1 Aramides Florença	62
4.2 Maria do Rosário Imaculada dos Santos.....	72
4.3 Shirley Paixão.....	83
4.4 Isaltina Campo Belo	94
4.5 Mary Benedita.....	106
4.6 Lia Gabriel.....	113
5 CONCLUSÃO	120

REFERÊNCIAS

1 INTRODUÇÃO

Sendo o Brasil um país no qual a classe dominante é composta basicamente de pessoas do sexo masculino e branca, mulheres, negros e pobres são colocados à margem desta sociedade. Este cenário se repete desde os tempos da escravidão, cujos efeitos da opressão refletem até os dias atuais, uma vez que o racismo foi o ponto central da formação das sociedades escravocratas, resultantes de um país que, ao longo do século XIX, tinha caráter fortemente elitista e excludente. Elitista pelo fato de restringir a educação e o conhecimento a poucos, e excludente ao vetar o conhecimento para os escravos, pobres (negros ou brancos) e mulheres¹.

De acordo com Duarte (2015), reflexo dos séculos sendo tratado como moeda de troca e objeto de escravização, o povo negro teve de impor o seu lugar e compreender que era preciso dar voz a tantas vozes negras que foram silenciadas em todo o âmbito de hierarquização social imposta por meio de mecanismos reguladores dos grupos sociais estabelecidos. Nesse contexto, as mulheres escravizadas eram sujeitas de uma condição marginal ainda mais específica, visto que além de toda *barbárie* que eram submetidas, ainda simbolizavam um objeto sexual dos seus Senhores. Estes tratavam as mulheres negras com violência e promiscuidade, evidenciando explicitamente como elas eram desumanizadas sob o efeito da escravidão. Essa condição da mulher negra foi tematizada na literatura brasileira, mas será que nesta literatura sua representação lhe garante uma voz?

Na literatura brasileira, é possível a percepção de que a temática acerca do negro esteve inserida nos contextos sociais, porém, na maioria das vezes, os personagens aparecem nos textos seguindo um estereótipo no tocante ao espaço marginalizado em que vivem e à condição subalterna imposta a tais personagens. Sendo assim, por muito tempo, os negros têm a sua história contada pela memória de terceiros, tornando-se objetos, e não sujeitos dessa história, desempenhando, portanto, a posição proeminente na ilustração, uma vez que surgem com pouca evidência e em frequência muito baixa (FIGUEIREDO, 2009).

O século XX operou uma série de mudanças impostas pelo povo negro, e a literatura afro-brasileira veio reivindicar o lugar do negro como brasileiro participante

¹Fonte: VIDAL, Diana Gonçalves; FÁRIA FILHO, Luciano Mendes de. A escolarização no Brasil: cultura e história da educação. Disponível em: <<http://edf283turma48.blogspot.com.br/2007/08/texto-aula-historica-1508.html>>. Acesso em: 20 Jan.2018.

da sociedade: ativo, cumpridor de deveres, e sendo assim, portador de direitos. (PEREIRA; SEFFNER, 2008).

A literatura afro-brasileira se consolida no alvorecer do século XXI, e é com o pós-colonialismo que tal literatura caracteriza-se por ter trazido o empoderamento da voz àqueles que por muitos séculos viveram silenciados por serem reflexos de uma dívida social histórica, decorrente da cultura escravista mantida desde os tempos da diáspora africana.

Esse processo se estabelece numa temática em que, de acordo com Duarte (2010), “o negro é o foco principal, além de se apropriar de autores afro-brasileiros, que tendem a abarcar as individualidades oriundas comumente do processo miscigenador”. Nesta perspectiva, podemos entender como produção de uma literatura pós-colonial, àquela produção literária elaborada pelos povos que foram colonizados pelas potências europeias entre os séculos XV e XX, cujo conteúdo origina-se das suas experiências de colonização, fazendo compreender o contexto atual a partir das influências sofridas pelo imperialismo², a fim de criar um ambiente favorável para os marginalizados e oprimidos, no intuito de recuperar as suas histórias.

A compreensão da história da literatura afro-brasileira e a vivência da própria autora - Conceição Evaristo³ – e dos contos a serem analisados na obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016), é de fundamental importância no relato das lutas dos negros e de seus descendentes no Brasil (DUARTE, 2015). Os seis contos aqui elegidos para análise são intitulados Aramides Florença, Maria do Rosário Imaculada dos Santos, Shirley Paixão, Isaltina Campo Belo, Mary Benedita, e Lia Gabriel.

Voltando-se para a questão do feminino dentro da literatura afro-brasileira, a linguagem literária assume a função de construir um novo olhar para uma categoria

² Trata-se de uma política de expansão territorial, cultural e econômica de uma nação em cima da outra. A ação imperialista impôs uma série de violências e atrocidades contra populações africanas. As atividades dos europeus se resumiam no lucrativo tráfico negreiro que marcou o desenrolar da economia mercantil. Fonte: <<http://www.historiadomundo.com.br>>. Acesso em: 10 Jan.2018.

³ Conceição Evaristo: umas das principais expoentes da literatura Brasileira e Afro-brasileira atualmente. Nasceu numa favela da zona sul de Belo Horizonte-MG. Filha de lavadeira, teve que conciliar os estudos com o trabalho como empregada doméstica. A poeta traz em sua literatura reflexões acerca das questões de raça e de gênero, com o objetivo claro de revelar a desigualdade velada em nossa sociedade, de recuperar uma memória sofrida da população afro-brasileira em toda sua riqueza e sua potencialidade de ação. Fonte:<www.palmares.gov.br/conceicao-evaristo>. Acesso em: 04 Fev.2018.

específica (mulheres/negras), considerando então que a escrita afro-feminina brasileira enxerga a literatura como um espaço de reconstrução da identidade de quem fala.

A concepção de identidade da mulher na literatura afro-brasileira de autoria feminina reflete indivíduos que foram submetidos à diáspora e às transformações sociais. Na atualidade, a autoria negra encontra sua liberdade na escrita, onde faz do seu povo sujeito de enunciação, voz esclarecedora, voz que grita e assume com orgulho o “ser negro” na sociedade brasileira (CARNEIRO, 2013).

A produção literária feminina afro-brasileira transcreve as vivências que apenas as mulheres/negras podem ou são obrigadas a experimentar (CAMPOS, 2008). Desta forma, o presente trabalho objetiva fazer uma análise da figuração da violência (em sua amplitude, seja violência por questão sexual, física e/ou psicológica) sofrida pelas personagens femininas negras traçada na memória decorrente dos traumas⁴vivenciados nos contos de *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016)⁵, obra de Conceição Evaristo.

Desse modo, a composição para a realização da análise literária afro-brasileira feminina permitirá uma compreensão apurada de fatores responsáveis e integrantes desta violência sofrida pelas personagens femininas negras nos contos da obra elencada.

A presente pesquisa surgiu da necessidade de analisar o discurso e a representação da prática da violência vivenciada pelas personagens negras rememoradas através de traumas psicológicos, além de investigar as formas de violência relatadas pelas narradoras e protagonistas, permitindo avaliar essas formas de violência sob diversas vertentes que permeiam esse grupo, que, em muitas circunstâncias, ainda é marginalizado pela sociedade até os dias atuais.

⁴ Pode ser entendido como conceito operacional, principalmente quando levado em conta o seu caráter de representação precária, ou seja, a simbolização não consegue apreendê-lo em sua totalidade. Érica Resende (2010) descreve o trauma como uma perspectiva do paradoxo, reconhecendo sua impossibilidade de representação: “é sentido, mas não compreendido, [...] é refratário à linguagem, mas exige ser comunicado, não admite ser incorporado à normalidade, mas insiste em se perpetuar na memória, requer ser esquecido, mas é sempre lembrado e revivido (RESENDE, 2010, p. 222).

⁵ Vale ressaltar que a obra elencada para esta pesquisa teve sua primeira publicação no ano de 2011, porém, a pesquisa dar-se-á com base na 2.ed., lançada no ano de 2016, visto que ao iniciarmos esta pesquisa, a primeira edição encontrava-se esgotada, e como trata-se do mesmo texto, optamos pela segunda edição, da qual foi possível adquirirmos também a versão física.

De acordo com Mattos (2011), podem ocorrer ganhos teóricos e metodológicos com abordagem acerca da violência contra a mulher negra na sociedade, pois é possível articular o nível das estruturas sociais, das representações simbólicas, e da identidade no processo de compreensão da dinâmica da violência e das categorias de diferenciação que reproduzem a inferiorização da mulher negra.

A pesquisa se justifica em proporcionar uma sensibilização de âmbito teórico-crítico sob as variadas formas de violência, traçando pontos em que os traumas decorrentes desta violência aparecem na memória, e que em sua grande maioria são causadas pelas relações de gênero e etnia.

A fim de uma compreensão legível acerca desta pesquisa, o trabalho foi dividido em três capítulos, além da introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo será apresentada a revisão da literatura que serve de fundamentação para o entendimento do que rege a literatura afro-brasileira, da qual faremos um breve percurso da exclusão do negro no âmbito literário desde a abolição da escravatura.

Ainda neste primeiro capítulo, discorreremos sobre os negros, principalmente, as mulheres negras, continuarem ao longo dos séculos marginalizados e (quase) impossibilitados de atingir ascensão social devido a uma pseudo teoria da superioridade da raça branca. É neste ponto que iremos dialogar sobre a resistência a partir desse contexto social excludente, e, muitas vezes, ainda velado. É neste viés que também abordaremos a autoria feminina através da escrita de Conceição Evaristo, que busca o direito à fala como recurso dessa resistência, tornando-se porta-voz dos valores políticos e socioculturais de um grupo étnico ao qual pertence.

Já no segundo capítulo, a análise será feita através da representação da prática da violência, e faremos uma explanação dos conceitos que imprimem as diversas esferas dessa prática. No último capítulo faremos uma análise dos contos de forma mais aprofundada, nos quais as histórias das personagens serão recontadas pela escrita da autora, reafirmando em seu projeto estético o uso da memória e a questão da identidade do negro como resistência, evidenciando a rememoração entrelaçada às formas de violência que as personagens sofreram e/ou vivenciaram ao longo de sua história de vida nas narrativas.

A escassez da visibilidade de trabalhos publicados relacionados a essa temática da violência, perpetrada contra mulheres negras na literatura, ressalta a importância da investigação que leva em consideração o tratamento da obra citada de forma minuciosa. O número de escritoras brasileiras negras, bem como sua reinvenção poética através da relação entre poesia e memória na produção literária, destaca a necessidade em aprofundar a abordagem de suas obras.

Portanto, o presente trabalho abordará a obra de uma autora conceituada nos Cadernos Negros⁶ - espaço com importância inegável para publicação da literatura negra, que proporciona oportunidade para o exercício da criação de literatura diferenciada, com o intuito de enriquecer a discussão a respeito da questão racial.

A temática que remete à violência de gênero dentro da literatura de origem afro-brasileira pode ser citada em trabalhos relevantes, embora pouca visibilidade no campo comercial, que têm uma proximidade com a pesquisa em questão, dentre eles, estão as temáticas que envolvem obras de Conceição Evaristo, autora do livro *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016), *corpus* do trabalho aqui em questão. A aproximação pertinente da temática dar-se-á pelo viés das questões de gênero, identidade, memória e representação da violência. Porém, a análise dos estudos, abaixo citados, não se faz perceber uma correspondência direta compondo a temática deste projeto de pesquisa, em que o foco central está na violência sofrida em suas diversas configurações, traçando pontos da memória ligados aos traumas vivenciados pelas personagens nos contos estudados.

Assim, podemos destacar o trabalho de Manoela dos Santos Barbosa (2016), com a temática “Representações de violência contra mulheres negras em *Insubmissas lágrimas de mulheres*, de Conceição Evaristo”, onde a autora explora a representação étnico-racial e de gênero para questionar a violência em diversas formas, bem como as peculiaridades da interseção entre gênero, classe e etnia, além de analisar as particularidades do projeto estético-literário da escritora Conceição Evaristo.

⁶ Em 1978 surgiu o primeiro volume da série CADERNOS NEGROS, contendo oito poetas que dividiam os custos do livro, publicado em formato de bolso com 52 páginas. Na época, circulou de mão em mão, sendo distribuída para poucas livrarias. Enquanto forma de resistência cultural, os Cadernos têm tido importância inegável e, proporcionando oportunidade para o exercício de criação literária diferenciada, possibilita que os descendentes de africanos passem de objeto a sujeito da escrita. Fonte: <<http://www.quilombhoje.com.br/cadernosnegros/historicocadernosnegros.htm>>. Acesso em: 05 Fev.18.

Destaca-se também o trabalho de Teodoro Simone Sobrinho (2015), intitulado “A violência de gênero como experiência trágica na contemporaneidade: estudo de *Insubmissas lágrimas de mulheres*, de Conceição Evaristo”, no qual a autora discute a condição de submissão imposta às mulheres, partindo do pressuposto do patriarcalismo no início da civilização ocidental, sendo eternizado pelas estruturas de poder. Esse trabalho se volta para um estudo que identifica no texto da escritora Conceição Evaristo as encenações trágicas em que as vozes narrativas das mulheres nos contos combatem a opressão.

Tal levantamento permitiu nortear o trabalho e direcionar para uma ótica que até então, embora com ampla quantidade de trabalhos sobre a produção literária da autora, não havia uma pesquisa propriamente sobre a violência sofrida pelas personagens femininas em que os traumas vivenciados vão sendo rememorados ao longo da trajetória de cada uma delas. Assim sendo, a pesquisa surge de uma necessidade para analisar a violência sofrida pelas personagens femininas negras voltando-se para a reconstrução da memória individual das personagens, a partir de sequelas por atos violentos sofridos outrora.

A relevância do tema faz surgir alguns questionamentos-problema, em que é possível interrogar sobre a representação da autoria feminina negra na obra elencada; a forma que deriva a violência vivida pelas personagens femininas nos contos; as sequelas que a violência sofrida pelas personagens apontam na memória de cada uma delas ao longo da sua trajetória e também sobre os tipos de violência abordados nos contos na obra citada.

Esta pesquisa é de cunho bibliográfico, no qual a fundamentação está contida na temática que envolve a violência que sofrem as mulheres negras, sob a perspectiva de Grossi (2012), Saffioti (2015), Davis (2016), entre outras estudiosas acerca dessa problemática. Através de uma abordagem interpretativa, é possível permear uma discussão acerca das diversas configurações de violência contra a mulher negra explanadas na obra elencada. Seguindo essa ótica, serão apresentados conceitos no tocante à afrodescendência, gêneros e violência, e a partir daí tais conceitos serão contextualizados nos contos da obra citada anteriormente.

Em suma, a importância de trazer esta abordagem para a literatura se faz por ser um espaço privilegiado para tal manifestação devido a sua legitimidade social que ela ainda retém. Assim, ao estarem inseridos na literatura, os grupos

marginalizados conseguem exigir o reconhecimento do valor de sua experiência na sociedade brasileira.

2 LITERATURA AFRO-BRASILEIRA OU LITERATURA NEGRA

Para iniciarmos esta pesquisa acerca da literatura afro-brasileira, ou literatura negra, é imprescindível que antes haja um entendimento do processo diaspórico para a compreensão desses termos utilizados, e ainda polêmicos, diante do processo de construção dos mesmos dentro da literatura. O termo “diáspora⁷” é utilizado para designar o espalhamento dos povos que saíram de suas terras originais e foram viver em outros países e/ou outros continentes.

Independente da forma que os povos saíram de seus lugares de origem, usurpados ou não, eles carregaram consigo suas origens, tradições, culturas. Esse modo de pensar, atuar e agir de uma cultura original, no contexto diaspórico, interfere não apenas na identidade individual, mas também na identidade do coletivo, que por sua vez, refletirá numa identidade cultural de um determinado grupo como um todo.

Nas palavras de Hall⁸ (2003), a diáspora é um núcleo imutável e atemporal, que liga o passado ao futuro e ao presente numa linha ininterrupta. De uma certa forma, a tradição dos povos de origem africana remete a uma fidelidade às origens, e esse fato se faz presente não somente na História, mas também na literatura ocidental, uma vez que a tradição aparece interferindo nos personagens e nas narrativas, ocupando, muitas vezes, um posto de força que impulsiona a história contada.

As formas de resistência dos povos africanos deixaram inúmeras marcas impressas na nação brasileira, e no âmbito da literatura essa impressão não foi diferente, uma vez que a cultura nacional, por questões ideológicas, manteve

⁷ Robin Cohen (1999) sugere que, antes de transcender o conceito, é preciso compreendê-lo em seus aspectos mais elementares. O termo diáspora implica conotações de movimento disperso, disseminação, descentramento e deslocamento. A diáspora pode se referir ao processo de dispersão e suas consequências, à comunidade vivendo fora da terra de origem e ao lugar, o espaço geográfico ocupado por este grupo. Fonte: Revista Trama – Volume 10 – Número 19 – 1º semestre de 2014 p. 37 – 47.

⁸ Um dos maiores intelectuais da contemporaneidade. Stuart Hall foi também um dos mais sensíveis e engajados intelectuais do pós-guerra. Ressaltava que a noção de diáspora era figura central utilizada para mostrar como as identidades culturais se articulam na contemporaneidade. Fonte: COSTA, Marisa Vorraber; WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Stuart Hall: tributo a um autor que revolucionou as discussões em educação no Brasil. Educ. Real., Porto Alegre, v. 39, n. 2, p. 635-649, Junho 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S2175-62362014000200015>>. Acesso em: 05 Fev. 2018.

maquiados durante séculos os aspectos que iluminam e constituem a literatura afro-brasileira.

É a partir do século XXI que a literatura brasileira se redescobre, trazendo assim discussões pertinentes que possibilitaram ampliar o seu *corpus* no tocante à produção literária tanto na prosa quanto na poesia.

Então, inicia-se um crescimento no volume de escritores que se reconhecem enquanto indivíduos pertencentes a uma etnia oriunda do continente africano, fato este que leva uma maior visibilidade ao movimento negro e, conseqüentemente, uma ocupação maior no espaço cultural. Desse modo, “a cultura e a raça africanas passam a configurar o elemento “pitoresco” indispensável na construção de uma literatura que se quer nacional” (CARDOSO, 2014, p. 27).

No que se refere à terminologia, alguns autores e críticos fazem indagações no tocante ao que difere os termos literatura afro-brasileira e literatura negra, quais os pontos de vista de cada um e os conceitos que influenciaram a utilização desses termos.

No entanto, ainda é uma diferenciação que causa divergências de opiniões e gera discussões, uma vez que alguns apontam que é rotular uma linha de pensamento, enquanto outros, por sua vez, enxergam que usar essas terminologias dá suporte aos escritores para que possam enaltecer as lutas que ainda travam no embate à exclusão no cânone literário tradicional.

A necessidade de inserir na literatura clássica uma literatura predominante negra, era uma das formas de expor um novo olhar da história sendo contada por autores que se veem como a memória de um contexto histórico-social, que foi a época da escravatura. Para Ianni (1988), essa literatura “é um movimento, um devir, no sentido de que se forma e transforma. Aos poucos [...] surge a literatura negra, como um todo com perfil próprio, um sistema significativo”. Tal pensamento nos revela a possibilidade do discurso literário a partir do povo negro, ou de seus descendentes, assumindo uma identidade que por muitos séculos foi severamente oprimida pela sociedade.

Isso explica o porquê de consolidar a subjetividade do povo negro também na literatura, pois é necessário vê-lo como resultante de um processo histórico excludente. Portanto, usar a terminologia “Literatura Brasileira” é como não dar visibilidade a uma representação específica, no caso, a representação negra, tornando a silenciar os escritos desse povo, ao invés de conferir aos negros o papel

que rompe os paradigmas dos discursos discriminatórios, com base nos estereótipos da literatura brasileira tradicional como um todo, esta, que por sua vez, não pontua os elementos que diferem a produção literária dos brasileiros descendentes de africanos do conjunto da literatura nacional.

Tais elementos que conferem a especificidade dessa escrita é, principalmente, o negro como temática central nas obras, além da escrita oriunda de um autor/a afro-brasileiro. Podemos citar também o pensamento de Duarte (2015) quando nos diz que,

Não basta ser afrodescendente ou simplesmente utilizar-se do tema. É necessária a assunção de uma perspectiva e, mesmo, de uma visão de mundo identificada à história, à cultura, logo, a toda problemática inerente à vida desse importante segmento da população (DUARTE, 2015).

É válido ressaltar que o *corpus* desta pesquisa não tem como finalidade distinguir os termos mais coerentes para utilizar neste trabalho, porém, como citado inicialmente, é necessária a compreensão dos mesmos para um entendimento acerca dos mecanismos de exclusão legitimados pela sociedade e refletidos nas obras consagradas pelo cânone literário. E foi justamente a questão social voltada para a identidade cultural do Brasil, após o processo de independência, que trouxe essa discussão sobre fazer uma literatura diferente da de Portugal, com uma identidade nacional. Uma literatura produzida por negros ou que produz acerca dos conflitos históricos vivenciados pelo povo negro.

Descortina-se então a autoria negra, o negro que o lê e o personagem também negro que foge dos estereótipos enraizados na literatura decorrente do cânone tradicional, como o negro marginalizado, escravizado; a mulher negra subalterna e associada ao sexo, entre outras características. Assim, podemos dizer que essa nova tríplice contribui para a literatura brasileira de forma significativa no tocante às questões relacionadas ao negro e sua própria formação. Assim, esse surgimento da personagem, autor e do leitor negros, afirma Cuti (2010 p. 19),

Trouxe para a literatura brasileira [...] a incorporação dos elementos culturais de origem africana no que diz respeito a temas e formas, traços de uma subjetividade coletiva fundamentados no sujeito étnico do discurso, mudanças de paradigma crítico-literário, noções classificatórias e conceituação das obras de poesia e ficção.

Na literatura, os descendentes de escravos e/ou dos povos de origem africana, até então só cabiam nesse contexto através de uma temática onde associava-se o negro à escravidão, miséria, sexualidade e marginalidade. Os povos de descendência africana por serem vistos como “coisas” desde a escravidão, viam esse preconceito refletido também na literatura, por ser esta um reflexo das relações sociais e de poder.

Neste viés, no campo literário aparece a ênfase da subalternidade nas mais diversas formas aos personagens negros. Nesse caso, negro é objeto da autocrítica, é a respeito dele que se escreve. “Não é o negro que dirige a palavra nem é a ele que a palavra é dirigida” (CUTI, 2010, p. 20).

Assim, a literatura sendo, por sua vez, detentora de poder e sensibilizadora sob o imaginário, torna-se fonte inspiradora do pensamento e da ação diante da insistente hierarquia das raças. Ainda pelas palavras de Cuti (2010, p. 13),

A literatura, pois, precisa de forte antídoto contra o racismo nela entranhado. Os autores nacionais, principalmente os negro-brasileiros, lançaram-se a esse empenho, não por ouvir dizer, mas por sentir, por terem experimentado a discriminação em seu aprendizado.

É em conformidade a esse pensamento que autores brasileiros vêm quebrando o silêncio nas artes, na mídia, nos livros, nas antologias e nas obras de referência para somar forças a uma produção que se é, e se quer negra, embora os termos “literatura afro-brasileira” e “literatura negra” ainda levantem questionamentos entre os teóricos/estudiosos quanto à sua produção literária. Essas expressões ainda sofrem resistência mesmo entre alguns escritores negros, visto que remetem à exclusão dos descendentes de escravos na sociedade brasileira, o que leva a um pensamento que aprisionam a produção literária. Em contrapartida, outros estudiosos defendem que generalizar o termo “literatura” significaria ocultar a valorização de um grupo social que luta contra uma sociedade brasileira historicamente excludente. Seguindo essa ótica, Bernd (1988, p. 19-20) diz que

De um lado observamos, portanto, um querer desvencilhar-se da asfixia que representa para alguns a circunstância de serem rotulados, pois consideram que a criação literária transcende as delimitações impostas por fatores como geografia, nacionalidade, sexo, raça ou religião. Por outro lado [...] a ânsia de certos grupos de se autoproclamarem pertencentes a determinada categoria.

É possível perceber que o processo histórico que formou a sociedade brasileira escravocrata influenciou diretamente na literatura, na qual a figura do negro não tem seu valor, de fato, reconhecido. Ao longo dos séculos, a produção literária tida como convencional representou o negro como pertencente a uma subclasse, como um objeto, e nunca como um sujeito, e/ou uma figura em posição de destaque. Podemos tomar como exemplo, a obra *O cortiço* (1890) de Aluísio Azevedo, com construções racistas.

O livro retrata o cotidiano dos moradores do cortiço São Romão, que lutam diariamente pela sobrevivência. Além da condição de vida miserável, o autor traz duas personagens negras altamente estereotipadas: Rita Baiana, a “mulata” extremamente sexualizada, e Bertoleza, a mulher “retinta”, animalizada, humilhada. Elas são alegorias de um sem número de mulheres negras retratadas como o oposto cruel da idealizada pelos padrões da sociedade brasileira até o século XX.

Neste trabalho, a escolha foi pelo uso da expressão afro-brasileira, já que o próprio termo remete ao processo de mestiçagem cultural, linguística e religiosa pelo qual passou e passa a sociedade brasileira. Dessa forma, além de pressupostos estéticos postulados como uma teoria literária tradicional, abarcam-se questões ideológicas, culturais e de poder. Mas, por outro lado, estamos conscientes em não diminuir a potencialidade da literatura propriamente negra que, a nosso ver, pode muito bem ser contemplada na literatura afro-brasileira.

O público alvo da literatura afro-brasileira não é apenas o negro, há uma busca pela ampliação desse público para que assim possa haver uma reversão dos valores e uma reconstrução de símbolos, antes tomados como negativos e agora vistos de forma positiva. Além de desconstruir conceitos que desvalorizam ou negam o negro para, no lugar, se valer de elementos que exaltem sua condição e identidade. Essa literatura também dá ao negro o papel de agente principal na sua história.

Há uma mudança de paradigma e o intuito é, portanto, sair do anonimato e se conceber como aquele que tem voz e fala, e não aquele de quem se fala, ou seja, deixar de ser objeto para ser sujeito:

A cultura é uma produção. [...] Mas o que esse “desvio através de seus passados” faz é nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem por nós,

mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar (HALL, 2003, p. 44).

Foram os autores que viam o negro enquanto sujeito que, de certa forma, influenciaram o movimento social que deu origem a antologia “Cadernos Negros”, já citada neste trabalho. Em 1978, época marcada por uma série de greves e protestos estudantis, surgiu o primeiro volume da série “Cadernos Negros” que contava com publicações de poetas como Luiz Silva Cuti⁹, que anos depois, gerou o coletivo Quilombohoje Literatura, com participação militante, dentre outros escritores negros, da poeta, dramaturga e prosadora Miriam Alves, autora do livro de ensaios *Brasil afro autorrevelado*¹⁰ (2010). No entanto, foi a partir de movimentos sociais como esses que o negro ganhou seu próprio espaço na literatura, podendo mostrar-se e evidenciar sua identidade, se impondo como e enquanto sujeito.

2.1 Literatura Afro-brasileira: o negro como sujeito de enunciação

O início do século XIX marca a temática negra na literatura brasileira, na qual o ser negro passa a ser visto com mais frequência nesse campo, porém o que se percebe é uma leitura da voz alheia ao negro, daquele que fala por ele. Com a ascensão dos movimentos de consciência negra no Brasil, os autores brasileiros se engajam numa literatura que luta em prol do cidadão afro-brasileiro, fomentando uma literatura que propõe delegar voz a um sujeito até então pouco retratado no campo literário sob sua própria perspectiva.

⁹ Luiz Silva, conhecido pelo pseudônimo Cuti, é escritor, poeta e dramaturgo brasileiro. Foi um dos criadores e mantenedores da série Cadernos Negros, de 1978 a 1993. Foi também um dos fundadores e membro do Quilombohoje-Literatura, de 1983 a 1994. Fonte: <<https://www.geledes.org.br/luiz-silva-cuti/>>. Acesso em: 05 fev.18.

¹⁰ Produção crítica e historiográfica, em que se trata da literatura afro-brasileira e de seus contextos de produção e recepção. A autora também discorre neste livro sobre a escrita de mulheres negras no Brasil e destaca os suplementos de sentido agregados ao feminismo afrodescendente, fruto do “aviltamento do qual foi vítima esse corpo negro”, que sofreu com a redução a objeto sexual, além dos processos de “mutilação e automutilação”, a fim de buscar enquadramento nos padrões eurocêntricos de beleza feminina. Fonte: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/348-miriam-alves>>. Acesso em: 05 Fev.18.

Os brancos somam quase quatro quintos das personagens, com uma frequência mais de dez vezes maior do que a categoria seguinte (negros). Em 56,6% dos romances, não há nenhuma personagem não branca importante. Em apenas 1,6%, não há nenhuma personagem branca (DALCASTAGNÈ, 2007).

É possível perceber que a literatura brasileira é marcada de forma explícita por um determinado grupo étnico-social, e por esse motivo, busca legitimar a forma de dizer em virtude dos seus condicionamentos sociais. Dessa maneira, discute-se a diversidade nas vozes das narrativas literárias, pois é a partir da voz que esse grupo descortina outra ótica de mundo, marcando suas percepções e identificações.

Zilá Bernd (1988, p.48) indaga sobre “que fator será o determinante da fissura a partir da qual se pode falar [...] não mais apenas em temática do negro e da escravidão?” É essa necessidade de se pensar e de se fazer uma literatura que combatesse o estigma do racismo que torna a literatura afro-brasileira além de uma simples contribuição ao movimento negro, esta, por sua vez, efetiva um protagonismo de ressignificação do ser ficcional, possibilitando um novo tratamento aos personagens negros nos poemas, nos contos e nos romances. Pelas palavras de Eduardo Assis Duarte (2015), a literatura afro-brasileira:

Além de segmento ou linhagem, é componente de amplo encadeamento discursivo [...] Constitui-se a partir de textos que apresentam temas, autores, linguagens, mas, sobretudo, um ponto de vista culturalmente identificado à afro-descendência, como fim e começo. Sua presença implica redirecionamentos recepcionais e suplementos de sentido à história literária canônica.

A literatura afro-brasileira em geral está em linha com a luta contra o preconceito histórico enraizado e alimentado pela sociedade brasileira, mas o seu engajamento se molda em inovações estéticas, nas quais mostra o orgulho que o indivíduo afro-brasileiro tem de suas origens, da sua cultura, dos seus costumes e da sua religiosidade.

A imagem do negro na historiografia literária oficial até o final do século XVIII foi fator contribuinte para que houvesse uma propagação de novas formações discursivas contestatórias em torno deste sujeito. O negro passa então a se distanciar do tratamento como objeto, ou coisa, tradicionalmente descrito na visão estereotipada pela estética do movimento literário no cânone nacional. De acordo com Bernd (1988, p.48), esse demarcador de fronteiras é o surgimento de um *sujeito*

de enunciação no discurso poético, revelador de um processo de conscientização de ser negro entre brancos. Essa consciência de um “existir negro” é trazida pela literatura a partir de um passado histórico comum, que determina a existência e o resgate de uma memória negra, para desconstruir o mundo tecido a partir do olhar do branco.

Essa força em busca de reconhecimento foi impulsionada desde o período de colonização, pelos antecedentes históricos do povo negro, que desde aquele período já demonstravam revolta com a condição a que foram submetidos, e oposição às adversidades do cotidiano. Tais manifestos surgiam através de cartas endereçadas às autoridades, e denunciavam os maus tratos, explorações físicas e sexuais. A partir de então, criou-se uma forma de contrariar a ordem estabelecida no período colonial, que foi a criação dos quilombos¹¹, rota de fuga do povo negro para subverter a ordem estabelecida, na ávida tentativa de escapar da escravidão, das torturas, e das humilhações.

Naquele contexto, a formação de quilombos foi uma das possibilidades da população negra escravizada manifestar a sua revolta contra todas as formas de opressão sofrida, sendo essas revoltas muito bem organizadas, ainda que, nem sempre, com resultados favoráveis. Contudo, a formação de quilombos foi uma das maneiras mais viáveis para negros e negras conseguirem a sua liberdade, por isso teve tanta repercussão (REIS, 2017, p. 165).

Voltando para a literatura, ao assumir a voz enunciativa do discurso, os autores da literatura afro-brasileira adquirem uma atitude compromissada com a construção de um sujeito que assume um posicionamento em que visa um discurso empenhado na (re)construção da sua própria trajetória e imagem, legitimando assim, uma voz que enuncia a identidade de si mesmo e do lugar social ocupado por um grupo étnico no Brasil:

Caráter e corporalidade do fiador (enunciador) apoiam-se, então, sobre um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, de estereótipos sobre os quais a enunciação se apoia e, por sua vez, contribui para reforçar ou transformar. Esses

¹¹ Os quilombos constituíram-se em locais de refúgio dos escravos africanos e afrodescendentes em todo o continente americano. Os escravos fugiam das fazendas entre os séculos XVI e XIX, e se abrigavam nos quilombos para se defenderem da escravidão e resgatarem a cosmovisão africana e os laços de família perdidos com a escravidão. Neles, existiam manifestações religiosas e lúdicas, como a música e a dança. O mais famoso deles na história do Brasil foi o de Palmares. Fonte disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Quilombo>>. Acesso: 19 Fev.2018.

estereótipos culturais circulam nos registros mais diversos da produção semiótica de uma coletividade (AMOSSY, 2005, p. 72).

Tal representatividade, que é fator determinante enquanto *eu* enunciador que se reconhece negro e se quer negro, ganha força no tocante à temática do negro na literatura brasileira, que embora sempre esteve presente, quase todas as vezes foi de forma estereotipada. Seguindo essa ótica, Bernd (1988, p. 50) diz que,

Esse *eu* lírico em busca de uma identidade negra instaura um novo discurso [...] ao inverter um esquema onde ele era o Outro: aquele de quem se condoíam ou a quem criticavam. Passando de *outro* a *eu*, o negro assume na poesia sua própria fala e conta a história de seu ponto de vista [...] esse *eu* representa uma tentativa de dar voz ao marginal, de contrapor-se aos estereótipos (negativos e positivos) de uma literatura brasileira legitimada pelas instâncias de consagração.

Esse assumir-se “eu” será o fator preponderante da mudança de um novo olhar na literatura brasileira, pois essa intencionalidade de um *eu* enunciador conceituará o *eu* que se quer negro, evidenciando uma consciência crítica da realidade.

Trata-se de um processo de desenvolvimento da humanidade, de esclarecimento do ser humano, que começa a consolidar-se. Mais do que uma época de aclaramento racional, ocorrerá o enriquecimento como ato contínuo, que se traduz pela ideia de progresso, cuja “essência” é a capacidade de seres humanos, em número cada vez expressivo, pensarem por si mesmos (SANTOS, 2010, p.68).

A literatura afro-brasileira permite a apropriação do eu negro pelo próprio negro, possibilitando a experiência por novas subjetividades, resultando assim, em um autoreconhecimento, no fortalecimento da autoestima e na quebra estereotipada de apenas a raça branca ser única e ideal.

Vale ressaltarmos aqui a ciência da complexidade ao fazermos utilização do termo “raça”, porém, é necessário uma compreensão dos processos de construção da identidade racial, da singularidade de sua história, bem como conhecer o seu significado, o porquê esse termo é utilizado, e como é utilizado, pois o conceito de raça possui um forte componente histórico, cuja gênese da ideia de raça origina os mitos de superioridade e de inferioridade entre colonizadores e conquistados, esta, sendo a principal justificativa para as relações de dominação instituídas naquele contexto.

É neste sentido que elegemos a obra de Conceição Evaristo para esta pesquisa, uma vez que o lugar que a autora ocupa na literatura afro-brasileira vai além da construção de personagens e narrativas que envolvem o leitor nos primeiros parágrafos, ela também vai tecendo registros da vida de mulheres negras, que resistem e, principalmente, dá trato a essência de uma história, fator preponderante para compreendermos o Brasil, os seus preconceitos e o porquê das suas diversas formas de exprimir violências.

2.2 Conceição Evaristo e a autoria feminina negra

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, em 29 de novembro de 1946. De origem humilde, nasceu em uma família de mulheres negras faxineiras, cozinheiras e empregadas domésticas. É a segunda de nove irmãos, viveu na favela Pendura Saia, encravada no alto da Avenida Afonso Pena, área nobre de Belo Horizonte. Migrou para o Rio de Janeiro na década de 1970. Iniciou, em 1976, a graduação em Letras pela UFRJ, período em que testemunhou a intensificação de um movimento negro de caráter nacional. Nesse momento, assistia-se à luta dos negros norte-americanos por direitos civis e aos movimentos de descolonização dos países africanos, tendo ambos exercido grande influência no contexto brasileiro.

Foi ainda nos anos 70 que a autora iniciou seu engajamento na militância política, e embora tenha-se firmado no movimento social no Rio de Janeiro, a autora, por também ter participado do movimento negro durante alguns anos que antecederam a ditadura militar, quando ainda residia no Estado de Minas Gerais, associa os indícios de sua militância ao ano de 1972, em Belo Horizonte.

Em 1972, em Belo Horizonte, a gente já ouvia os ecos do Movimento Negro dos Estados Unidos, porque em 1972 eu já usava o cabelo *black power*, influenciada por Angela Davis. Quando eu vim pro Rio fazer o concurso pro magistério, eu já usava o cabelo *black power*. Então, nesse momento em Belo Horizonte eu já recebo ecos de movimento negro. É essa questão do famoso lema, "*Black is beautiful*". Então naquele momento lá em Belo Horizonte, agora que eu estou me recordando, eu já compactuava com esse ideal. Agora, em termos de militância mesmo, de Movimento Negro, assim, como

luta coletiva, eu venho conhecer melhor é no Rio de Janeiro¹². (EVARISTO, 2010).

Em 1982, a autora participou da fundação do grupo *Negrícia – poesia e arte de crioulo*, composto por Éle Semog, Deley de Acari, Hélio de Assis, dentre outros artistas atuantes nos movimentos sociais do Rio de Janeiro.

O grupo realizava recitais de textos literários em favelas, presídios, bibliotecas públicas, além de manter relações com outras organizações artísticas e políticas do movimento negro pelo país, tendo organizado três encontros nacionais de escritores negros.

Conceição Evaristo, como assim é conhecida, trabalhou como professora da rede pública de ensino da capital fluminense. É mestre em literatura brasileira pela PUC do Rio de Janeiro, com a dissertação *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (1996), e doutora em literatura comparada na Universidade Federal Fluminense, com a tese *Poemas malungos, cânticos irmãos* (2011), na qual estuda as obras poéticas dos afro-brasileiros Nei Lopes e Edimilson de Almeida Pereira em confronto com a obra do angolano Agostinho Neto.

Participante ativa dos movimentos de valorização da cultura negra em nosso país, ela estreou na literatura em 1990, quando passou a publicar seus contos e poemas na série *Cadernos Negros*, os quais eram editados pelo grupo paulista Quilombhoje. A partir de então, uma série de poemas e contos foram publicados nos *Cadernos Negros*, onde teve seu primeiro romance *Ponciá Vicêncio* (2003) acolhido pela crítica literária e pelo público. O livro foi incluído nas listas de diversos vestibulares de universidades brasileiras e vem sendo objeto de artigos e dissertações acadêmicas.

Em 2006, Conceição Evaristo traz à luz seu segundo romance, *Becos da memória*, em que trata, com o mesmo realismo poético presente no livro anteriormente citado, do drama de uma comunidade favelada em processo de remoção. E, mais uma vez, o protagonismo da ação cabe à figura feminina, símbolo de resistência à pobreza e à discriminação. Em 2007, sai nos Estados Unidos a tradução de *Ponciá Vicêncio* (2003) para o inglês, pela *Host Publications*. Vários

¹² EVARISTO, Conceição. Depoimento. Entrevista concedida a Bárbara Araújo Machado. Rio de Janeiro, em 30-09-2010. Disponível em: <<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=343>>. Acesso em: 19 Fev.2018.

lançamentos são realizados, seguidos de palestras da escritora em diversas universidades norte-americanas¹³.

No que diz respeito à sua poesia, até então restrita às antologias e à série *Cadernos Negros*, passa a ganhar maior visibilidade em 2008, a partir da publicação do volume *Poemas de recordação e outros movimentos*, em que mantém sua linha de denúncia da condição social dos afrodescendentes, porém inscrita num tom de sensibilidade e ternura próprios de seu lirismo.

Em 2011, Conceição Evaristo lançou o volume de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres*, obra elegida para análise nesta dissertação, em que, mais uma vez, trabalha o universo das relações de gênero num contexto social marcado pelo racismo e pelo sexismo.

Escritora versátil, Conceição Evaristo cultiva a poesia, a ficção e o ensaio na sua forma de escrever. A autora traz em sua escrita a formação de uma identidade negra combativa e reivindicatória de direitos em uma sociedade marcada pelo domínio da ideia hegemônica da democracia racial¹⁴. Se, tradicionalmente, aquele se preocupa com o universal humano e esta, com o particular ou com o indivíduo, a autora propõe a junção dos dois gêneros, pois, para ela, pensar a si é também pensar seu coletivo. Assim, afirma Hanchard (2001, p. 31):

Que a consciência racial representa o pensamento e a prática dos indivíduos e grupos que reagem à sua subordinação com uma ação individual ou coletiva, destinada a contrabalançar, transpor ou transformar as situações de assimetria racial.

É neste viés que podemos trazer para esta pesquisa o termo “escrevivência”, no qual é designado pela autora para relatar a experiência como alimento da sua escrita. Escrevivência se faz entre o corte de cunho biográfico e a (re) construção de vida através de pontes metafóricas que são peças literárias e biográficas simultaneamente. A autora chama de escrevivência, “a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil”, Oliveira (2006), a leitura que antecede e nutre seus escritos, tanto na sua vida pessoal quanto na dos seus personagens, que geralmente são excluídos socialmente, como favelados,

¹³ Fonte: <<http://www.letras.ufmg.br/literafr/>>. Acesso em: 15 Jan.2018

¹⁴ MACHADO, Bárbara Araújo. A literatura em movimento (negro): Conceição Evaristo e a intelectualidade negra carioca (1982-2006). Disponível em:<http://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1340393199_ARQUIVO_TextocompletoENHO.pdf>. Acesso em: 20 Jan. 2018.

desempregados, prostitutas, mulheres negras, entre outros, razão pela qual lutam contra a existência em condições sociais desfavoráveis.

Ainda de acordo com Oliveira (2016), ler é também arquivar a si, pois se selecionam momentos e estratégias de elaboração do passado, o qual compõe as cenas vividas, escritas e recriadas em muitos de seus personagens.

A prosa de Evaristo passeia entre o romance e a escrita de si, onde demarca uma ficção de encontro com a realidade vivida por ela, sua mãe e tias, onde ouviu muitas histórias no seio familiar: “Jantamos os três juntos. Tia Aurora e meu pai remontavam histórias de família; algumas eu sabia, outras não” (EVARISTO, 2016, p. 75). O ser mulher, negra e oriunda de uma vida pobre, são as características predominantes que levam à fala e à escrita nas suas obras, marcadas também pela crítica social e pela ancestralidade¹⁵ das suas personagens. Assim, Conceição Evaristo diz que

Eu sempre tenho dito que a minha condição de mulher negra marca a minha escrita, de forma consciente inclusive. Faço opção por esses temas, por escrever dessa forma. Isso me marca como cidadã e me marca como escritora também (informação verbal)¹⁶.

Conceição Evaristo evidencia em sua obra a preocupação em fazer emergir um discurso subalterno, uma vez que o lugar de enunciação mostra-se solidário e identificado com os menos favorecidos, sobretudo, através do universo das mulheres negras e pobres. E este universo do sujeito autoral parece ser recriado através das caracterizações físicas, psicológicas, sociais e econômicas de suas personagens do gênero feminino.

Neste sentido, Spivak (2010, p.126) diz que o subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à “mulher” como um item respeitoso nas listas de prioridades globais. A representação não definiu. Esta afirmativa trata especificamente das mulheres de países indianos, porém, este pensamento nos leva a refletir sobre a mulher afro-brasileira no contexto da literatura no Brasil até o século XX. Pensar a condição do subalterno e o silenciamento das mulheres afro-

¹⁵Termo utilizado pela autora para falar sobre religiões de matriz africana.

¹⁶Entrevista concedida por EVARISTO, Conceição. **Conceição Evaristo: a literatura como arte da ‘escrivência’** [jul.2016]. Entrevistador: Leonardo Cazes. Rio de Janeiro, 2016. A entrevista na íntegra encontra-se disponível em:<<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/conceicao-evaristo-literatura-como-arte-da-escrevivencia-19682928>>. Acesso em: 19 Jun.2017.

brasileiras na literatura, através da escrita, ganha um significado plausível no tocante à condição de domínio e poder, pois a linguagem é um instrumento que ocupa um lugar privilegiado na sociedade e nas letras.

Visto que a literatura não é mero reflexo da sociedade, pois traz consigo elementos transformadores da realidade, podemos enfatizar o então caráter de cunho político-social nas obras da autora aqui mencionada, pois “a literatura é poder, poder de convencimento, de alimentar o imaginário, fonte inspiradora do pensamento e da ação” (CUTI, 2010, p.12).

A subversão que os indivíduos subalternos têm feito no tocante ao que o racismo reserva à população negra na sociedade vem mostrando que os negros passaram de objetos históricos, antes vistos como “coisa”, a sujeitos. O reflexo dessa mudança do processo histórico é visto na obra de Conceição Evaristo, na qual a autora escreve sobre o negro agente de sua própria história, em que o discurso se pauta no “eu enunciador”:

Os versos¹⁷ enfatizam a necessidade do eu poético de falar por si e pelos seus. Esse sujeito de enunciação, ao mesmo tempo individual e coletivo, caracteriza não apenas os escritos de Conceição Evaristo, mas da grande maioria dos autores afro-brasileiros, voltados para a construção de uma imagem do povo negro infensa aos estereótipos e empenhada em não deixar esquecer o passado de sofrimentos, mas, igualmente, de resistência à opressão. Essa presença do passado como referência para as demandas do presente confere à escrita dos afrodescendentes uma dimensão histórica e política específica, que a distingue da literatura brasileira (DUARTE, 2006, p. 306).

Seguindo esta linha de pensamento, Bourdieu (2006, p. 189) especifica essa trajetória como sendo uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações. Desse modo, Conceição Evaristo, sabendo que é possível à obra uma (re) construção da vida, traz em seu projeto literário demarcações de possíveis trajetórias e escrita de cunho biográfico. Assim, sugere Bourdieu (2006, p.189), que entendam os acontecimentos biográficos como ‘colocações’ e ‘deslocamentos’ nos campos sociais. Defende este teórico, que é “necessário para construir os estados sucessivos do campo na qual determinada

¹⁷ Do poema “Vozes-mulheres”, publicado em 1990 em Cadernos Negros, de número 13, e que até hoje figura como espécie de manifesto-síntese de sua poética. Fonte: <[http:// dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2006000100017](http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2006000100017)>. Acesso em: 10 Jan.2018.

trajetória se desenrolou e o conjunto de relações objetivas do agente dessa trajetória com os demais agentes envolvidos no campo” (BOURDIEU, 2006, p.190).

A escrita de Conceição Evaristo é caracterizada pela forma poética com que denuncia e reivindica a questão de ser negro, assumindo o compromisso social alimentado pela matriz quilombola demonstrado na literatura afro-brasileira, dessa forma, “se há uma literatura que nos inviabiliza ou nos ficciona a partir de estereótipos vários, há um outro discurso literário que pretende rasurar modos consagrados de representação da mulher negra na literatura” (EVARISTO, 2005, p. 54).

Assim, a autora constrói uma contranarrativa que dá voz a uma lacuna antes vazia, e assume a posição de contrafala ao discurso tradicional, que detinha o poder. Essa voz do eu anunciador demonstra o ponto de vista da autoria feminina sob os perfis construídos de suas personagens, abordando na literatura as questões raciais, étnicas e o papel social que a mulher negra contemporânea exerce.

A autoria feminina representada na literatura afro-brasileira, por autoras como Miriam Alves e Ana Maria Gonçalves¹⁸, tem quebrado o estereótipo da mulher negra antes sexualizada, ou procriadora, marginalizada, dona de casa, submissa. Em sua escrita, Conceição Evaristo lança um olhar para fora dessa problemática, em que as figurações do discurso patriarcal tradicional se deslocam e o lugar secundário ocupado pelas personagens de cor na literatura canônica cede vez ao protagonismo na literatura afrodescendente.

Evaristo (2010, p.138) toma como parte de seu *corpus* a história do povo negro brasileiro, agora vivida e interpretada do ponto de vista negro, uma história dos dominados:

Crio as minhas próprias tintas de maneira bem artesanal. Aprendi com as mulheres de minha família a extrair sumos de plantas. Cresci vendo minha mãe macerar folhas para tingir roupas. Tínhamos um

¹⁸ Autora contemporânea, nasceu em 1970, em Ibiá-MG. Em 2006, a autora torna-se conhecida em todo o país com o lançamento de *Um defeito de cor*, narrativa monumental de 952 páginas. O romance encena em primeira pessoa a trajetória de Kehinde, nascida no Benin (atual Daomé), desde o instante em que é escravizada, aos oito anos, até seu retorno à África, décadas mais tarde, como mulher livre, porém sem o filho, vendido pelo próprio pai a fim de saldar uma dívida de jogo. Dotada de aguçada visão crítica quanto às relações sociais vigentes e solidária com os estratos subalternizados da população, Ana Maria Gonçalves vem participando de inúmeros debates no Brasil e no exterior. Seu projeto literário não abdica, pois, de a todo instante provocar a reflexão do leitor quanto às condições históricas que levam à permanência da desigualdade, do racismo e de demais formas de discriminação. Fonte: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/443-ana-maria-goncalves>>. Acesso em: 20 Jan.2018.

guarda-roupa naturalmente colorido. Aprendizado que ela herdou de minha avó, que já havia recebido esse legado de outras mulheres mais antigas ainda, desde o solo africano (EVARISTO, 2016, p.79).

No trecho acima, percebe-se que a escrita da autora é regida por uma linhagem ancestral, na qual a figura feminina é a matriz. Os traços fortes de um berço cultural, da criação, de lutas e das vivências estão sempre sendo ressaltados na forma de escrever de Conceição Evaristo.

O discurso da autora revisita a historiografia da literatura brasileira da qual resgata a voz da autoria feminina silenciada ao longo dos séculos, onde estabelece um diálogo que permeia entre seus textos e a visão crítica literária, contemplando um novo paradigma de representar a mulher negra, fundamentado na construção identitária entrelaçada pelo gênero, etnia e pelas memórias:

Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando um pouco sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir um silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo (EVARISTO, 2005, p. 202).

Com o poder que a palavra enunciada possui, ela tem dado aos mal-estares vividos pelos negros uma narrativa que tenta escapar do personagem afrodescendente tradicionalmente representado na literatura tradicional brasileira, através da inferiorização, e em sua escrita ela busca a reconstrução, ao passo que rejeita a condição de submissão e indivíduo marginal. Dessa forma, a reconstrução, no sentido da quebra de estereótipos e empoderamento, da identidade da mulher negra em suas obras, possibilita o reconhecimento de um outro discurso literário, cuja abordagem histórico-social é o fio condutor da experiência do indivíduo e a representação desta experiência na expressão literária.

Entendemos então que a autora constitui em sua produção literária uma denúncia social que corrobora com a consolidação de uma literatura brasileira escrita por mulheres afrodescendentes. Visto que tanto a crítica quanto o cânone literário são afetados pelas estruturas de poder, a autoria feminina negra insere-se neste contexto como duplamente oprimida, em um lado há o racismo, e, em outro, o sexismo.

Porém, finalizamos dando ênfase ao que propõe a escrita das escritoras negras contemporâneas, em que seus textos constituem uma forma de (re)contar a história a partir de uma subjetividade singular, moldando um novo formato da busca da identidade feminina tanto individual quanto coletiva, e da representação dos afro descendentes.

2.3 *Insubmissas Lágrimas de Mulheres: uma narrativa de dor e empoderamento*

Insubmissas lágrimas de mulheres, eleita objeto de análise desta pesquisa, possui uma forte inclinação social, na qual aborda temas como a discriminação racial, de gênero e de classe. A obra reforça e dá continuidade ao projeto estético da autora Conceição Evaristo, pois foca numa representatividade do século XXI, em que evidencia e enaltece vozes femininas negras. Podemos mencionar aqui algumas obras que corroboram para o entendimento do projeto da autora, tal como o romance *Becos da memória* (2006), escrito no início dos anos 1980 e engavetado durante 20 anos. Esta obra é marcada pelo teor dramático, com intuito de levar para a literatura toda tensão que diz respeito a vivência daqueles que estão, cotidianamente, expostos à violência nas mais diversas modalidades. O cenário desta obra perpassa entre bordéis, delegacias, barracos e calçadas, locais que insinuam ao leitor onde se passa a real pobreza brasileira.

Em *Becos da memória*, a autora reforça a denúncia social, característica peculiar de suas obras, sem dar glamour ao território dos morros e dos subúrbios. Ela alia essa denúncia a um lirismo com tom de tragédias, cujo cenário vai remontando o mundo subjetivo dos excluídos socialmente, mas que na obra, mostram-se pessoas sensíveis, que também alimentam sonhos, almejam melhorias de vida, e carregam muitas lembranças. A outra obra que citaremos aqui, *Olhos d'água* (2014), trata-se da antologia que aborda, em quinze contos, sem meias palavras, as agruras diárias pelas quais passam os afro-brasileiros numa sociedade tão excludente quanto a brasileira. A autora consegue trazer para a literatura faíscas da vida cotidiana, cercada por uma realidade que envolve pobreza, miséria e violência urbana, sem sentimentalismos.

Em sua escrita, há um olhar de quem se permite exercer empatia pelas inúmeras histórias, sobretudo, de mulheres negras. *Olhos d'água* também é

marcada pela autonomia dada às vozes que sempre estiveram à margem, silenciadas em diversas maneiras. Nesta obra, ela faz um ajuste do seu foco que é o interesse pela população afro-brasileira, e compartilha, através dos seus contos, a história de mulheres, mães, filhas, avós, amantes, que vivem no dilema social, sexual e existencial, enquanto ser negro, e evoca na obra a pluralidade e a vulnerabilidade que constitui a condição humana enfrentada pela população afro-brasileira.

De dentro da cena, essas “vozes-mulheres” explicitam seus temores, suas dores, seus anseios, mas, sobretudo, descortinam uma imensurável capacidade de se retirarem do lugar do sofrimento e se (re)inventarem nos modos de resistências combativos aos reflexos de um sistema patriarcal presente na sociedade brasileira ainda no século XXI.

Voltando para a obra elegida para esta pesquisa, *Insubmissas lágrimas de mulheres* compõe treze contos que relatam, através de personagens narradoras, as vivências de caráter social, político e afetivo, representadas pela condição de ser mulher afro-brasileira. Suas angústias, seus sonhos, conquistas, dissabores e a sexualidade são temas recorrentes nesses contos, uma vez que a autora procura construir nessa obra as representações de mulheres que pertencem especificamente a um determinado grupo étnico, uma vez que trata de personagens negras. As mulheres/personagens da obra não aceitam o sexismo, as agressões físicas, o racismo e nenhuma das outras diversas formas de violências às quais foram submetidas, como no trecho do conto *Saltina Campo Belo*:

Um dia, em que ele desejava beijos e afagos, e eu sem desejo algum, sem nada a palpitar por dentro e por fora [...] Ele, sorrindo, dizia não acreditar e apostava que a razão de tudo deveria ser algum medo que eu trazia escondido no inconsciente. Afirmava que eu deveria gostar muito e muito de homem [...] Ele iria me ensinar, me despertar, me fazer mulher. E afirmava, com veemência, que tinha certeza de meu fogo, pois afinal, eu era uma mulher negra, uma mulher negra... (EVARISTO, 2016, p. 63-64).

O trecho acima retrata uma imposição sexista, do homem para com a mulher, em um visível comportamento de dominação, submetendo à mulher sempre “às normas” tidas como naturalizadas pela masculinidade, enfatizando que o homem não concebe à mulher vontade e desejo próprios, alimentando uma atmosfera que presume a mulher pertencendo sempre ao outro, satisfazendo os anseios do

homem, e quase nunca de si própria, mas que se descobre e se revela um ser mulher, imprimindo alteridade ao contexto que está inserida.

No contexto da insubmissão que a obra retrata, pressupõe a existência de forças que subjagam, ou tentam subjugar. Portanto, podemos considerar que a leitura desses contos deve ser feita a partir do ponto de vista que considera que a voz emitida através dos textos, emite um grito de quebra do paradigma do patriarcalismo, que imprime conceitos de forte opressão sob às mulheres, “isso porque a violência cometida contra outrem é a afirmação mais evidente da alteridade desse outrem” (BEAUVOIR, 1961, p. 94).

É a partir de uma narrativa que detém conhecimento do que diz, que os textos de *Insubmissas lágrimas de mulheres* são narrados em 3ª pessoa, numa íntima fusão entre as personagens através da voz ficcional da narradora e a voz autoral, apresenta ao leitor uma linguagem simples e objetiva que permite uma reflexão e análise sobre a vivência acerca da condição feminina brasileira, em destaque para as afrodescendentes:

Da voz outra, faço a minha, as histórias também [...] Portanto estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas [...] Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência (EVARISTO, 2016, introdução, p. 7).

Analisando o trecho acima extraído da introdução da obra, podemos comentar que os títulos de cada um dos treze contos publicados tiveram sua construção pelo nome e sobrenome das mulheres/protagonistas das histórias percorridas pela autora. O que nos indica o orgulho delas em ser parte da linhagem ancestral do povo negro, e ainda, em alguns casos, se (auto) nomearem a partir do empoderamento que deram ao novo percurso de suas vidas, sem carregar – ou aceitar – uma filiação do outro como referência, tornando a vivência, de fato, um *eu* enunciador. Ao relatar as histórias de insubmissão das personagens femininas da obra, Conceição Evaristo narra situações ficcionais que ainda são registradas por mulheres em pleno século XXI. Portanto, a leitura da narrativa elaborada em *Insubmissas lágrimas de mulheres* contribui de forma enriquecedora para a compreensão acerca das mulheres que vivem numa opressão, permitindo, a partir da voz da autora, que, nesta obra, também é narradora, fazer entender tais vivências e a luta por contexto isento de

preconceito ou discriminação de qualquer natureza na obra, formando opinião sob aquele que a lê. Assim, Cândido (1995, p. 243) diz que: “[...] a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação [...], sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. [...] Significa que ela tem papel formador da personalidade [...]”.

O trecho acima vai de acordo com o caráter humanizador que a obra detém, legitimando uma narrativa na qual o leitor possa refletir acerca do ser mulher na contemporaneidade, tomando conhecimento das vivências oriundas das relações sociais, e desse modo, colaborando para o processo de humanização do leitor.

A obra traz um sofrimento vivenciado pelas personagens protagonistas, porém, é um sentimento feminino coletivo, uma vez que historicamente, desde quando foram submetidas à condição de escravizadas, foram silenciadas, vistas como coisas e objeto de desejo sexual, além de serem também violentadas. A dor e a tragédia presentes na obra se configuram nesse sentido, porém ao manifestarem consciência de sua condição de ser vista como subalterna, essas personagens passam a se encaixar em uma nova configuração, e vão de oprimidas para resistentes:

Esperançosa, aguardei que ela me convidasse para ser sua aluna no balé. Aguardei não só o convite dela, mas a oportunidade de ser a bonequinha negra. E ainda esperei, também, alguma explicação sobre as razões da troca por outra menina. [...] quando uma menina branca, pintada de preto, no meu lugar, fingiu ser a bonequinha negra que eu era. Mas nem as dores, as violências sofridas nessa época de infância, cuja compreensão me fugia, tiveram a força de me fazer desistir. A cada dificuldade que me era apresentada, a minha determinação crescia, apesar de... (EVARISTO, 2016, p. 110).

Então, mostra-se nos contos a luta das protagonistas contra todo um sistema sociocultural e patriarcal brasileiro, que produz sofrimento, humilhação e injustiça, levando as personagens a um embate vivido (e enfrentado) no cotidiano de cada uma delas.

Entre as formas de agressão às personagens mais recorrentes nos contos estão relacionadas à violência simbólica, que, sem coação física, causa danos morais e psicológicos, e vai além dos discursos dominantes, legitimando, em seguida, a prática da violência física. Nesta narrativa podemos ter o discernimento do qual os sinais que evidenciam uma violência não estão necessariamente ligados

ao crime ou confrontos civis. Há uma presença constante nessa narrativa desse tipo de violência, que é a simbólica, subjetiva, na qual está encarnada na linguagem e nas formas, e não somente na ação em situações que está evidente a prática do ato violento.

A violência subjetiva é somente a parte mais visível de um triunvirato que inclui também dois tipos objetivos de violência. Em primeiro lugar, há uma violência “simbólica” [...] essa violência não está em ação apenas de provocação e de relações de dominação social que nossas formas de discurso habituais reproduzem. Em segundo lugar, há aquilo que eu chamo de violência “sistêmica”, que consiste nas consequências muitas vezes catastróficas do funcionamento regular de nossos sistemas econômicos e político (ZIZEK, 2014, p.17).

Em *Insubmissas lágrimas de mulheres*, a realidade é exposta, porém num contexto ficcional, e a narrativa da autora (que também se faz personagem nesta obra) nos revela tais formas que imprimem essas violências. “O narrador-protagonista, portanto, encontra-se quase que inteiramente limitado a seus próprios pensamentos, sentimentos e percepções” Friedman (2002, p. 177).

Os contos apresentam a relação de poder do homem sobre a mulher, no entanto, todos os desfechos são otimistas, nos apresentando o que “poderiam ser” e/ou “deveriam ser”. Neste viés, o modelo de dominação masculina afixada no patriarcalismo têm características relacionadas à violência física, que, de acordo com Gomes (2008):

No modelo de dominação masculina são valorizadas características como força, o poder sobre os mais fracos (seja sobre mulheres ou sobre outros homens), a coragem, a atividade (aqui entendida como o contrário da passividade, inclusive sexual), a potência, a resistência, a invulnerabilidade, entre outras, consideradas positivas (GOMES, 2008, p. 77).

E é nessa conjuntura que a narrativa acerca das personagens de *Insubmissas lágrimas de mulheres* se ergue, contra o poder de seus algozes, concluindo a força da resiliência feminina diante dos sofrimentos que ainda são impostos por uma sociedade brasileira do século XXI, historicamente machista e violenta.

3 A REPRESENTAÇÃO DA PRÁTICA DA VIOLÊNCIA NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

A literatura afro-brasileira busca se orientar em uma literatura fundamentada em um novo ponto de vista, lançando um olhar para as personagens negras que atravesse a desmistificação da questão étnica como medidor da integridade e da conduta do ser humano. Essa nova proposta de fazer literatura nos traz produções que possam refletir no tocante às relações sociais, de etnia, e das relações interpessoais.

As correntes mais modernas [...] encontram no leitor a chave essencial na qual a obra se completa e encontra sua interpretação de maneira plena, contudo, não deixa de enxergar, também, na autoria, uma figura importante para a compreensão da obra, não essencial nem condicional para a compreensão do texto, mas parte integrante e contemporânea ao texto.(MATTIOLI, 2013, p. 47).

Para darmos início a esta análise, precisaremos compreender o conceito geral do termo “violência”, que, para Saffioti (2015), “trata-se da violência como ruptura de qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral”. Podemos observar então, que dentre as formas cuja violência pode estar representada, temos agressões manifestadas de forma palpável, assim como violências de caráter psíquico e/ou moral, que se situam fora do eixo “visível” a essas vítimas. Assim, todo ato que resulte em morte ou lesão física, sexual ou psicológica de mulheres, se configura em violência contra mulheres. Essa vulnerabilidade aumenta quando se trata de mulheres negras, uma condição que é impulsionada por vários aspectos que são reproduzidos e se mantém alimentados diariamente pela sociedade.

No presente trabalho, trataremos a questão de como a violência sofrida pelas personagens negras, em suas diversas vertentes, é tratada na literatura afro-brasileira. Para tanto, é necessário nos desprendermos do conceito da violência em si associado ao crime e aos confrontos civis. Na obra aqui analisada, é perceptível o teor de narrativas impactantes em um cenário que traz, ora violências físicas/corpóreas, outras, violências indiretas, subjetivas, porém visivelmente exercidas por agentes sociais e políticos inscritos nas sociedades. Para esse entendimento, Zizek (2014) afirma que

A violência subjetiva é somente a parte mais visível de um triunvirato que inclui também dois tipos objetivos de violência. Em primeiro lugar, há uma violência “simbólica” encarnada na linguagem e em suas formas [...] Em segundo lugar, há [...] a violência “sistêmica”, que consiste nas consequências muitas vezes catastróficas do funcionamento regular de nossos sistemas econômicos e político (ZIZEK, 2014, p. 17).

Nesse entendimento, podemos considerar que nenhuma das formas de violência podem ser compreendidas através de um mesmo olhar, pois as violências que não podemos ver a olho nu são aquelas que sustentam a “normalidade”, cuja, nesta pesquisa, será percebida como algo subjetivamente violento. Não somente na sociedade esta prática de violentar mulheres negras está enraizada, na literatura brasileira tradicional também é notória a quantidade de registros que somam diversos atos que se associam a comportamentos típicos da sociedade tradicional embasada nos costumes patriarcais. “De modo inquestionável, aponta-se para uma reciprocidade entre a literatura e a história. O pensamento social, a história, as leituras podem se organizar por entre os temas das narrativas” (MATTIOLI, 2013, p. 47).

É coerente ao pensamento de Mattioli, dizer que a literatura tem feito registros de como a violência se apresenta em diversas nuances, de forma física ou simbólica, tendo o agressor como representatividade da cultura dominante. Portanto, trataremos aqui não somente das violências diretas, mas também das inúmeras formas (perceptíveis ou não) de coagir, que são sustentadas pelas sociedades através da tríplice hegemônica de dominação, exploração e opressão.

[...] podemos nos dar conta que a violência pode ser explícita, direta ou, então, indireta. Assim, podemos vê-la claramente acontecendo, quando, por exemplo, presenciamos um briga na rua, uma cena de tiroteio na televisão, uma discussão acalorada. Ou quando nos damos conta de sua existência porque percebemos os resultados [...] A violência tem muitas caras, algumas disfarçadas de tradição, outras de moralidade, outras, sem disfarce algum, mas sempre carregadas de algum tipo ou quantidade de poder que lhes permitam violentar em alguma extensão (GROSSI, 2012, p. 51-52).

São esses fenômenos sociais que citamos como relativamente ocultos, na literatura e na sociedade, quando se trata das questões ligadas ao gênero e ao sistema patriarcal. A existência dessa forma discriminatória, entendida nesse estudo como um tipo de opressão, é uma das representações camufladas de se praticar a

violência contra uma mulher. Sendo que cada mulher terá uma interpretação subjetiva de compreender esse mecanismo de ordem social. Para um melhor entendimento, enfatizamos o pensamento de Saffioti (2015) quando diz que,

Tudo, ou quase tudo, ainda é feito sob medida para o homem. Os equipamentos fabris estão neste caso, não o bastante as mulheres terem penetrado nas fábricas desde a Revolução Industrial. Claro que a máquina de costura, inclusive a industrial, é feita para o corpo da mulher, a fim de mantê-la em suas funções tradicionais (SAFFIOTI, 2015, p. 81)

Assim, na obra aqui elegida, essa violência não está representada apenas em atos de *barbárie* física cometidos contra as personagens negras, ela surge também como forma de resistência à construção social que respinga e imprime-se na literatura. De acordo com Grossi (2012) “tentativas de explicar a violência contra mulheres aparecem na literatura com um grande número de diferentes perspectivas. Isso, por si só, sugere que esse tema é uma questão complexa”. As pesquisas acerca desse tema na literatura compõe a construção de um entendimento que conceitua a violência contra a mulher negra. Desse modo, ainda pelo pensamento de Grossi (2012),

As feministas corretamente nos lembram que toda ciência é uma atividade social embutida em um contexto sócio histórico [...] Além disso, pesquisas recentes sobre maus tratos [...] reconhecem que mulheres provindas de diferentes grupos étnicos e raciais experimentam um conjunto de opressões (classe, raça e gênero) que, provavelmente, moldam suas experiências com violência em suas casas; que os maus tratos [...] são resultantes da iniquidade racial e patriarcal (GROSSI, 2012, p. 42-43).

Dentro desta perspectiva, fundamenta-se a questão da violência que as personagens negras sofrem em suas relações no espaço público, bem como no espaço privado. Compreende-se assim, que a violência na literatura afro-brasileira não está relacionada somente às mulheres agredidas fisicamente, mas também, à violência causada pela sociedade de um modo geral, configurada através do racismo e de outras práticas discriminatórias que afetam esse grupo oprimido. Nessa literatura é possível observar os modos pelo qual a violência contra as personagens negras perpassa pelos textos afim de denunciar a escrita literária tradicional, mas também como forma de abolir a influência de um contexto sociocultural que reprime e oprime esse grupo ainda visto como minoria.

A literatura sobre violência contra as mulheres tem suas origens no início dos anos 80, constituindo uma das principais áreas temáticas dos estudos feministas no Brasil. Esses estudos são frutos das mudanças sociais e políticas no país, acompanhando o desenvolvimento do movimento de mulheres e o processo de redemocratização (SANTOS; IZUMINO, 2005, p.1).

É por esse entendimento que podemos dizer que a violência não se restringe a uma manifestação alheia ao tempo e ao espaço em que acontece, ela é entendida também pela perspectiva histórica, visto que esta constitui atos violentos desde o período da colonização, passando pela escravidão, pela ditadura, até os dias atuais. Assim, esta pesquisa nos permite fazer uma releitura da literatura a partir de uma ótica reflexiva que possa coibir as formas de representar a violência sofrida pelas mulheres. Afirma Ginzburg (2017) que,

A leitura de textos literários, sabemos há muito tempo, é capaz de romper com percepções automatizadas da realidade. Se estamos habituados a ver as coisas de modo pautado por parâmetros opressores, em razão de circunstâncias hostis, a leitura pode deslocar os modos de percepção (GINZBURG, 2017, p.41).

É neste viés que os fatores habituais do dia a dia passam a ganhar uma nova configuração no contexto literário, de forma que esse problema social seja debatido na literatura afro-brasileira de autoria feminina, a fim de propor uma leitura política no tocante às relações e a igualdade social entre os gêneros, pois, dessa forma, essa temática de como a violência contra a mulher está representada em diversas nuances trazem debates válidos que contribuem para a valorização dos direitos da mulher na sociedade.

A representação da violência na literatura afro-brasileira nos permite uma leitura democrática acerca desse tema, de forma que nos desgarramos das ideias afixadas da literatura tradicional, nos dando a oportunidade de rever essa problemática social intercalando seus vínculos com a história dos estudos literários como um todo, uma vez que se percebe essa literatura como reveladora de abordagens distintas em contextos ligados à sociedade, o que possibilita o alargamento no modo de discernir os fatos.

Outro fator relevante que pretendemos apresentar nesta pesquisa é no que tange ao silenciamento e a invisibilidade da violência que essas personagens sofrem. Nesse sentido, podemos olhar para a violência de gênero através da visão

de Reis (2017), como “a opressão das mulheres no conjunto das relações sociais, bem como as relações de poder que também são desigualmente distribuídas entre os sexos”. É nesta perspectiva que se faz necessário o entendimento da trajetória histórica do movimento de mulheres negras, assim, compreende-se que tais lutas sugerem que a questão do gênero não está resumida somente ao sexo, mas que, mais amplamente, é uma luta político-social de igualdade também entre classes e raças.

Nesse sentido, podemos dizer que as discussões na literatura devem também ser feitas sob a ótica secular do racismo, cujo é o fator que estrutura as relações sociais, não podendo assim, falar em economia; falar em política; falar em Estado democrático de direito; ou falar em capitalismo sem falar em racismo, uma vez que essas categorias não podem ser pensadas isoladamente. Tendo como um fato histórico na literatura, refletido através da sociedade, sabemos que as opressões se combinam, e no caso da mulher negra, elas são ainda mais intensificadas.

A invisibilidade social da violência contra mulheres, e conseqüentemente, no campo da literatura, só veio a ser descortinada e tratada pelo Estado como uma questão social no final do século XX em uma Conferência das Unidas para Mulheres, em Beijing, na China. Na ocasião, “afirmou o conceito de que “a violência contra mulher viola os direitos humanos” (GROSSI, 2012). Com essa afirmativa, fica claro que a questão da violência de gênero motiva impactos irreparáveis na saúde física, psicológica e sexual das mulheres agredidas, é por essa razão que tal ato potencializa o grau de complexidade dessa problemática.

Ainda nessa linha de pensamento, complementa o pensamento de Grossi (2012) que “a opressão, as desigualdades e as assimetrias, que fizeram das mulheres seres hierarquicamente inferiores, também trataram de esconder as marcas visíveis e invisíveis dos mecanismos do silêncio e da invisibilidade”, de forma que em toda história literária pudessem ser lidas nas entrelinhas de várias autoras acerca desse inconformismo sobre a (falta de) notoriedade das mulheres no espaço privado, tampouco no espaço público. Tendo como base o medo, a violência de gênero se faz como uma afirmativa do quão vasto é o campo dessas violações.

Partindo da ideia de que atualmente há uma pluralidade de olhares sob esse tipo de violência aqui em questão, buscamos uma exploração dentro da literatura que não encarcerasse o pensamento no que diz respeito à violência, de forma que esta pesquisa nos

viabilizasse uma leitura crítica da realidade que atinge as instâncias sociais, políticas, econômicas, culturais e a subjetividade “implicada nas diversas formas de reprodução e banalização da violência contra a mulher” (GROSSI, 2012, p. 20).

Em suma, a autoria feminina negra nos apresenta uma representação da violência de gênero que corrobora para o entendimento de como as formas de agressão - sejam elas físicas ou simbólicas, diretas ou indiretas - são construídas nesse novo espaço literário.

3.1 As esferas da violência: simbólica, moral, psicológica, doméstica, sexual e de gênero

A distinção dos termos que conceituam alguns tipos de violência ainda tem seus entendimentos confusos na sociedade, bem como na literatura. Esta abordagem precisa de conceitos tem sua relevância para que compreendamos seus significados nas modalidades aqui expostas. Para uma melhor compreensão, iniciaremos pelo conceito de violência de gênero, que é a categoria geral e se faz em estratos que compõem outras violências decorrentes da sexualidade biológica, com características também específicas.

A violência de gênero acarreta inúmeras consequências à saúde, ocasionando um sofrimento crônico que parece minar as possibilidades da mulher em cuidar de si mesma e de outros. Para reforçar o conceito de violência de gênero, trazemos a perspectiva de Souza (2007, p. 47) quando referencia a violência como “uma ação que simplesmente não considera a outra pessoa, ou melhor, a considera como uma coisa, numa relação em que o outro não fala e se torna objeto”. Esse comportamento pode ser considerado a partir da perspectiva da vulnerabilidade de gênero, ou seja, pela construção histórica e social do papel da mulher na sociedade. Nesse sentido, entendemos que situações conflituosas e de opressão fazem com que as mulheres tornem-se omissas a atos contra a própria vida. Para Saffiot (2015),

Entender que as diferenças pertencem ao reino da natureza, por mais transformadora que esta tenha sido pelo ser humano, enquanto a igualdade nasceu no domínio do político, parece fora do horizonte de uma ideologia de gênero, que naturaliza atribuições sociais, baseando-se nas diferenças sexuais. (SAFFIOTI, 2015, p. 81)

Seguindo essa linha de pensamento, a violência, sobretudo a de gênero, rompe com essas inúmeras integridades, visto que há uma linha tênue entre os limites da quebra dessa integridade até a sujeição aos homens. Como já citado anteriormente, essa pesquisa dá ênfase à análise de como se dá a representação da violência que as mulheres negras vivenciam na literatura de autoria afro-brasileira, tomando como base as questões raciais, de classe e de gênero. “Numa sociedade como a brasileira, com clivagens de gênero, de distintas raças/etnias em interação e de classes sociais, o pensamento, refletindo estas subestruturas antagônicas, é sempre parcial” (SAFFIOTI, 2015, p. 40). Na literatura é perceptível que a classe social é a categorização histórica fundante, deixando em segundo plano as questões de raça/etnia e do gênero, esquecendo assim, de fazer o realce do gênero como força social estruturante.

Privilegiar uma determinada classe social é fragmentar grupos existentes na sociedade, de modo que imputasse uma culpabilidade aos grupos menos favorecidos pelos dados alarmantes de atos violentos lançados sob as mulheres. Ainda nessa ótica, Saffioti (2015, p. 87) afirma que,

Imputar aos pobres uma cultura violenta significa pré-conceito, e não conceito. A violência de gênero, especialmente em suas modalidades domésticas e familiar, ignora fronteiras de classes sociais, de grau de industrialização, de renda *per capita*, de distintos tipos de cultura (ocidental x oriental) etc (SAFFIOTI, 2015, p. 87-88).

É válido ressaltar que a violência de gênero pode ser ocasionada entre um homem contra outro, bem como, por mulher contra outra mulher. O que ocorre é, quase via de regra, a violência de gênero se desenvolve a partir de um homem contra uma mulher. Nesse entendimento, vamos ainda em consonância com o pensamento de Saffioti (2015), quando diz que “no plano da força física, resguardadas as diferenças individuais, a derrota feminina é previsível, o mesmo se passando no terreno sexual, em estreita vinculação com o poder dos músculos”. Embora não isente o gênero feminino de ter mulheres violentas em seu grupo, em sua grande maioria os fatos envolvendo violência de gênero, mesmo quando a mulher reage violentamente, ainda assim é de forma reativa, pois não é um ato comum do cotidiano dada a supremacia do gênero masculino.

No entanto, a violência de gênero compreende também a violência familiar, que é mais frequente dentro do âmbito domiciliar. Esta violência (de gênero) não

acontece de forma alheia à doméstica e familiar, reforçando o eixo estruturante de uma organização social de gênero, tendo o masculino como gênero sempre privilegiado. A violência doméstica, para Saffioti (2015, p.76), “atinge, porém, também pessoas que, não pertencendo à família, vivem, parcial ou integralmente no domicílio do agressor”. Podemos considerar que o cenário dessa violência acontece em um ambiente que há relações afetivas, e para romper os vínculos com o agressor, em sua grande maioria, a mulher necessita de um amparo externo.

A violência doméstica tem traços peculiares e se constitui numa prisão que encarcera a relação conflituosa. O próprio gênero é o fator determinante para a compreensão de como o patriarcado paira na sociedade contribuindo para a naturalização dos fatos no espaço que tange a agressão e a dominação, apontando desse modo, que mulheres (desde a infância até a fase idosa) dificilmente sofrem violência por parte de um desconhecido. Esses agressores estão no espaço doméstico, ou pertencem ao grupo familiar, ou a grupos de amigos/conhecidos.

O espaço público é ainda muito masculino, estando os homens mais sujeitos a atropelamentos, passando por acidentes de trânsito e chegando até ao homicídio. As mulheres ainda têm uma vida mais reclusa, estando infinitamente mais expostas à violência doméstica. Diferentemente da violência urbana, a doméstica incide sempre sobre as mesmas vítimas, tornando-se habitual (SAFFIOTI, 2015, 90).

Outro tipo de violência, que é considerada o elo que une todos os traços que resultam numa outra, é a violência psicológica, que na perspectiva de Saffioti (2015, p.79), “as violências física, sexual, emocional e moral não ocorrem isoladamente. Qualquer que seja a forma assumida pela agressão, a violência emocional estará presente. Certamente, se pode afirmar o mesmo para a moral”. Essa temática surge cada vez mais recorrente na literatura, visto que as opressões sociais corriqueiras, a instabilidade do ser como um membro atuante na sociedade, e a avidez explosiva das relações, tornam as pessoas violentas em seus convívios, o que dá margem para muitos temas relacionados às agressões - seja ela aquela que deixa marcas corpóreas ou no subconsciente. Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), violência psicológica é

Qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações,

comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação.

Os traumas causados à vítima de uma violência psicológica, através de uma ameaça ou humilhação, por exemplo, que também são formas brutais de atingir a autoestima de alguém, interrompem o bem-estar moral e psicológico, dando vazão ao medo, ansiedade, pânico, fobias, entre tantas outras sequelas do trauma. Essa violência acontece em contextos distintos, geralmente em espaços privados, porém, não isentando sua execução em espaços públicos, e considera-se que sua ação é intencional do agressor.

Consequentemente, essa temática abordada pela literatura contemporânea imprime uma leitura das inúmeras consequências que os danos de uma violência podem deixar, afetando a vítima por toda sua vida. Podemos considerar que “a violência pode variar na frequência e severidade, e ocorre de forma contínua variando entre agressões ligeiras que podem ou não ter impacto na vítima, até a agressão física crônica e severa” (CDC, 2011). Esse tipo de violência, por não deixar marcas físicas ao alcance do campo visual, acaba se tornando uma das violências de maior dificuldade de identificação, e de menor importância sintomática por não poder ser “vista”.

Por ser subjetiva, a violência psicológica sofre negligência por parte até da própria vítima, que raramente busca ajuda externa, seguindo pelo inconsciente uma tendência para justificar a aceitação da postura do agressor, pois os casos em sua maioria vêm através do controle, do ciúme, das ironias, das ofensas e humilhações. A gravidade dessa prática é camuflada pela ideia utópica que violência se enquadra apenas naquilo que deixa impressões corpóreas. Abaixo, citaremos um trecho da obra cuja esposa, após alguns comportamentos estranhos do seu cônjuge, ainda assim busca essa justificativa para os atos sutis que antecedem a uma violência física e sexual contra a própria esposa.

Os primeiros dias foram só solicitude da parte dele. Tanto era o desvelo [...] que Aramides [...] esqueceu por completo [...] a tênue desconfiança vividas anteriormente [...] Tudo tinha sido atordoamento de alguém que experimentava pela primeira vez a sensação de

paternidade. Com certeza tudo tinha sido atrapalhado de marinheiro de primeira viagem... (EVARISTO, 2016, p. 15).

Nesse sentido, é comum que a vítima involuntariamente seja persuadida pelo agressor mediante o comportamento do mesmo, que oscila entre agressão e afetuosidade. E mais ainda, a mulher, diante das agressões indiretas, costuma se questionar dos porquês que a colocaram naquela situação, sempre culpando a si mesma pela vergonha e pelas humilhações por ela sofridas. Esse papel tradicional da mulher, que a sociedade impõe, faz com que a mesma carregue o peso da responsabilidade para cultivar a instituição família, cedendo as suas vontades em troca de agradar o seu parceiro e acatar com a verdade imposta por ele.

De acordo com Who (2011), as investigações qualitativas têm mostrado de forma sistemática que as mulheres consideram frequentemente a violência psicológica como causadora de efeitos mais devastadores que a violência física. A exposição a essa violência, que consideramos como uma “agressão silenciosa”, em seus diferentes níveis, causam transtornos que desestruturam a estabilidade emocional da vítima, podendo chegar até ao suicídio.

Para fazermos uma breve ilustração sobre a devida importância que esse tipo de violência não tem pela sociedade, citaremos Saffioti (2015, p.32) quando diz que “ecologistas falam bastante, e com pertinência, sobre a necessidade de preservação do meio ambiente, da natureza. Não se ouvem, porém, ecologistas preocupados com a ecologia mental nem com a ecologia social”.

Devemos ressaltar também que muitas mulheres vítimas de maus tratos de caráter psicológico, não efetivam a denúncia contra o agressor, uma vez que temem as ameaças contra elas, contra os próprios filhos ou familiares mais próximos. No plano da força física, esse é o tipo de violência mais frequente, chegando a representar em torno de 60% do total de atendimentos, e, com raras exceções, as mulheres negras não são as vítimas em primeira instância nesse ranking¹⁹.

De acordo com o Ministério da saúde (2001), o ato da violência física “ocorre quando alguém causa ou tenta causar dano, por meio da força física, de algum tipo de arma ou instrumento que causar lesões internas (hemorragias, fraturas) e externas (cortes, hematomas, feridas)”. Muitos progressos foram alcançados pelas políticas de saúde pública, sociais e pelos movimentos de mulheres, porém, mesmo

¹⁹ De acordo com o mapa da violência de 2015, disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf>. Acesso em: 15 Dez.2017.

com a sanção da Lei 11.340/2006, conhecida como Lei Maria da Penha, o Brasil alcançou o 7º lugar - entre 84 países - que contabiliza o maior número de vítimas do feminicídio (que significa crime de ódio baseado no gênero, amplamente definido como o assassinato de mulheres de forma intencional, classificado como um crime hediondo no Brasil²⁰). No entanto, em relação a desproteção, o sentimento é atingindo em maior grau (41%) em se tratando das mulheres negras, em comparação a 28% das mulheres brancas, e 31% das pardas.

Não é de se estranhar que esse sentimento de desamparo pelas políticas públicas seja de maior número entre mulheres negras, visto que, numa estrutura social “a mulher negra é o outro do outro” Kilomba (2008), por assim serem vistas pela supremacia dominante, sofrendo uma dupla opressão por não ser homem e nem serem brancas. Embora a questão da violência sofrida por mulheres não distinga classe social do agressor/vítima, é importante trazermos o pensamento de Saffioti (2015) quando diz que

Ainda que a supremacia dos ricos e brancos torne mais complexa a percepção da dominação das mulheres pelos homens, não se pode negar que a última colocada na ‘ordem das bicadas’ é uma mulher. Na sociedade brasileira esta última posição é ocupada por mulheres negras e pobres (SAFFIOTI, 2015, p. 16).

É nessa perspectiva que a obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* nos possibilita um estudo dos dados vigentes na sociedade através da verossimilhança do olhar da literatura. Tais dados, percebidos também na literatura, apontam que a maioria das mulheres negras sofrem agressões vindas do companheiro, ex companheiro, do pai, ou de familiares mais próximos. Isso nos reflete sobre o comportamento patriarcal nas sociedades, cujo poder simbólico está implicitamente apropriado pelo sexo masculino.

Sobre essa condição, Sobrinho (2015) nos afirma que a violência corpórea é consequência de uma maneira de pensar, enraizada culturalmente, que delega aos homens direitos sobre os corpos femininos, desde a instituição. Por outro lado, a autora tece uma resistência fortalecida ao longo da narrativa de cada personagem, dando lugar ao sofrimento, e fazendo com que cada uma delas reconstrua a sua própria vida mesmo diante dos traumas oriundos da hostilidade vivida em tempos outros. Nesse sentido, as mulheres dão seu grito de revolta e insubmissão aos

²⁰ Fonte:<<https://pt.wikipedia.org/wiki/Femic%C3%ADdio>>. Acesso em: 15 Dez.2017.

maus-tratos a que sofreram dos seus algozes, impondo-se, diante e além da vida no espaço privado, e resistindo ao domínio simbólico masculino.

O espaço domiciliar antes tido somente como referência de acolhimento e de um espaço de laços afetivos, passou a ter um outro significado para membros mais vulneráveis à agressão física. Isto porque esse tipo de agressão sofrida por mulheres negras difere da violência como um todo, visto que os homens têm maior probabilidade de serem vítimas de brigas na rua, com pessoas estranhas ou pouco conhecidas, ao passo que as mulheres comumente são vítimas de membros de suas próprias famílias ou de seus parceiros íntimos. É possível perceber que a Instituição família já não se identifica em sua totalidade à família idealizada, devido aos vários cenários construídos em relações violentas no espaço domiciliar.

As relações familiares são permeadas por relações de poder, nas quais as mulheres, como também as crianças, obedecem ao homem, tido como autoridade máxima no núcleo familiar. Assim sendo, o poder do homem é socialmente legitimado, seja no papel de esposo, seja no papel de pai (GOMES, 2007, et al).

Tal fato só reforça que os abusos sofridos fazem parte da ideia de dominação, do poder hegemônico enraizado secularmente na sociedade e da necessidade de controle do homem sob o comportamento da mulher. Nesse traçado, a relação da família se constrói sob o medo, de forma que este seja o padrão natural da relação, e uma vez desviado do controle do dominante, a relação passa a vivenciar conflitos que levam até às agressões como forma de disciplinamento.

Os números são alarmantes, e as consequências que a violência acarreta na vida dessas mulheres são ainda maiores, pois a maioria delas desenvolvem transtornos pós-trauma que são ainda mais graves que o próprio ato físico perpetrado, tendendo a distúrbios alimentares; consumo abusivo de álcool e /ou drogas; sono irregular; depressão; ansiedade; dificuldade de concentração; medo de se socializar; entre muitos outros. Todos esses sintomas são ainda mais preocupantes pelo fato dessas mulheres muitas vezes acharem que são incapazes de superar, acumulando tais efeitos, fazendo com que alimente a falta de esperança para suportar e reagir, levando-as, em alguns casos, a cometer o suicídio.

Analisar a violência doméstica na literatura sob a ótica de uma autora afro-brasileira, é uma tarefa que exige muita sensibilidade e exercício constante da tolerância, visto que muitas vezes a experiência pessoal a partir das relações de

desigualdades e opressões tende a uma identificação com a escrita e com a personagem, despertando uma experiência dolorosa para quem também escreve. Nesse sentido, estudos realizados como uma prática recorrente dos movimentos de mulher, possibilitaram uma maior visibilidade à violência corpórea no interior do espaço doméstico, exigindo uma revisão da literatura e medidas sócio-políticas para a problemática.

No que se refere à violência sexual, o Ministério da Saúde lançou em 2017 um relatório com um número gritante de 10 casos de estupros coletivos por dia (BRASIL, 2017). Mas antes de adentrar nesses dados, voltaremos ao período da escravatura para compreendermos a tradição do abuso sexual contra mulheres negras, proferido de modo amplo e normalizado pelos então senhores.

A cultura do estupro é vivida na prática e na historicidade, pois tem uma ligação direta com o processo de colonização, da forma de como as mulheres negras vêm sendo estupradas historicamente, e tal violência é naturalizada e/ou a mulher é culpabilizada pelo ato violento que sofreu. “O racismo sempre serviu como estímulo ao estupro” (DAVIS, 2016, p.181), o que mostra que a mulher não é vista como sujeito na sociedade, e sim, coisificada, ou como um instrumento para saciar o prazer do homem.

A escravidão se sustentava tanto na rotina do abuso sexual quanto no tronco e no açoite. [...] Em outras palavras, o direito alegado pelos proprietários e seus agentes sobre o corpo das escravas era uma expressão direta de suposto direito de propriedade sobre pessoas negras como um todo. A licença para estuprar emanava da cruel dominação [...]. O padrão do abuso sexual institucionalizado de mulheres negras se tornou tão forte que conseguiu sobreviver à abolição da escravatura (DAVIS, 2016, p. 180).

A citação acima dita por Angela Davis, nos leva a um entendimento que uma das marcas da história sobre a escravidão é de um racismo impregnado numa concepção de que os homens (nesse caso, brancos) eram detentores, além do domínio econômico, também dos corpos das mulheres negras como posse, como se já não bastasse usurpar de seus direitos e liberdade como ser humano.

Na perspectiva de Grossi (2012), a violência ou abuso sexual vai muito além do conceito de ato de penetração ou conjunção carnal entre um homem e uma mulher sem a permissão desta.

Paradigmático da violência sexual contra a mulher, a violação (do latim *violare*: estragar, danificar, devastar, profanar) ou estupro, longe de ser um acontecimento isolado, tem implicações sociais amplas pelo medo que instaura nas mulheres quanto à sua integridade, física e psíquica, e em sua liberdade sexual. A violência contra a mulher, particularmente a violência sexual, situa-se em uma relação de forças expressão máxima das diferenças entre os sexos sob a forma de desigualdade (GROSSI, 2012, p. 84).

Sabe-se que ao abuso sexual contra mulheres negras nem sempre foi dado a importância devida como um ato de violência, certamente pelo próprio racismo e subalternidade enfrentados por estas mulheres ao longo dos séculos, tendo que silenciar tal agressão lançada pelos seus abusadores. Esse retrato social até poucas décadas era expressado numa ideologia consumada até mesmo pelos literatos, que costumeiramente justificavam as agressões abusivas, findadas em corpos e almas violados, pelo fato de as mulheres negras terem sido retratadas uma vida inteira como promíscuas e imorais. Ainda de acordo com o Ministério da saúde, uma pesquisa desenvolvida pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada),

Em 2014 [...] assinalou que, em relação às notificações de estupro ocorridas em 2011, 88,5% das vítimas eram do sexo feminino, mais da metade tinha menos de 13 anos de idade e 70% dos estupros cometidos no ambiente intrafamiliar, por parentes, namorados ou amigos/conhecidos da vítima (BRASIL, 2017).

Se esses dados parecem ser assustadores, o Ministério da saúde ainda alerta, segundo dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2015, que “foram registrados em 2014, 47.646 casos de estupro e mais de 5 mil tentativas, ressaltando que em média apenas 35% dos crimes sexuais são registrados” (BRASIL, 2017). E seguem os dados, segundo aponta o Dossiê Mulher 2015²¹, do Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro, que 56,8% das vítimas dos estupros registrados em 2014 eram negras, e 62,2% dos homicídios tiveram mulheres pretas e/ou pardas vitimadas.

A reação mais frequentemente apontada à violência sexual sofrida tem sido o silêncio e busca do esquecimento do fato traumático. O fato de o número de registros de violações ser muito abaixo dos que ocorrem concretamente estimula-nos a questionar as razões que levam as mulheres a silenciarem frente a uma agressão tão brutal contra seu corpo e sua vontade (GROSSI, 2012, p.85).

²¹ Fonte: Dossiê Mulher 2015: disponível em: <[http://www.agenciapatricia galvao.org.br/dossie/pesquisas/dossie-mulher-rj-isp-2015/](http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/pesquisas/dossie-mulher-rj-isp-2015/)>. Acesso em: 18 Dez.2017.

Com base nesses dados alarmantes, a autoria feminina afro-brasileira passou a imprimir questionamentos relevantes na representação da violência na literatura no tocante aos abusos perpetrados em mulheres negras, questionamentos estes de suma importância para a interpretação dos textos literários. É válido lembrar que a violência contra mulheres na literatura passou a ser tratada com diferenciação desde a década de 1970.

Alguns dos sintomas mais evidentes da desintegração social só são reconhecidos como um problema sério após assumirem tamanha proporção epidêmica que parecem não ter solução. O estupro é um dos casos em questão (DAVIS, 2016, p. 177).

A complexidade desse fenômeno exigiu da literatura afro-brasileira uma (re)leitura crítica dos contextos históricos e sociais que abordassem a questão racial dentro da problemática da violência sexual contra mulheres. Dessa forma, mesmo considerando tudo o que já mudou em relação ao que consideramos violência, não há como discutir violência contra as mulheres sem discutir racismo e sexismo no Brasil²², visto que esta violência é a junção de diversos marcadores sociais, além das questões de desigualdade atribuídas aos gêneros.

Voltando para as violências que ocorrem e passam despercebidas pelo fato de que sempre estiveram num patamar da normalidade social, trazemos a expressividade da violência simbólica, que na literatura se dá tão indiretamente quanto na sociedade, porém, seus danos são tão, ou mais, maléficos que um ato violento direto, cujo deixa marcas físicas visíveis aos olhos. Nessa linha de pensamento, Zizek (2014) defende a ideia que

[...] devemos resistir ao efeito de fascínio da violência subjetiva, da violência exercida por agentes sociais, indivíduos maléficos, aparelhos repressivos disciplinados e multidões fanáticas: a violência subjetiva é tão somente a mais visível [...] (ZIZEK, 2014, p. 25).

A citação acima nos aponta para uma reflexão de como a violência em sua forma de simbologia é dimensionada pelo viés da dominação, estando camuflada, mas presente, em todas as vertentes violentas das práticas sociais, estendendo tal

²² Luiza Bairos, socióloga e ex-ministra da Secretaria de Política de Promoção da Igualdade Racial (Seppir). Fonte: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:e3r4xxJX260J:www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/violencias/violencia-e-racismo/+&cd=1&hl=ptBR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 18 Dez.2017.

comportamento dos padrões sociais patriarcais aos escritos literários. Essas práticas evidenciam uma dominação masculina vivenciada dentro de uma normalidade no cotidiano das mulheres e personagens, onde elas mesmas não conseguem lançar um olhar sob si próprias e se enxergarem como vítimas da situação.

O empoderamento feminino negro, através da literatura de autoria afro brasileira, tem trazido às mulheres/personagens o enfrentamento junto à possibilidade de extinguir a violência simbólica, visando a autonomia das mulheres vitimadas, proporcionando-as a alcançar um patamar de igualdade entre os gêneros, as classes e as etnias, causas do desajuste nos pilares sociais. A obra de Conceição Evaristo é o objeto de estudo desta pesquisa trazendo marcas identitárias de autoras que estão tecendo uma nova roupagem - e visibilidade - para a reescrita da literatura brasileira, uma vez que traz a perspectiva da violência contra mulheres negras numa acentuada releitura da violência sem estereotipar o gênero por sua condição étnica, social, sexual, e/ou racial.

Tendo o exposto, trazemos a visão de Grossi (2012) para realçar a violência simbólica elaborada em uma sociedade estruturante, onde as relações de poder são vigentes, principalmente nas relações conjugais, bem como nos espaços públicos.

A mulher pode ser discriminada, submetida ou subordinada por ataques simbólicos à sua liberdade e dignidade. A publicidade que apresenta as mulheres como objetos sexuais, o assédio ou o toque de qualquer parte do corpo da mulher sem seu consentimento são formas como a violência simbólica pode manifestar-se, na medida em que expressa uma assimetria nas relações de poder entre homens e mulheres (GROSSI, 2012, p. 84).

A literatura afro-brasileira de autoria feminina engrandece a representação literária uma vez que auxilia as autoras a irem de embate à questionar a forma que a mulher negra é oprimida nas inúmeras vertentes da subalternidade – consciente e inconsciente - contextualizando essa problemática social desde séculos passados. Concomitante à violência simbólica, a violência moral, tanto quanto a psicológica, tem sido proferida nessa literatura de forma que as mulheres negras passem a perceber, através das personagens também negras, a situação de violência a que são expostas e submetidas.

A literatura também enfrenta um processo lento e com grau de dificuldade elevado para essa conscientização da própria vítima/personagem, uma vez que há

uma dificuldade latente da própria vítima reconhecer quando sofre abusos psicológicos e morais.

Por isso apresentaremos também, por último, e não menos importante, a violência moral, cuja necessidade em tratá-la com a mesma importância das demais violências se faz através dessa conscientização do que é e onde estão os atos violentos, para que a mulher tome conhecimento da sua necessidade de romper o ciclo desde o início, para que não haja uma tendência evolutiva a agressões ainda mais graves. As características mais comuns desse tipo de violência se faz através da calúnia, difamação e/ou injúria, atos que pode ser prejudicial ao pleno desenvolvimento e cessar com a auto segurança e autoestima, pois consistem em proliferar boatos que prejudicam a fama e a honra de uma pessoa.

A violência moral, por também não ser visual ou palpável, entra para o grupo dos atos irrelevantes para a sociedade, porém, como já citado anteriormente, sua gravidade é tão assustadora e preocupante quanto um ato em que, por exemplo, o agressor espanca ou esfaqueia a vítima, pois ofende a dignidade da mulher enquanto ser humano.

Com tantas vertentes expostas acima, podemos considerar a violência contra mulheres negras um fenômeno multifacetado, que transcende aos estudos de pesquisadores/as acadêmicos, visto ser uma problemática social grave no Brasil, que no período entre os anos 2000 a 2013, o número de violência contra mulheres negras cresceu em 54%, chegando ao assassinato das vítimas²³.

[...] se algo se manifesta de formas tão diferentes, em tão diversos espaços, com atores tão distintos e sob variados pretextos, uma definição única e global parece fugir do alcance das possibilidades das ciências, tanto hermenêuticas quanto naturais (MATTIOLI, 2013, p. 161. *et al*).

Assim, percebemos que a análise dessa violência, em suas diversas correntes, é de extrema relevância quando exposta pela literatura afro-brasileira, uma vez que é revelada uma nova percepção do que se conceitua como violência, pois conta com inúmeros fatores comportamental-social dos sujeitos enquanto agressores, o que se faz determinante para que compreendamos a percepção e a vivência da violência contra a mulher negra.

²³ Mapa da violência sobre homicídios. Fonte: <<https://nacoesunidas.org/onu-feminicidio-brasil-quinto-maior-mundo-diretrizes-nacionais-buscam-solucao/>>. Acesso em: 01 Jan.2018.

3.2 Vozes-mulheres: temores e resistência na escrita de autoria afro-brasileira

A literatura escrita por mulheres afro-brasileira busca resgatar o anonimato social da identidade negra, e vem ganhando espaço na literatura brasileira por reivindicar e lutar incessantemente por uma consciência crítica entre pessoas engajadas numa luta social frente à opressão e à discriminação da mulher negra. A autoria feminina negra contemporânea quebra os paradigmas quando insere em seus textos a problemática do gênero, do racismo e da visão estereotipada da mulher na literatura, construindo um novo modo de fazer literatura, representando uma cultura e suas ancestralidades desde a segregação social sofrida até ao lugar que estas mulheres pleiteiam na sociedade.

A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial sobre si mesmos, a partir da relação com o outro (GOMES, 2002, p 171).

A luta e resistência das mulheres/autoras/negras para escrever dentro de uma sociedade, que, secularmente, impõe um ideal cultural com base nos padrões europeus, utilizando, por exemplo, características fenotípicas, como a cor da pele, para julgar superioridade, têm demonstrado que o silenciamento dos seus textos fazem parte de um processo muito mais amplo e complexo devido a uma herança vista negativamente, impregnada na sociedade e manifestada através de preconceito e discriminação que inferiorizam a mulher negra.

No entanto, pretendemos tratar aqui da escrita de mulheres afro-brasileiras mediante seus temores e sua resistência face à tradição que compõe o chamado cânone literário. Nas últimas décadas, autoras afro-brasileiras trouxeram à tona questionamentos lúcidos sobre a relevância de um fazer literário voltado para coibir os marcadores sociais, determinantes culturais e ideológicos, e deram fôlego aos estudos em torno da autoria feminina negra.

É através da escrita de Conceição Evaristo que representaremos a mulher negra numa sociedade patriarcal, resistente aos frequentes silenciamentos impostos principalmente às mulheres marcadas, sobretudo, pelo fator étnico. Segundo Márcia Hoppe Navarro (1995),

Uma das razões desse silêncio é que a literatura produzida por mulheres foi sempre considerada “feminina”, isto é, inferior, preocupada somente com problemas domésticos ou íntimos e, por isso, não merecendo ser colocada na mesma posição da literatura produzida por homens, cujo envolvimento com questões “importantes”, isto é, com a política, história e economia foi sempre assumida sem discussão (NAVARRO, 1995).

A pretensão de um fazer literário legitimado numa vivência social e subjetiva de cada autora, expondo a mulher negra sob uma nova ótica livre do estigma da inferioridade, sujeição e promiscuidade, é que Conceição Evaristo nos traz, através da perspectiva de Reis (2017), uma temática de denúncia que envolve a hierarquia, as desigualdades sociais e a dominação de gênero como fatores influentes na trajetória daquelas que romperam as barreiras do lugar de fala, mesmo sendo parte integrante de uma sociedade machista e racista.

Esta percepção dos textos de autoria feminina negra como o outro do outro dentro de uma cultura literária predominantemente masculina e branca, permite-nos uma releitura do passado, presente na atualidade através de vozes que representam e legitimam a relação das mulheres com a literatura. Nessa perspectiva, Paixão (1991) nos diz que os estudos feministas desenvolvidos a partir dos anos 70 vão trazer à tona a questão da diferença, exigindo uma reformulação teórica quanto aos pressupostos teóricos que alicerçam o cânone da história e da literatura.

[...] os esquemas de periodização da História da literatura, cujo paradigma tradicional, mais especificamente dos séculos XVIII e XIX, sempre elegeu como *corpus* de referência a literatura canônica, ou seja, a literatura produzida por homens (SANTOS, 2010, p. 80).

É através dessa resistência que as autoras negras vêm em um processo do reconhecimento como um ser representante de uma cultura e da desconstrução da invisibilidade social, cujas estiveram obrigatoriamente sujeitadas desde o período da escravidão.

A literatura escrita por mulheres negras ganham voz ao expressar suas angústias, seus medos, os pré-conceitos enfrentados, a injustiça social, os almejos, e assim, refletem e misturam-se numa busca identitária através de uma escrita marcada pela denúncia social dos problemas enfrentados pelas autoras afro-brasileiras.

[...] qualquer mulher encontrada vagando pelas ruas, nas metrópoles do século XIX, possivelmente seria apontada como prostituta. A crença de que a mulher não participava dos processos históricos e das mudanças sociais deveu-se justamente ao fato de identificar-se o moderno com o público. Dessa forma, excluída do processo fundador do pensamento moderno, a mulher teve seu discurso cada vez mais desautorizado, ainda que a sociedade moderna aponte para “uma lógica iluminista moderna de igualdade, fraternidade e identidade. Porém, para as mulheres, esse desenvolvimento histórico traz consigo regimes de dominação e apagamento da atuação e do desejo femininos” (FELSKY, 1995, p. 73).

Dessa segregação social e racial surge nas escritoras uma necessidade intrínseca de falar do universo feminino das mulheres negras como forma de se posicionarem no mundo e reivindicarem uma compreensão como pessoas que são. Para esse entendimento, apontamos o pensamento de Reis (2017) sobre o entendimento do olhar que as escritoras negras lançaram sob si mesmas e em relação à sua negritude.

Acho pertinente tentar entender aspectos que marcaram/marcam as suas trajetórias. Apesar de todos os obstáculos já colocados a essas mulheres histórica e socialmente, algumas conseguiram subvertê-los, passando a ocupar um lugar que não lhes foi determinado (REIS, 2017, p. 44).

Essas autoras têm consciência do papel social pelo qual lutaram (e lutam), relatando em seus textos literários, com determinação e maestria, sobre questões políticas, filosóficas e sociais. O sentimento de marginalização enfrentado por essas escritoras se manifesta devido a discriminação e os preconceitos criados pela própria sociedade.

Assim, durante séculos, a subjetividade das escritoras negras esteve fadada à existência apenas como “o outro do outro” (no sentido de que ser mulher negra é vivenciar um duplo preconceito social, tanto no que tange ao gênero, quanto à etnia), submetida a uma sociedade comprometida com a ideologia dos padrões patriarcais, cujo papel social da mulher negra é o da subalternidade, e invisibilidade, em todos os aspectos. Nesse sentido, Rita Terezinha Schmidt (1994) nos diz que

Uma das consequências direta dessa hegemonia, que se poderia traduzir como o discurso gendrado da crítica, foi o não reconhecimento da autoridade textual da voz feminina no século XIX, resultando daí a invisibilidade da autoria feminina na historiografia literária. Se hoje a crítica feminista questiona o estatuto das

configurações canônicas nacionais é porque entende que a matriz ideológica que informou seus processos de formação está imbricada com o funcionamento institucional e social de hegemonias, não só de gênero, mas também de raça e de classe social, as quais produziram relações desiguais na produção e distribuição de poder cultural, processos de subjetivação que implicaram no apagamento, às vezes de forma violenta, simbólica e literalmente, de outras identidades culturais, enfim, obliteração da diferença, do heterogêneo, da diversidade sob a universalidade da identidade essencializada promovida pelo discurso da cultura instituída (SCHMIDT, 1994).

A literatura afro-brasileira nos faz uma demonstração que a voz das mulheres negras ecoa de dentro para fora, e que somente através dos seus escritos é que o outro conseguirá compreender a real dimensão das questões sociais que envolvem essas mulheres. Para esse entendimento, Moriconi (2002, p. 19) nos diz que o poema, enquanto espaço de leitura silenciosa, filtra toda a dimensão ativa e performática da vida para o universo das imagens mentais que ficam dentro da cabeça da gente. A trajetória dessas escritoras demonstra o quão difícil é ser uma mulher negra no Brasil, visto que elas têm que romper barreiras diariamente ao enfrentar os mais variados tipos de discriminação nessa luta pela ocupação de espaços sociais.

[...] o apagamento discursivo das realidades de dominação racial, o que aconteceu também no campo dos estudos sobre mulheres, que portanto se torna até certo ponto, cúmplice dessa negligência: ao retratar as mulheres brasileiras em termos monolíticos, esse campo reforça a imagem do Brasil como uma sociedade em que as diferenças raciais e a de gênero escondeu a cumplicidade de mulheres brancas com seu privilégio racial e reforçou o status subalterno das mulheres negras (CALDWELL, 2000, p. 96).

Voltando-se para literatura, as autoras de origem afro-brasileira são as que mais sofrem as desigualdades na publicação de suas produções, conseqüentemente, sendo as mais prejudicadas e que tiveram suas obras silenciadas por um tempo consideravelmente maior que a das mulheres brancas, por exemplo.

Dentre aqueles que sofrem as desigualdades, as mulheres negras e de classe social menos favorecida são as mais prejudicadas. Essa realidade torna-se nítida ao percebermos a hierarquia das oportunidades sociais no que se refere aos quesitos gênero, cor e classe social: no ápice da pirâmide encontram-se os homens brancos, posteriormente as mulheres brancas, depois os homens

negros. E no ponto mais inferior da pirâmide encontram-se as mulheres negras (REIS, 2017, p. 41).

Essas vozes femininas foram totalmente ocultadas por séculos, descartando qualquer tipo de possibilidade de autonomia e domínio de si mesmas. Dessa forma, muitas das mulheres que escreviam no século XIX usavam pseudônimos masculinos ao identificarem suas obras, estratégia essa utilizada como forma de aceitação mediante a sociedade. Ressaltamos aqui, mais uma vez, que esse cenário tem disparidade quando se trata de escritoras negras, cuja represália foi, e é, ainda maior, e, por muito tempo, sequer conseguiram publicar seus textos mesmo por trás dos pseudônimos.

Assim, temos a concepção de Santos (2010, p. 48) reforçando que algumas o faziam como forma de se protegerem [...], outras, para fugirem do preconceito que cercava a mulher intelectual numa sociedade essencialmente patriarcal. Assim, as vozes femininas negras foram de embate ao discurso dominante, e então começaram a relutar, a se ouvir, e a pleitear a defesa dos direitos da mulher negra também no âmbito literário.

O silenciamento da autoria afro-brasileira e os temores tratados aqui enfatizam a opressão sofrida pelas mulheres negras ao longo dos tempos, mas que também estas se posicionaram e buscaram a valorização justa da mulher negra frente à sociedade, tornando assim, o silêncio outrora oclusivo, cada vez mais audível e engajado na quebra de tabus pré-conceituais. Então, podemos considerar que a escrita das mulheres de origem afro-brasileira é um instrumento de denúncia que sensibiliza e conscientiza um reconhecimento e pertencimento à identidade negra.

Por obra da consciência receptora desse silêncio, a subjetividade pode chegar a se reconhecer como indício de uma verdade que a transcende. Por certo, só graças à subjetividade essa verdade se converte em algo intuído, em algo capaz de manifestar-se como aquilo que ultrapassa a consciência e a condiciona (KOVADLOFF, 2003, p. 14).

A escrita de Conceição Evaristo, como de inúmeras autoras negras, nesse sentido, nos leva uma reflexão, e, conseqüentemente, nos põe à frente de questões sociais transgressoras sobre os motivos que calaram por muito tempo a literatura escrita por mulheres negras. É o tipo de literatura que evidencia um resgate do que

antes estava no anonimato social e hoje firma uma identidade que vem ganhando espaço no cenário da literatura brasileira. Sob a ótica de Machado (2012), tais obras têm algo a dizer, a reivindicar, a marcar fortemente a consciência crítica daqueles que compartilham da luta contra a opressão e discriminação.

Resistentes ao papel de marginalizadas e inconformadas com a condição de subalternas, as escritoras afro-brasileiras fizeram do silenciamento dos seus escritos um gancho para a discussão acerca da condição feminina na literatura mediante a dominação do gênero masculino e do poder estruturante da sociedade. Bell Hooks (1995, p. 48) aponta a sociedade como aquela que

Elimina a possibilidade de nos lembrarmos de negras como representativas de uma vocação intelectual. [...] o sexismo e o racismo, atuando juntos, perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está nesse planeta principalmente para servir aos outros (HOOKS, 1995, p. 468).

A relevância da citação acima é de extrema valia para apontarmos os Movimentos de Mulheres no Brasil responsáveis pela obtenção de grandes conquistas no que tange a evidencia das desigualdades de gênero, porém, devemos destacar que dentro dessas desigualdades há ainda as “sub diferenças”, relacionadas às mulheres negras. É nessa perspectiva que Gonzáles (1982, p. 100) afirma que “a maioria dos textos, apesar de tratarem das relações de dominação sexual, social, e econômica que a mulher estava submetida [...] não atentaram para o fato da opressão racial”. Nesse parâmetro, fica nítida a exclusão da mulher negra nos textos literários e no próprio movimento feminino brasileiro, tido como universal.

É a partir dessa concepção, que entre as décadas de 1970-1980 surge a necessidade de enegrecer a luta dessas mulheres, e se originou o movimento de mulheres negras no Brasil, pautado no combate às desigualdades também de intragênero. Passaram a levar em consideração as especificidades das mulheres negras nesse país, que sofrem discriminação tríplice: por serem mulheres, por serem negras, e por serem de classe social super explorada (REIS, 2017, p. 75)

A escrita de autoria feminina afro-brasileira reforça a ideia de uma literatura escrita por mulheres negras que idealizam a emancipação daquelas que carregaram o fardo da submissão, da alienação e da oclusão desde os anos oitocentistas. O perfil transgressor dos textos contemporâneos tem uma considerável relevância nas

narrativas, pois sugere a concretude do rompimento dessa imagem na mulher negra, idealizando outras formas de apresentar a vivência dessas mulheres, que lutam incessantemente contra os mais variados tipos de preconceito, e seguem firmes na resistência por mudanças e conquistas sociais plausíveis.

4 MEMÓRIAS E VIOLÊNCIAS ENTRELAÇADAS

No tocante a memória traumática, a autora vai pelo viés da condição histórica e sociocultural das mulheres negras, e tece as violências vividas em cada conto com a memória histórica dos afrodescendentes. Nos contos escolhidos para esta análise, percebemos a aproximação das circunstâncias e situações que caracterizam o comportamento de opressão, subalternidade e violência perpetrado contra a mulher negra, e desse modo, é apresentada a luta tanto individual quanto coletiva para que as trágicas vivências sejam, não esquecidas, mas superadas.

É possível perceber em cada personagem os vestígios que permeiam entre a memória oriunda do trauma e o esquecimento até a superação, esta, se mostrando como sendo reestabelecida paulatinamente. De acordo com Bernd (2013, p.53), “se a memória é um receptáculo de resíduos memoriais, a literatura também o é”, e é nesta perspectiva que compreendemos as violências sofridas pelas personagens negras nos contos aqui analisados como sendo uma espécie de alertar tanto o âmbito literário quanto a sociedade para um resgate reivindicatório da identidade negra nos aspectos social, cultural, histórico e político.

A temática da representação da violência impressa nos contos sob variadas vertentes, nos apresenta uma escrita literária que resiste a política e à opressão racial e social, fortalecendo os afrodescendentes diante das violências sofridas e das formas de racismo enfrentadas.

Nesse sentido, trataremos aqui sob a ótica da escrita de Conceição Evaristo quando aponta os comportamentos que remetem à época da escravidão, tais como as questões étnicas, de desterritorialização, de gênero e identidade, ainda vinculados ao povo negro nos dias atuais.

4.1 Aramides Florença

Aramides Florença é a personagem que tem uma das histórias mais densas da obra, e traz consigo variadas violências (doméstica, psicológica, sexual, etc) que acontecem silenciosamente no espaço privado, e por mais que pareça uma

realidade distante, a mais abominável delas vivida pela personagem, o estupro marital²⁴, é um ato que ocorre com mais frequência que a sociedade possa imaginar.

A mulher não poderá ser obrigada a fazer ou deixar de fazer qualquer ato que esteja contra sua vontade. Entretanto, se por algum pretexto esse crime vier a ocorrer o cônjuge poderá ser considerado sujeito ativo do delito de estupro na constância da relação conjugal, de acordo com o Código Penal²⁵ Brasileiro (NASCIMENTO, 2015).

Na literatura afro-brasileira de Conceição Evaristo, a autora nos apresenta a dor da personagem de forma que, embora não seja possível mensurar a atrocidade do ato, é possível sentir a angústia e o inconformismo vividos por Aramides através de uma escrita que grita por igualdade e liberdade social para mulheres, sobretudo, as negras.

A cultura do abuso sexual e/ou estupro se faz presente como uma prática da sociedade desde os tempos da escravidão, na qual os castigos impostos às mulheres eram terrivelmente maiores que aos impostos aos homens, uma vez que além dos espancamentos, mutilações e açoites, as escravas eram também estupradas, cujos maus-tratos alcançavam uma condição desumana de sobrevivência àquele regime imposto pela supremacia masculina.

Para uma melhor compreensão, podemos dizer, pelas palavras de Davis (2016, p. 36) que “o estupro era uma arma de dominação, uma arma de repressão cujo objetivo oculto era aniquilar o desejo das escravas de resistir, e nesse processo, desmoralizar seus companheiros”.

Essa correlação com esta análise se faz necessária para o entendimento do estupro como uma das formas de dominação dos homens ao utilizarem da agressividade sexual, abusiva e corretiva, como posse do corpo, da vida, e da autonomia da mulher.

Uma pesquisa sobre a violência doméstica e sexual contra a mulher, realizada pelo Senado Federal, constatou-se que 81% dos agressores são homens que mantêm, ou mantiveram, relação íntima com a mulher (DATASENADO, 2009).

²⁴ O crime de estupro previsto no art. 213 do Código Penal, perpetrado na constância de uma relação conjugal, ou em outras palavras, o chamado estupro marital, existindo como um inimigo silencioso, em que o marido empreende violência sexual contra sua própria esposa. Fonte: <<https://nuneslaiane.jusbrasil.com.br/artigos/350001719/estupro-marital>>. Acesso em: 18 Jan.2018.

²⁵ <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2009/lei/l12015.htm> Acesso em: 18 Jan.2018.

O número alarmante das estatísticas faz compreender que mesmo entre marido e mulher, havendo a obrigação ou conjunção forçada do ato sexual na relação conjugal, entende-se como um estupro marital.

A protagonista deste conto tem um ideal da construção de uma família sagrada, e pretende partilhar seu sonho de ser mãe e esposa, assim como dita os ensinamentos do pensamento machista. Porém, percebemos que há na personagem uma ambiguidade dessa ideia, uma vez que ela se mostra, mesmo despercebidamente na narrativa, uma profissional que ocupa um cargo superior e com mais prestígio que o ocupado pelo seu esposo: “Ela, chefe do departamento de pessoal de uma promissora empresa; ele, funcionário de um grande banco” (EVARISTO, 2016, p. 11).

Culturalmente, o trabalho fora do espaço privado, com remuneração, é dever e obrigação do homem. Ele é quem trará o sustento para o lar, como forma de supremacia dentro desse espaço, acarretando uma postura que exige respeito, autonomia, e superioridade. Conforme Bruschini (2009, p. 75), a mulher inserida numa cultura patriarcal, é “subjugada dentro de uma estrutura opressiva e sexualmente assimétrica, como esposa dócil, ociosa”.

Em uma sociedade fincada em conceitos sexistas e patriarcais, o desemprego por parte do homem, ou um cargo inferior ao da sua esposa, gera o sentimento de impotência e de inferioridade à mulher. Esses fatores acarretam revolta e indignação, propiciando ao cenário doméstico a vulnerabilidade ao alcoolismo, a drogatização e, conseqüentemente, uma exposição maior ao risco da prática da violência.

Porém, as obrigações das tarefas do lar apresentam um certo distanciamento na vida de Aramildes, sendo esse mais um fato singular na obra, visto que rompe as barreiras dos estigmas da mulher negra na literatura tradicional, ficando evidente o novo olhar para essa minoria pela ótica da literatura afro-brasileira.

As violências aqui relacionadas geralmente se traduzem numa sociedade enraizada no patriarcalismo, tendo o gênero masculino como agente hierárquico presumido na ação, no poder de decisão, e na imposição, uma tríplice naturalizada involuntária ou inconscientemente pela sociedade:

Passadas as duas primeiras semanas, uma noite, já deitados, o homem, olhando para o filho no berço, perguntou a Aramides,

quando ela novamente seria dele, só dele. A indignação lhe pareceu tão despropositada, que ela não conseguiu responder, embora tenha percebido o tom ciumento da pergunta (EVARISTO, 2016, p. 15-16).

Notamos no trecho acima que a busca que Aramides Florença faz pelo equilíbrio para executar as funções que ela almeja, dividindo sua atenção entre ser profissional, mãe e esposa, mostra um certo desconforto no seu marido, e o leva a cada vez mais buscar uma forma de imprimir a sua masculinidade na relação, com base na ideia de superioridade do homem sob a mulher.

Assim sendo, a cultura machista desenha a mulher como propriedade do homem, e que seu papel é servir-lhe, principalmente para satisfazer os seus desejos sexuais, raramente preocupando-se com os desejos íntimos da mulher.

De acordo com Drezett (2012), a violência sexual constitui uma das mais antigas e amargas expressões da violência de gênero, inaceitável violação de direitos humanos, de direitos sexuais e de direitos reprodutivos. A violência conjugal resultada no abuso sexual é um problema grave de saúde pública e traz consigo inúmeros transtornos de natureza psicológica, social e cognitiva.

Porém, nesses casos, a violência começa de forma sorrateira, camuflada em pequenos atos que tendem a dificultar o entendimento da vítima de que ela está sendo violentada de alguma maneira. E, assim como no trecho abaixo da narrativa, ainda que se percebam os sinais, muitas vezes a vítima ainda tenta redimir ou silenciar os males para não nomeá-los como violência.

Ela estava no último mês de gestação [...] narcisicamente se contemplava no espelho do banheiro. [...] Pelo espelho, viu o seu homem se aproximar cautelosamente. Adivinhou o abraço que recebera por trás. Fechou os olhos e gozou antecipadamente o carinho das mãos do companheiro em sua barriga. Só que, nesse instante, gritou de dor. Ele, que pouco fumava [...] acabara de abraçá-la com o cigarro aceso entre os dedos. Foi um gesto tão rápido e tão violento que o cigarro foi macerado e apagado no ventre de Aramides. Um ligeiro odor de carne queimada invadiu o ar. Por um ínfimo momento, ela teve a sensação de que o gesto dele tinha sido voluntário (EVARISTO, 2016, p. 14).

No entanto, veremos no trecho a seguir que, embora a autora narre fortes cenas de violência sofrida pelas mulheres negras, é comum a ocorrência de círculo vicioso entre a fúria do agressor e o momento que ele envolve a vítima

protagonizando cenas de carinho, cuidado e atenção, como uma forma de se redimir, um tipo de promessa para afirmar os atos não irão mais voltar a acontecer.

O homem repetia cheio de júbilos a louvação de sua trindade: ele, a mulher e o filho. Os primeiros dias foram só solicitude da parte dele. Tanto era o desvelo, tanta era água trazida na peneira, que Aramides, a rainha-mãe, esqueceu por completo as dores e a tênue desconfiança vividas anteriormente. Na deslembração, ficou dissimulado o doer da lâmina na cama a lhe resfolegar na barriga. E a dolorosa ardência do cigarro aceso esmagado em seu ventre também buscou se alojar no esquecimento (EVARISTO, 2016, P. 15).

Por outro lado, a autora traz em sua escrita uma mudança nos papéis inconscientemente regidos por uma divisão de gênero, onde mostra que a mulher na sociedade contemporânea se destaca pela força de trabalho fora do âmbito domiciliar, buscando altivez para além das obrigações do lar, esposa e procriadora.

Aramides se mostra, na narrativa contemporânea de Conceição Evaristo, como uma quebra de paradigmas no entorno da mulher negra na literatura, sendo participante ativa nas despesas do lar, dando concretude também à resistência no combate ao comportamento sexista na sociedade: “Sem muitas preocupações e apertos financeiros, conseguiram montar um modesto, mas confortável apartamento. A vida seguia conforme a expectativa dos dois” (EVARISTO, 2016, p. 11).

Para essa compreensão da inquietude da personagem Aramides em resistir a ser apenas uma procriadora com afazeres restritos ao lar, coroando a real sujeição da mulher ao sistema patriarcal, podemos trazer o pensamento de Beauvoir (1980) quando nos diz que: “O regime acarreta que ela viva em função do Outro e abstenha-se de ter um projeto de vida própria, desempenhando papel subalterno ao homem, o qual se consagra protagonista e agente da História”. (BEAUVOIR, 1980).

As violências domésticas explícitas na obra elegida para este trabalho nos revelam agressores que se comportam ora intencionalmente, ora ocasionalmente, porém, repetitivos, e os danos (físicos e/ou psicológicos) são de um agressor, que se vê num patamar de superioridade, visando a vítima sempre sob um olhar de fragilidade e indefesa.

Um dia, algo dolorido no ventre de Aramides inaugurou uma perturbação entre os dois. Já estavam deitados, ela virava para lá e para cá, procurando uma melhor posição para encaixar a barriga e, no lugar em que se deitou, seus dedos esbarraram em algo estranho.

Lá estava um desses aparelhos de barbear, em que se acopla a lâmina na hora do uso. Com dificuldades para se erguer, gritou de dor. Um filete de sangue escorria de um dos lados de seu ventre. Aramides não conseguiu entender a presença daquele objeto estranho em cima da cama. [...] O homem, pai do filho de Aramides Florença, não soube explicar a presença do objeto ali. [...] Quase três semanas após o acontecido, outro fato veio causar mais uma inquietação, e um ligeiro, ligeiríssimo mal-estar na confiança que Aramides depositava em seu homem (EVARISTO, 2016, p. 13).

Essa linha tênue em que se busca um entendimento para as agressões sofridas pelas mulheres negras ao passo que nenhuma razão justifica a maneira covarde que os agressores se manifestam, elabora o perfil do opressor, comumente encaixado em muitos homens da sociedade contemporânea.

É nesse tocante que o abuso do gênero masculino é reafirmado por Bell Hooks (2000, p. 16) como uma das ramificações de violência através do sexismo: “Homens negros [...] podem agir como opressores ou serem oprimidos. Homens negros podem ser vitimados pelo racismo, mas o sexismo permite que eles hajam como exploradores ou opressores de mulheres”.

Essa ideologia patriarcalista presume o reflexo diretamente à violência de gênero, uma vez que estabelece normas sociais para diferenciar as relações e suas obrigatoriedades, onde o papel que imprime direitos e poderes sempre esteve ligado à figura masculina.

Seguindo essa ótica, podemos interpretar – e não justificar - o comportamento do marido de Aramides Florença como uma forma encontrada para resolver suas frustrações diante do sentimento de inferioridade à sua esposa, postura inadmissível para a cultura sexista.

Essa “subalternidade inversa”, poderíamos dizer assim, que vai na contramão do sexismo, o qual desconstrói a subalternidade sempre relacionada à mulher inferior ao homem, explica a postura do esposa da personagem em se negar a ocupar o papel subalterno, pois a cultura machista não permite o homem inferiorizado à mulher. Conceitua Spivak (2010, p. 66-67) que

[...] a construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina. Se [...] o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade (SPIVAK, 2010, p.66-67).

É perceptível que o homem está representado como a parte que domina a relação com a mulher em diversos seguimentos da sua vida, o que finda numa incorporação tida como natural para o senso comum, ou heteronormatividade. Essa relação de poder alcança o inconsciente da vítima, visto que a mulher não percebe (podemos nomear aqui a violência simbólica) a condição de dominada e reproduz involuntariamente esse tipo de violência (psicológica) entre outras mulheres.

A ideologia machista é o principal instrumento para a perpetuação das situações de dominação-exploração, conferindo legitimidade às relações sociais de gênero assimétricas, consagrando-se a subordinação da mulher ao homem, em que há no processo de socialização do macho certo à violência (SAFFIOTI, 2007, p. 56).

Na literatura afro-brasileira, percebemos que a violência conjugal é tecida inicialmente de forma mais silenciada, embora evidente. Assim, a autora inicia a narrativa da violência neste conto de forma que a personagem tenta mascarar, por um certo tempo, os danos potenciais à sua saúde física, psíquica e corpórea, cometidos pelo cônjuge como uso de poder, acobertado pelos fatores da cultura machista/sexista/patriarcal que norteiam a sociedade.

A violência conjugal é manifestada em diversas nuances que não se resumem à violência física, e em muitos casos, há a culpabilização da vítima pela agressão a que está sendo exposta. Nesta narrativa, assim como na sociedade, percebemos um desejo de pacificação mesmo por parte de Aramides, enquanto vítima ofendida, como uma forma, digamos inexplicável, de se redimir diante da fúria do seu parceiro.

Um silêncio sem lugar se instalou entre os dois [...]. Buscando apaziguar a insegurança do homem, ela se aconchegou a ele, que levantou rispidamente. E foi tão violento o bater de porta, quando ele abandonou o quarto, que o bebê, antes tão em paz, acordou chorando (EVARISTO, 2016, p. 16).

Esse fenômeno de culpa impresso pela vítima diante do agressor pode ser considerado como a perpetuação da ideologia do patriarcalismo, onde a própria sociedade julga a mulher como responsável pela violência sexual sofrida pelo cônjuge porque, supostamente, não cumpriu o seu “dever” de esposa, ou, em outras palavras, com o seu papel de sempre satisfazer o desejo sexual do homem, somente dele. Diante do exposto, apresentamos o pensamento de Saffioti (2015):

Quantas são as mulheres com privacidade, se a sociedade inteira considera dever da mulher cumprir o que no Código Civil de 1917, recém-reformado, era chamado de débito conjugal (felizmente abolido no novo Código Civil), ou seja, ceder a uma relação sexual contra sua vontade, a fim de satisfazer o desejo do companheiro? De que privacidade se pode falar se milhões de mulheres são literalmente estupradas no seio do casamento todos os dias, duas vezes por semana etc.? (SAFFIOTI, 2015, p. 86).

Sobre o pensamento de Saffioti, convém fazermos uma ressalva no tocante à violência que resulta no estupro marital tendo o ato sexual como um contrato, um pacto social. Segundo pesquisa, Brasil (2005) aponta que em alguns países, 10 a 20% das mulheres declaram não poder negar a relação sexual em nenhuma circunstância. Esse “contrato” sexual é um reflexo da história de sujeição, onde a dominação do masculino sob o feminino presume que o homem tem “livre acesso” ao corpo da mulher, uma espécie de direito patriarcal, independente da sua permissão ou vontade.

Estava eu amamentando o meu filho [...] quando o pai de Emildes chegou. De chofre arrancou o menino de meus braços, colocando-o no bercinho sem nenhum cuidado. Só faltou arremessar a criança. Tive a impressão que tinha sido esse o desejo dele. No mesmo instante, eu já estava de pé, agarrando-o pelas costas e gritando desamparadamente. Ninguém por perto para socorrer o meu filho e a mim. Numa sucessão de gestos violentos, ele me jogou sobre nossa cama, rasgando minhas roupas e tocando violentamente com a boca um dos meus seios que já estava descoberto, no ato de amamentação de meu filho. E, dessa forma, o pai de Emildes me violentou. E, em mim, o que ainda doía um pouco pela passagem de meu filho, de dor aprofundada sofri, sentindo o sangue jorrar. Do outro seio, o que ele não havia tocado, pois defensivamente eu conseguira cobrir com parte do lençol, eu sentia o leite interromper. (EVARISTO, 2016, p. 17).

Essa violência doméstica, relatada acima, vai além da violência física, estendendo-se à violência sexual. Esse fenômeno é bastante discutido na sociedade brasileira e tem ultrapassado diversas barreiras, ampliando esse debate e se posicionando na literatura afro-brasileira como um dos temas recorrentes na contemporaneidade.

Podemos perceber que na narrativa, a violência sexual também veio precedida de outras formas de violências, constatando-se que a violência anterior não foi um fato isolado. É um ciclo que tende a se repetir dentro da mesma relação, na qual segue uma continuidade, como um ciclo vicioso cada vez mais intenso.

Cenas mais ou menos semelhantes voltaram a acontecer entre os três várias vezes. Um medo começou a rondar o coração e o corpo de Aramides. Antes, o olhar caloroso e convidativo do homem, que tanto lhe agradava, e a que ela correspondia de bom grado, com sentimentos de pré-gozo, passou a incomodá-la. Já não era mais um olhar sedutor, como fora inclusive durante quase toda a gravidez, e sim uma mirada de olhos como se ele quisesse agarrá-la à força (EVARISTO, 2016, p. 16).

As repetições de agressões evidenciam a alta incidência de fragilidade cuja mulheres negras estão submetidas. Uma vez sendo vítima de seu parceiro, na maioria dos casos de violência, a mulher provavelmente está sujeita a vivenciar violências mais graves posteriormente.

Nunca a boca de um homem, como todo o seu corpo, me causara tanta dor e tanto asco, até então. E, inexplicavelmente, esse era o meu homem. [...] Era esse o homem, que me violentava, que machucava meu corpo e a minha pessoa, no que eu tinha de mais íntimo. Esse homem estava me fazendo coisa dele, sem se importar com nada, nem com o nosso filho que chorava no berço ao lado (EVARISTO, 2016, p. 17-18).

Não é por acaso ou modismo que inúmeras autoras têm denunciado, através de suas escritas, as injustiças e o problema social que se tornou a violência contra a mulher, dando luz aos grupos que são reprimidos e violentados também na literatura, que por sua vez, imprimem nos contos o cenário social onde as mulheres estão expostas. Em grande parte dos casos, essas situações de violência cujo domínio e controle que os agressores detêm sobre elas se mostram através de mecanismos inúmeros, geralmente conectando a violência física com a psicológica e sexual.

É também característico dessa dominação, o uso da força física, visto que biologicamente o homem tem mais força que a mulher, e faz uso desta para intimidar e mobilizar a vítima diante das agressões, sem quase nenhuma possibilidade de defesa.

Nesta análise, embora a personagem tenha sido vítima de um estupro marital por não atender ao desejo egoísta do seu esposo, ela não perpetuou a crença machista de que a mulher deve, obrigatoriamente, atender, mesmo contra sua vontade, aos desejos sexuais do homem.

E quando ele se levantou com o seu membro murcho e satisfeito, a escorrer o sangue que jorrava de mim, ainda murmurou entre os dentes que não me queria mais, pois eu não havia sido dele, como sempre fora, nos outros momentos de prazer (EVARISTO, 2016, p. 18).

A personagem aparece no início da narrativa relatando à autora/narradora sua experiência, de forma que se faz entender que mesmo diante da afetividade existente, Aramides modifica uma cultura (a do estupro marital) que traz grandes e graves malefícios à saúde da mulher, pois se recusou a permanecer em uma relação insalubre com o seu cônjuge. Ao contrário disso, ela buscou autoconfiança e recorreu a uma vida que pudesse proporcionar ao seu filho e a si mesma, dias distantes da lembrança dos abusos sexuais provocados pelo homem a quem ela tanto idealizou e confiou.

Eu percebi, intrigada, que, tanto pelos sons, como pela expressão de rosto e movimentação de corpo do menininho, o melodioso balbucio infantil se assemelhava a uma alegre canção. Teria a criança, tão novinha [...] se rejubilado também com a partida do pai? Só a mãe, só a mulher sozinha, lhe bastava? Aramides Florença buscava ser o alimento do filho. E, literalmente, era. O menino só se nutria do leite materno. A sopinha que o pediatra havia recomendado, e que a mãe preparava cuidadosamente, o bebê mal provava, recusando sempre. Ela, pacientemente, insistia, cantava, dançava, sorria. Ele também fazia festas à festa da mãe. [...] Entretanto, nem sempre fora assim, antes havia a figura do pai por perto. O nome do pai do menino desconheço, pois Aramides Florença só se referia ao homem que havia partido, como “o pai de Emildes”, ou como “o pai de meu filho” (EVARISTO, 2016, p. 9-10).

Aramides Florença é um conto que nos apresenta, através da literatura, a realidade social fatídica de uma cultura reforçada pela forte supremacia masculina. É através de personagens negras que essa temática tem sido abordada de forma intolerável, chamando a atenção dessa prática como violação dos direitos humanos.

Assim, a literatura afro-brasileira mostra-se disposta a apresentar assuntos que necessitam de um debate maior na sociedade, pois ela não silencia mais os temas que por muito tempo ficaram encobertos, fazendo com que as temáticas de repressão ficassem cada vez mais sucumbidas dentro dos lares.

Embora seja um assunto de trato delicado, em Aramides Florença, a autora, mais uma vez, rompe as barreiras da literatura brasileira dando voz à luta contra a mais repugnante das violências praticadas contra a mulher, a fim de solucionar os

graves delitos que ocorrem corriqueiramente no interior da estrutura matrimonial, e que por muitos séculos, teve sua omissão garantida pelos princípios da inviolabilidade do mundo privado.

4.2 Maria do Rosário Imaculada dos Santos

O conto “Maria do Rosário Imaculada dos Santos” nos apresenta uma personagem que carrega consigo o protagonismo de uma história de violência que vai além da experiência individual, pois narra a trajetória de uma mulher usurpada do seio de sua família por desconhecidos, quando ainda menininha. “Eu era bem menina ainda, tinha uns sete anos no máximo, mas tenho na memória a nitidez da cena” (EVARISTO, 2016, p. 44).

A experiência de Maria do Rosário enquanto vítima de sequestro, e ter a sua história de vida involuntariamente traçada longe da família, dos seus costumes, das suas vivências e das suas crenças, somente sendo resgatada por si mesma quando já estava adulta, nos remete à história da diáspora negra, cujo fenômeno da historicidade sociocultural foi marcado pela imigração forçada e obrigatória entre os séculos 1500 – 1900 de, aproximadamente, quatro milhões de africanos, entre mulheres, homens e crianças das mais diversas culturas de todas as partes daquele continente para o restante do mundo.

E foi preciso que passassem muitos dias e muitas noites de viagem, nas estradas, para que eu entendesse que a moça e o moço estrangeiros tinham me tomado de meus pais. E, quando alcancei a gravidade da situação, por muito tempo pensei que fosse acontecer comigo, o que, muitas vezes, escutei os mais velhos contar. As histórias de escravidão de minha gente. Eu ia ser vendida como uma menina escrava (EVARISTO, 2016, p. 46).

Exportados em navios negreiros, onde fizeram a travessia do oceano Atlântico em condições desumanas para outros países de realidades culturais extremamente distintas das suas, esses povos tornaram-se exemplo de subalternidade e exploração, onde tiveram toda a sua integridade, enquanto seres humanos, violada. “Durante anos vivi com o casal que me roubou de minha família, em uma casa grande, que parecia uma fazenda. Nos primeiros tempos sofri muito, chorava dia e noite. Choro gritado e choro calado” (EVARISTO, 2016, p. 46). É possível identificar neste conto características metafóricas de como ocorreu o

processo da diáspora a partir do rapto da menina negra por pessoas desconhecidas e brancas. Tais traços referem-se a captura, ao trajeto forçado percorrido por um caminho desconhecido, à chegada a um novo ambiente, e a readaptação cultural.

Um jipe e casal estrangeiro (depois, com o tempo, descobri, eram pessoas do sul do Brasil) em nossas paragens. Pararam em nossa porta, desceram, conversaram conosco e ofereceram aos grandes, caso eles permitissem, um passeio com a criançada [...]. Subimos contentes e o carro aos poucos foi ganhando distância, distância, distância... Aflita e temerosa, pois começava a escurecer, pedimos ao moço e moça para fazer o caminho de volta. Eles apenas sorriram e continuaram adiante. Depois de muito tempo, noite adentro, eles pararam o jipe, puxaram violentamente o meu irmão, deixando o pobrezinho no meio da estrada aos gritos e continuaram a viagem comigo, me levando adiante. Nos primeiros dias, eu, na minha inocência, divagava entre o temos e a confiança. Nunca tinha escutado sobre casos de roubo de criança (EVARISTO, 2016, p. 45-46)

A partir da concepção da diáspora negra, a literatura afro-brasileira de Conceição Evaristo faz um recorte do sequestro de milhões de negros de origem africana para o Brasil, para evidenciar neste conto uma violência que culmina no sofrimento pela usurpação de uma mulher do seu lugar de existência, a obrigatoriedade a inserir-se em um novo mundo, em um novo “lar”, e ao estranhamento cultural, bem como a desestabilidade emocional causada pelo rompimento da sua base étnico afetiva, tornando a personagem fruto do afastamento da noção de existencialidade de um povo, identidade e etnia.

A chamada crise de identidade é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2005, p.7).

Podemos fazer um elo da memória à identidade, visto que a memória não se resume a um fato ocorrido no passado, mas que os acontecimentos que a configuram têm impressões marcadas também no outro, e que divergem da experiência individual. Para Candau (2012, p. 9), a memória é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo. Assim, tendo a identidade marcada, sobretudo, pelas lembranças, é

perceptível que a autora utiliza-se da literatura para rememorar a cultura ancestral, a crença religiosa e a experiência de vida de Maria do Rosário e seu povo.

De Imaculada nada tenho [...] Esse nome de santa mulher foi invenção do catolicismo exagerado de minha família. Mãe, tias, madrinha e também a minha avó, todas elas, não se contentaram só com o “Maria”. E me fizeram carregar o peso dessa feminina santidade em meu nome, finalizada por “Santos” generalizados e não identificáveis. Segundo uma das minhas primas, que recentemente reencontrei, a Terezinha de Jesus dos Santos, filha da minha tia, Rita de Cássia, o meu nome original seria “Maria do Rosário Imaculada das Graças Conceição Santos”. O padre, menos fiel à fé mariana, foi quem achou exagerado o sentido fervoroso de meu nome e não permitiu. Tenho fé em minha protetora, a “Maria”, mulher de fibra, que suportou ser a mãe do Salvador” (EVARISTO, 2016, p. 43).

O tempo da narrativa está entrelaçado às lembranças de Maria do Rosário, mas ela não retrocede ao passado. A busca incessante da personagem em rememorar constantemente sua vida no seu lugar de mundo, é um alicerce para unir o passado com o presente, de forma que a sua identidade individual seja reconstruída, auxiliada pela memória social conjunta de um povo.

A violência aqui tratada fala da violação dos direitos humanos, de uma vida privada da liberdade de ir e vir, da ruptura forçada de uma criança, a qual foi obrigada a redefinir a sua identidade. Maria do Rosário enfrenta uma luta diária de reafirmação enquanto pessoa pertencente a uma coletividade, pois se distanciava cada vez mais dos vínculos familiares, tendo sua vida social e afetiva friamente violada. De acordo com a lei nº 11.340 de 7 de agosto de 2006, Art. 3º

Serão asseguradas às mulheres as condições para o exercício efetivo dos direitos à vida, à segurança, à saúde, à alimentação, à educação, a cultura, à moradia, ao acesso à justiça, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 2006).

Embora na Constituição Federal de 1988, acima citada, explique que a dignidade da pessoa humana esteja assegurada, de acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, nas sociedades, há a ruptura desses direitos, e na literatura encontramos um veículo de protesto eficiente que reivindica o respeito, sobretudo, às mulheres negras.

A protagonista desse conto tende a se refugiar nas suas memórias como forma de resgatar frequentemente sua cultura e sua identidade nesse processo de rememoração da lembrança existente.

Todas as noites, antes do sono me pegar, eu mesma me contava as minhas histórias, as histórias de minha gente. Mas com o passar do tempo, com desespero, eu via minha gente como um desenho distante, em que eu não alcançava os detalhes. Época houve em que tudo se tornou apenas um esboço. Por isso, tantos remendos em minha fala. A deslembração de vários fatos me dói (EVARISTO, 2016, p. 47-48).

A partir do trecho acima citado, é necessário que façamos uma explanação da forte característica de ancestralidade da autora ao narrar este conto com traços marcantes na sua escrita ao tratar de memória e identidade como elemento central do resgate da exclusão social vivida, principalmente, pelas mulheres negras. A autora utiliza-se da personagem Maria do Rosário para imprimir uma fala que deixa vestígios de uma memória desgastada, que necessita de reparos.

Isso explica e disso resulta o fato de o país constar entre os que violam sistematicamente os direitos humanos das mulheres, de todas as idades, de todas as raças e etnias, por sua orientação sexual, classe social ou meio de vida (GROSSI, 2012, p. 9)

A perda da identidade foi provocada de tal forma, que a criança sequer era chamada pelo próprio nome, e pior, seus raptadores jamais lhe dera um nome. “Eles nunca me bateram, mas me tratavam como se eu não existisse. Jamais perguntaram o meu nome, me chamavam de “menina”” (EVARISTO, 2016, p. 47). Embora o conto não deixe claro a intenção do casal em sequestrar a Maria do Rosário ainda menina, o que se percebe, é que não havia um motivo aparente e, ainda assim, lhe foi negado o respeito à integridade moral e à liberdade.

O que intriga neste conto, em um determinado momento, é que a menina teve uma casa digna para viver os seus dias aprisionados, teve alimentação, teve o auxílio de uma pessoa a qual lhe ensinou a ler e escrever - que mais adiante se mostra o único traço afetivo que Maria do Rosário conseguiu criar durante os anos que viveu sequestrada - e teve ainda, todas as suas necessidades básicas atendidas, lhe proporcionando o bem-estar material, mas não o emocional.

Um dia, me deram um cachorro e disseram ser um presente de aniversário. E me informaram, ainda, que era o mês de maio, mês de Maria, época que completava um ano da minha chegada à casa deles. No outro ano, fizeram a mesma observação e me deram uns cadernos e lápis, dizendo que a moça amiga deles ia me ensinar a ler. Gostei da novidade, eu havia começado a frequentar a escola, na vilazinha em que eu havia nascido lá no Brasil (EVARISTO, 2016, p. 47).

Os raptadores de Maria do Rosário desconstroem paulatinamente o que chamamos de memória, não apenas numa perspectiva individualizada, mas também no aspecto coletivo, visto que a menina esforça-se contra o tempo para alimentar um conjunto de lembranças comum a todos que eram do seu convívio. “Pensei em minha mãe, eu ainda sabia, na memória, o jeito do rosto dela. De minha mãe ouvi, várias vezes, ela dizer que tinha uma menina mulher e dois meninos homens” (EVARISTO, 2016, p. 48).

A autora narra o conto numa perspectiva de violência no tocante à violação de uma identidade social, cuja referência associa-se ao pertencimento a um determinado grupo social, que está interligado por um sentimento afetivo ou por uma vivência coletiva. A protagonista resiste mostrando a necessidade de se redefinir diante da violência sofrida, porém, constrói pontes que referenciam a sua existência enquanto sujeito pertencente a grupos que configuram essa vivência em uma determinada identidade social.

Era uma construção pequena, mas abrigava muitos. Meus avós paternos, duas tias solteiras, um tio solteiro, dois meninos filhos desse tio solteiro, que meus avós ajudavam a criar, meus pais, eu e mais dois irmãos. Mais adiante no mesmo terreiro, em outras casas também pequenas, moravam mais tios e tias, primos e primas crianças, uma bisavó materna e mais algumas pessoas, cujo grau de parentesco sanguíneo entre nós eu nunca soube precisar. Todos respondiam pelo sobrenome “Dos Santos” ou “Dos Reis” [...] Do lado de fora da casa, nós estávamos a olhar o tempo vadio, sem nada pra fazer, a não ser conversar os assuntos costumeiros (EVARISTO, 2016, p. 44-45).

E é nesse sentido de memória e identidade como base de um processo de construção pessoal do ser, de dentro pra fora, que Maria do Rosário resiste ao apagamento de suas lembranças e suas crenças diante do comportamento hostil do casal que lhe tirou de seus pais, entrelaçando o presente momento com a preponderância do tempo passado.

Também, naqueles mesmos dias, ouvi o casal falar para essa tal moça, que eu deveria estar com meus doze anos e que já fazia sete anos de minha chegada à casa deles. O que o casal não imaginava é que eu também fazia minha contagem do tempo. Só que os meus termos eram outros. Eu sabia que, ali, eu já tinha feito sete aniversários, longe dos meus. E para mim não se tratava da minha chegada à casa deles e sim da minha impotência diante deles, que haviam me tomado, ou melhor, me roubado de meus pais (EVARISTO, 2016, p. 49).

Os momentos de profundo vazio tinham o suporte do domínio da memória de Maria do Rosário para recorda-se, embora que silenciada, das amenas referências das suas origens, envolvendo-se numa luta contra o apagamento de sua base identitária. Percebemos uma constante inquietação de Maria do Rosário com receio do apagamento de suas recordações, pois mostra-se constantemente traçando estratégias para vencer o esquecimento, e continuar apagada à sua real identidade, junto à história que dá sentido à sua vida.

A moça que me ensinou a ler, me ensinou outras coisas, mas nunca me perguntou nada sobre o tempo antes de eu chegar ali. Eu tinha um desejo enorme de falar de minha terra, de minha casa primeira, de meus pais, de minha família, de minha vida e nunca pude. Para eles era como se eu tivesse nascido a partir dali (EVARISTO, 2016, p. 47).

Desse modo, é válido dizer que a marca da violência correlacionada à literatura diaspórica impressa nesse conto, é a perda referencial de lar, do aconchego e do suporte afetivo e, em consequência disso, a reconstrução identitária desse ambiente paralelo ao almejo pelo resgate daquilo que se foi violado involuntariamente. Enfatizamos, mais uma vez, a importância de um fazer literário denunciador das diversas formas de violentar uma mulher, considerando a violência aqui analisada através da violação dos direitos humanos.

Aprendi a ler e, como prêmio, ganhei um rádio, que ficava ligado dia e noite. O rádio me ligava ao mundo externo. Foi quando descobri que o casal não era estrangeiro, eu estava no Brasil, bem no Sul, quase na Argentina, aí sim, outro país. Contudo, eu estava muito longe de minha terra. Nada podia fazer. Continuei, então, a minha vida, que se resumia no meu quarto e nas brincadeiras com Jesuszinho, o meu cachorro, nome que eu escolhi. Pouco trabalho era o meu. Cuidava de varrer a casa quando a moça não ia, limpava o meu quarto, que pouco sujava. O casal sempre mais ausente do que presente. Cresci sozinha (EVARISTO, 2016, p. 48).

Mais uma vez fazemos uma ligação da narrativa com a violência sofrida pelos povos da África trazidos para os países da América, com suas identidades usurpadas e sem reconhecimento íntegro. Não bastasse o apartar-se de si e do seu ciclo familiar, surge uma inquietação que ameaça as esperanças de Maria do Rosário, trazendo à tona novas rupturas, novas incertezas em par com os temores que assombravam os seus dias. O medo de mais um caminho desconhecido a seguir com pessoas estranhas ao seu convívio misturava-se com a esperança de um dia, talvez, ter a sua vida, no seu lugar, de volta.

Quando estava completando quase oito anos que eu tinha sido roubada, a moça que trabalhava para esse casal chegou, um dia, me dizendo que tinha uma notícia para mim. A imagem de minha família, ou melhor, o desejo de um encontro com os meus me tomou por inteira. Pensei que o milagre tinha acontecido. [...] E, enquanto esperava, me imaginei viajando naquela mesma noite em busca de minha terra. Uma cidadezinha chamada “Flor de Mim”. [...] No final da tarde, a notícia me foi dada. Uma bomba estourou sobre mim. O casal havia se separado, cada um ia seguir para uma cidade diferente. Uma tia deles, não sei se da mulher ou do homem, viria me buscar e me levaria com ela. [...] Tonta pelo efeito da bomba, fui deitar (EVARISTO, 2016, p. 49-50).

Diante da liberdade que lhe foi negada ao longo de sua vida, e do direito em compreender os motivos que a mantiveram por muitos anos em uma espécie de cárcere privado, nunca foi ao certo entendido por Maria do Rosário, porém, o sentimento de impotência diante das condições que passara a ser tratada, fizeram-na sentir-se como um objeto de barganha, e não como membro ativa de uma sociedade. “No outro dia, cedinho, com meus pertences [...] fui levada por uma senhora loira e desconhecida, pela segunda vez, por um caminho que eu ignorava onde ia dar [...] Chorei pra dentro” (EVARISTO, 2016, p. 50).

As idas e vindas, e as contínuas rupturas, fazem da violência simbólica vivida pela personagem uma marca da sua memória, no entanto, o vínculo quebrado com suas raízes pela força do tempo, não causa uma libertação do passado, e sim, um certo medo do luto à sua origem, da não identificação com os seus, do seu povo não reconhecê-la mais como uma integrante da família.

Em um determinado momento da minha vida, ganhei autonomia, podia ir e vir. Acho que a coragem me faltou. Um temor me perseguia. Será que a cidade Flor de Mim ainda existia? Será que os meus ainda existiam? Será que se eu chegasse por lá, eles ainda me

reconheceriam como sendo uma pessoa da família? (EVARISTO, 2016, p. 51)

Neste conto, a violência representada não se faz da forma física, mas sobretudo de forma simbólica, pois é cometida contra a violação dos direitos básicos da vida da mulher, além de tratar das marcas internas que a personagem carregou por toda a vida ao ter sua identidade roubada por sequestradores, “não queria ter família, tinha medo de perder os meus” (EVARISTO, 2016, p. 51), forçada a viver inicialmente isolada, e posteriormente, em um mundo que não era o seu.

No entanto, dentro de si, a personagem resiste às imposições diaspóricas, sem libertar-se das memórias que tecem o passado ligando-a sempre ao futuro, onde possa nutrir os laços com a sua cultura, mesmo sendo obrigada a criar novas raízes distintas do seu povo ao longo da sua vida.

Nessa segunda casa, junto à família Souza Paceli, tive de me adaptar a um estilo, totalmente contrário ao que tinha vivido nos anos anteriores. De Flor de Mim, lugarejo de vivência de minha primeira infância, fui para uma cidade chamada Alto dos Vales do Sul, levada pelo casal. Ali, a vida tinha um quê interiorano também. De Vales do Sul fui encaminhada para a cidade de Frei Cardoso. Lá, encontrei um movimento assustador. Carros, bondes, bicicletas, vozes altas e desmedidas. Jesuszinho não aguentou, morreu (EVARISTO, 2016, p. 50).

Os problemas enfrentados eram decorrentes das castrações que lhe foram impostas, e mesmo com a sua liberdade reconquistada na vida adulta, chamamos a atenção para outro problema social que a literatura de Conceição Evaristo aborda no conto. Trata-se da luta do movimento feminino negro que tenta dar voz e visibilidade aos grupos menos favorecidos nas camadas sociais e econômicas no tocante às oportunidades de se inserir no mercado de trabalho.

Se a condição de trabalho das empregadas domésticas é ruim, a das trabalhadoras domésticas negras é ainda pior. Elas são maioria, têm escolaridade menor e ganham menos. Em 2014, 10% das mulheres brancas eram domésticas, índice que chegava a 17% entre as negras [...] As mulheres negras vão mais cedo para o mercado de trabalho, não conseguem estudar e também são mães mais jovens. Toda essa conjuntura faz com que elas se sujeitem a condições mais precárias (BRASIL)²⁶.

²⁶ Fonte: Site Portal Brasil, com informações do Ministério do Trabalho e previdência Social. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:lx_y3eyMprUJ:www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2016/03/trabalho-domestico-e-a-ocupacao-de-5-9-mil-hoes-de-brasileiras+%cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 21 Jan.2018.

Nessa perspectiva, a autora mostra o mercado de trabalho que mais se enquadra à mulher negra no Brasil, e em consequência disso, estas possuem os rendimentos mais baixos e, obrigatoriamente, alimentam a estatística do problema da segmentação social/ocupacional, que restringe às possibilidades de emprego para esse grupo. Neste viés, há uma chamada sutil do conto para as diferenças do poder não somente nas relações de gênero, mas também da classe social e da questão étnica.

Eu trabalhava intensamente, aprendi a cozinhar, a passar e a cuidar de crianças. O rádio, que eu levava, acabou perdendo a função. Recebi ordens para não o ligar, para não gastar luz e não me distrair no trabalho. Aguentei esse inferno durante sete anos e só tinha um objetivo: o de juntar dinheiro e voltar para Flor de Mim. Mas o tempo foi passando. Dali, saí para outra casa e mais casas. Nunca mais soube do casal que me roubou de meus pais. Nunca entendi qual foi a intenção deles (EVARISTO, 2016, p. 50-51).

A diáspora africana mais uma vez surge neste conto metaforizando o processo de escravidão, e libertação, ao qual os negros foram submetidos, e gradativamente, a autora mostra traços da alforria concebida ao povo negro escravizado, onde a identidade dos indivíduos viu a possibilidade de serem resgatadas, uma esperança de autonomia para pensarem a si mesmos como ser humano em processo de reconstrução social.

Muitas águas rolaram e, de muitas, nem a misteriosa nascente eu conhecia. Nunca entendi, por exemplo, como recebi, um dia, o meu registro de nascimento. Tudo certo, constavam os nomes de meus pais. O documento chegou a mando da tal tia, parente do casal, que me roubou de minha família. Tive a impressão de que eu era vigiada, pois tudo se deu muito tempo depois de eu ter deixado a casa dessa senhora. E, apesar de me sentir, o tempo todo, me movendo sobre um rio de desconhecidas e perigosas águas, continuei nadando, para continuar vivendo. De vez em quando, eu mudava de cidade também. A minha escolha por nova morada obedecia a um roteiro previamente escolhido. Sempre a procura estava direcionada para as bandas de minha terra. Aos poucos, eu ia cumprindo um percurso que me encaminhava à direção de volta (EVARISTO, 2016, p. 51-52).

A condição de ser mulher negra repercute no rompimento que acorrentou Maria do Rosário a uma vida violentada simbolicamente, revivendo a subalternidade impotente diante da servidão e do sofrimento que remete à prática da escravidão nos séculos passados. Contudo, a protagonista se mostra insubmissa no sentido

que seu pranto não foi o fim, mas o meio para ressignificar a forma que teve sua vida violada, e posteriormente, emancipar-se do trauma acarretado pela condição de vida que lhe fora imposta.

A lembrança do dia em que fui roubada voltava incessantemente. Às vezes, com todos os detalhes [...] Além do constante retorno a essa dor, eu estava vivendo o final do meu segundo casamento. Só um motivo me mantinha viva, os meus estudos. Estava concluindo o segundo grau e me preparando para seguir adiante [...] E foi na ambiência dos estudos que surgiu minha salvação, a partir de um ciclo de palestras sobre “Crianças desaparecidas”. [...] A força do desejo dos perdidos em busca do caminho de casa. Fui para escutar, eu não sabia nem dizer de minha perda. Nunca tinha relatado minha história para ninguém. [...] Nesse dia, cheguei ao local da palestra, no momento em que algumas pessoas começaram a contar casos de desaparecimentos, sequestros, sumiços e fugas de crianças. Mais angustiada fui ficando com tudo que ouvia. Parecia que estavam contando a minha história, em cada acontecimento da vida de outras pessoas (EVARISTO, 2016, p. 52-53).

Na persistência de nutrir suas memórias a fim de não se perder na essência de sua identidade, Maria do Rosário insiste em lembrar da sua vida ainda criança para conseguir dar algum sentido à sua história. Desse modo, percebemos que é característico da autora fragmentar a identidade das personagens negras, de forma que a marca da diáspora, apesar de dolorosa, apareça também como, considera Gilroy (2011, p.352), “atribuir similar importância a raízes e rotas”, assim, forma-se um elo entre a ancestralidade enraizada e a reafirmação da identidade da personagem a partir de suas memórias.

Foi então que resolvi sair da sala, mas, quando levantei, ouvi uma voz que me pareceu familiar. De chofre, reconheci. Era o tom de voz de minha mãe, a síntese de todos os sons de uma curta infância, junto aos meus. Lá na frente, o corpo que imitava a voz de minha mãe, acintosamente, contava uma história acontecida na família dela. A história de uma irmã, que ela nem conhecera, pois tinha sido roubada, ainda menina e nunca mais a família soubera qualquer notícia. [...] Fui ajuntando os pedaços do relato que eu pude escutar, em meio a uma profunda tontura. Porém, não era o relato de minha irmã que havia nascido depois de minha partida forçada que eu ouvia. Não era a fala dela que me prendia. E sim o jipe. Lá estava o jipe ganhando distância, distância, distância... Lá estava o meu irmão chorando no meio da estrada e eu indo, indo, indo...(EVARISTO, 2016, p. 53-54).

O carro jipe pode ser considerado como mais uma metáfora do navio que contrabandeou os negros para o Brasil, a fim de escravizá-los, afastando-os de seu universo, privando-os, sem nenhuma justificativa plausível, do contato com seus familiares, com seu povo, sendo submetidos a um sentimento de indiferença e insensibilidade da parte dos raptadores, o mesmo sentimento que o casal expressa pela menina Maria do Rosário.

Assim, analisamos neste conto que os traumas vividos por Maria do Rosário oriundos da violência que sofreu ainda na infância, são trazidos para a literatura como uma marca de extrema valia, a qual nos possibilita refletir acerca da identidade e da memória do povo negro, uma espécie de manifesto sobre a difusão da prática da violência que esses povos sofreram injustamente, associando os fatos históricos às formas de repressão sofrida pela personagem.

As questões identitárias juntamente às memórias de Maria do Rosário permeiam os traumas que a violência simbólica proposta neste conto causam à trajetória de sua vida. Porém, a resistência da personagem está, sobretudo, em não se perder das suas raízes, ao não apagamento dos laços afetivos que estavam fixados em sua memória, compondo o embate às esses mecanismos: "A nossa irmandade no sofrimento e no real parentesco falou por nós. Reconhecemo-nos. Eu não era mais a desaparecida. E Flor de Mim estava em mim, apesar de tudo. Sobrevivemos, eu e os meus" (EVARISTO, 2016, p. 54).

Na perspectiva da insubmissão a esses traumas carregados, e superados, pela personagem, trazemos a importância da memória no tocante ao resgate da (re) construção da identidade violada de Maria do Rosário, uma vez que a personagem se mostra capaz de enfrentar os danos irreparáveis a que lhe pregaram nos anos que percorreram entre a sua diáspora e à sua alforria.

Desse modo, consideramos que, neste conto, a literatura afro-brasileira tece com sutileza uma das vertentes cuja violência contra a mulher foi proferida, possibilitando uma visibilidade ao tema dos Direitos Humanos, de forma a ser repensando como este tema se manifesta, requerendo uma sensibilização e conscientização aos leitores através da força humanizadora que a literatura é capaz de imprimir na sociedade.

4.3 Shirley Paixão

Um dos contos de maior impacto, ou certamente o maior de todos eles, na obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* leva o nome de Shirley Paixão. Elegemos analisá-lo nesta pesquisa pelo teor que a narrativa discorre através da violência doméstica intrafamiliar²⁷ praticada contra uma criança negra, na sua fase da pré-adolescência. O conto trata do abuso sexual incestuoso seguido de estupro, e provavelmente, seja a história na obra que causa mais repulsa às pessoas, pois além da atrocidade com o corpo feminino, viola o sagrado, a relação de um pai com sua filha no espaço privado.

Abuso sexual pode se apresentar como intrafamiliar e extrafamiliar. O abuso sexual é a utilização do corpo de uma criança ou adolescente por um adulto ou adolescente, para a prática de qualquer ato de natureza sexual, coagindo a vítima física, emocional ou psicologicamente. Geralmente é praticado por pessoa em quem a criança ou adolescente confia, caracterizando-se pela relação de poder entre o abusador e a vítima, como alguém da família, professor, policial. Compreende atos libidinosos, até o estupro (BRASÍLIA, 2009, p. 66).

Shirley Paixão protagoniza, juntamente à sua enteada, Seni, uma dolorosa violência praticada contra a menina, pelo seu próprio pai. Inicialmente, elas vivenciam uma história pautada no amor familiar e na dedicação de Shirley à criação de suas filhas: “As meninas, filhas dele, se tornaram tão minhas quanto as minhas. Me tornei mãe de todas. E assim seguia a vida cúmplice entre nós.” (EVARISTO, 2016, p. 28).

A narrativa discorre sob inúmeras histórias que acontecem diariamente na sociedade com as famílias que representam os mais diversos perfis, transitando entre comportamentos machistas, na força feminina, nos laços afetivos, mas também, na atrocidade da prática do incesto perpetrada pelo pai.

²⁷ A violência intrafamiliar é um problema de alta complexidade, uma vez que os agressores não são pessoas desconhecidas, mas adultos pais, mães, membros da família extensa ou responsáveis, que mantém com as crianças e os adolescentes relações próximas e vínculos afetivos. Fonte: Revista eletrônica O social em questão – Ano XV – nº 28 – 2012. Violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes: do espaço privado à cena pública. Disponível em: <http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm>. Acesso em: 25 Jan. 2018.

Também está implícito no conto a escrita que denuncia os papéis sociais enraizados nos padrões da sociedade patriarcal, onde o marido ocupa um papel incomum das responsabilidades como figura masculina, que é cuidar das suas três filhas devido ter ficado viúvo quando as meninas ainda eram crianças pequenas.

A autora traz para a literatura um fenômeno social que fere a essência da família, e que até os anos 90, foi invisibilizado pela sociedade e, também, pela literatura. No entanto, o enfrentamento dessa violência “permeada por tabus, preconceitos e mitos” Grossi (2012, p. 208), revela o lado perverso da sociedade, pois expressa uma das vertentes mais cruéis da violência praticada contra a mulher, elevando sua dimensão para uma categoria de “extrema violação de direitos contra a pessoa humana” (GROSSI, 2012, p. 209).

O silêncio de Seni na literatura expressa o retrato das vítimas de estupro incestuoso, pois, cercadas pelo medo, se isolam socialmente, indiciando que alguma coisa na criança está desconforme com a normalidade. Dificilmente o adulto percebe de imediato que tais comportamentos sejam fruto de um abuso, “respeitei sua pouca fala, imaginei saudades contidas e incompreensão diante da morte da mãe. [...] E assim ela foi crescendo, alternando períodos de pouca, com nenhuma fala” Evaristo (2016, p. 29). Assim como no conto, Shirley Paixão não atribui o comportamento da menina à causas mais graves, oriundas de uma violência que estava sendo praticada contra a sua pequena filha.

A violência contra crianças e adolescentes apresenta-se sob diversas formas, tanto que um sintoma ou sinal isolados, não permite afirmar sua existência. Por isso, é fundamental o olhar atento e crítico [...] frente aos problemas identificados – seja de ordem física, sexual ou emocional – procurando a sua correlação com o relato da possível vítima, dos familiares ou pessoas de sua convivência sobre o ocorrido (BRASIL).

Tal violência cometida pelo pai presume-se na ideia vigente do patriarcalismo presente na estrutura familiar, como sendo concebido a ele o poder supremo, atribuindo-se a esta figura masculina, como afirma Cunha (2007, p. 15), “o direito de aplicar as medidas que considere necessárias para preservar e reforçar sua autoridade, conservar sua posição sobre a esposa e filho e manter a unidade familiar, fundamentada no medo”. Porém, considerando que a marca da autora está em propor uma releitura da mulher negra subalternizada na literatura, Conceição

Evaristo nos intriga por iniciar a história de Shirley, e sua enteada Seni, como omissas aos sinais de algum tipo de estranheza, sem motivo aparente, na relação do pai com a menina.

Seni, a mais velha de minhas filhas, a menina que havia chegado a minha casa quando faltavam três meses para completar nove anos, sempre foi a mais arredia. Não por gestos, mas por palavras. Era capaz de ficar longo tempo de mãos dadas com as irmãs, ou comigo, sem dizer nada, em profundo silêncio. [...] Ao pai, faltava paciência, vivia implicando com ela. Via-se que Seni não era a sua preferida, pelo contrário. Eu percebendo a dificuldade da relação dele com a menina, procurei ampará-la, abrigá-la mais e mais em mim (EVARISTO, 2016, p. 28-29).

Contudo, esse é o fio condutor para que possamos compreender que a autora dá voz às minorias, excluídas e silenciadas, pelas questões de gênero e etnia, além de tratar a questão da culpabilidade da vítima, mesmo diante de um algoz, ao violentá-la por ver a mulher negra sempre como submissa. Para Benedict (1988, p. 153), “as mulheres são treinadas para sentir culpa. Ainda que não haja razões aparentes para se culpabilizarem, culpabilizam-se”. Essa prática da violência de gênero para reafirmar as relações desiguais de poder, é um reflexo dos aspectos tradicionalmente culturais, visto que, instituídos pela cultura machista, o homem exerce a postura de dominação e superioridade à mulher não somente no tocante ao gênero e aos aspectos biológicos - que presumem a força física do homem com maior potência diante a da mulher - “mas também no que dizem respeito à faixa etária e à divisão de classes sociais, etnia/raça” (GROSSI, 2012, p. 8).

No entanto, a culpa da vítima não existia como forma de castigar a si mesma pelos atos que sofrera, mas sim, convertida em um fardo de proteção, como se quisesse evitar que as irmãs, tão amadas por ela, também sofressem os abusos do pai. Nas entrelinhas da narrativa, Conceição Evaristo indica que Seni, apesar da pouca idade, entende que os frequentes abusos sexuais que sofria do pai desde pequena, estavam associados à sua fragilidade de criança, impossibilitando-a de uma possível defesa.

Entretanto, ali pelos seus doze anos, já era uma mocinha feita. Zelosa com ela mesma e, mais ainda, com as irmãs. Eu procurava desviá-la do caminho de uma responsabilidade, que não era dela, ao perceber o excesso de cuidado e os gestos de proteção com que ela

cercava as irmãs e, às vezes, se eu permitisse, até a mim (EVARISTO, 2016, p. 29).

É nesse sentido que Seni desenvolve um papel de criança/adolescente que se depara com um terreno fértil dentro do seu próprio lar, espaço que deveria ser remetido à proteção, mas que contrariamente a isto, o ambiente doméstico não assegurava à menina estar acobertada por zelo e cuidados. Assim, a menina silencia e carrega sozinha o fardo de ver as suas irmãs mais novas como agentes vulneráveis para a perpetuação dos abusos sexuais sofridos por ela pelo pai, sendo assim, coagida por si só, a dar-lhes a proteção que lhe faltou para evitar novas práticas da violência sexual no âmbito doméstico.

A ruptura do ciclo da violência sexual infanto-juvenil é de extrema dificuldade, pois as agressões estão segregadas no espaço privado, o que, dentre diversos outros fatores, existe a dificuldade da vítima em (re) adquirir a confiança em um outro familiar adulto, onde possa buscar apoio e efetuar a denúncia. Saffioti (2015) aponta que, quando criança, o pensamento da vítima é “entrar em uma luta corporal com o pai só pioraria as coisas. Primeiro, não podendo medir forças com um homem adulto [...] segundo, poderia perder a vida. A rigor, não havia saída. [...] Ela é, indubitavelmente, vítima e como tal concebe”. Esse pensamento justifica o comportamento da personagem em não se enxergar como culpada, mas sim, como vítima dessa condição já descrita, e, portanto, se julga como aquela que deverá salvar sua família da morte.

Desse modo, a autora nos mostra a aflição da menina Seni, que durante quase toda a narrativa, silencia às agressões por não encontrar maneiras de alcançar a sua libertação diante dos abusos sexuais praticados pelo próprio pai. “Não era uma mocinha de doze anos que chorava e sim uma menininha desesperada, pedindo socorro. Encarei o homem, que ainda era meu marido. Ele olhava de modo estranho para filha. Temi por ela e por mim” (EVARISTO, 2016, p. 30).

O alicerce sentimental que se formou entre as mulheres da casa incomodavam de alguma maneira o pai, “Eu, feliz, assistindo às minhas cinco meninas crescendo. Uma confraria de mulheres” (Evaristo, 2016, p. 28), pois a cumplicidade que havia entre elas era como se lhe causasse o sentimento de que

em breve não seria mais o detentor do poder, como um aviso anunciando que a fortaleza patriarcal da casa estava ameaçada pela força feminina.

A violência doméstica resultada no estupro é uma prática concebida desde a escravidão, de forma que pudesse intimidar e aterrorizar as mulheres na condição de escravizadas. Neste viés, a autora reforça seu fazer literário fincado na identidade ancestral e na etnia, mostrando, através dos seus textos, a violência contra mulheres negras associadas às violências a que seus povos ancestrais foram submetidos nos séculos passados. Usando a linguagem de Davis (2016, p. 37),

[...] os proprietários de escravos encorajavam seu uso terrorista para colocar as mulheres negras em seu lugar. Se elas conseguissem perceber a própria força e o forte desejo de resistir, os violentos abusos sexuais [...] fariam com que elas se lembrassem de sua essencial e inalterável condição de fêmeas. Na visão baseada na ideia de supremacia masculina característica do período, isso significava passividade, aquiescência e fraqueza (DAVIS, 2016, p. 37).

A literatura já publicou obras que relatam a prática do incesto, como em *Os Maias* (1888), de Eça de Queiroz, que dá relevo ao romance incestuoso entre um casal de irmãos, assim como *Helena* (1876), de Machado de Assis, onde o enredo literário também gira no entorno de um amor proibido entre supostos irmãos. No que difere da literatura de Conceição Evaristo, é que o incesto entre pai e filha é praticado como violência contra a mulher, uma vez que os atos perpetrados pelo pai, contra sua vontade, tende a torná-la uma mulher fatidicamente degenerada e sem perspectivas, ante as agressões sofridas e os traumas que lhe deixarão sequelas por toda sua vida. De acordo com Saffioti (2015),

Feridas do corpo podem ser tratadas com êxito num grande número de casos. Feridas na alma podem, igualmente, serem tratadas. Todavia, as probabilidades de sucesso, em termos de cura, são muito reduzidas e, em grande parte dos casos, não se obtém nenhum êxito (SAFFIOTI, 2015, p. 19).

A quebra de barreiras dessa literatura como forma de dar visibilidade a problemática social no tocante ao abuso incestuoso, é que, nesses casos, a relação é unilateral, contra a vontade da menina/adolescente/mulher. Geralmente o agressor detém o poder, na esfera biológica e social, sob o outro. “E avançou sobre Seni, gritando, xingando os maiores impropérios, rasgando suas vestes e expondo à

nudez aquele corpo ainda meio-menina, violentado diversas vezes por ele” (EVARISTO, 2016, p. 32). Os envolvidos geralmente têm idades consideravelmente distintas, o que imprime ainda mais o poder atravessado pelo suposto domínio social masculino, mostrando autoridade deste e, não havendo assim, direito de escolha da vítima, geralmente mulher.

Ao longo da análise, fomos tratando o conto com base na violência doméstica como estrutura macro, e conseqüentemente sua subdivisão em estratos que compõe as nuances dessa prática, pois, na perspectiva de Grossi (2012, p. 219), “a segmentação do fenômeno da violência sexual contra crianças e adolescentes obscurece a sua dinâmica [...] sendo impossível dissociar o contexto de violência psicológica, de gênero, de estrutura física a que crianças [...] são submetidas”. Com base na premissa que o espaço familiar presume o afeto, e a proteção aos perigos externos, “o pai biológico é o adulto masculino no qual a criança (menor de 18 anos) mais confia. Este afeto responde pela magnitude e pela profundidade do trauma” Saffioti (2015, p. 21), torna, dessa maneira, o estupro praticado pelo pai contra a própria filha, além do incesto, um crime violento de abuso sexual, do uso da força contra crianças indefesas, do poder, além da violência psicológica.

Segundo o Ministério da Saúde, “a violência envolvendo crianças de zero a quatorze anos [...] ocorrem em 80% dos casos, dentro de casa. As situações mais frequentes atingiram crianças de zero a três e de nove a 12 anos” (BRASIL). Dessa forma, podemos considerar que a violência doméstica intrafamiliar atinge significativamente sobre a saúde das pessoas e por esse motivo, tornou-se um problema de saúde pública e de proteção.

Em consonância com os dados do Ministério da Saúde, Saffioti (2015, p. 98) afirma que “os tipos mais difundidos de violência contra a mulher são de violência doméstica e intrafamiliar. É, pois, prudente manter o olhar em direção aos que habitam o mesmo domicílio, a fim de não se dormir com o inimigo”, assim, a violência doméstica intrafamiliar chama a atenção dos pais, dos profissionais de saúde e de educadores para requererem ações preventivas e protetivas a essas crianças, além de um suporte psicológico para discernir comportamentos que fujam da normalidade da idade da criança/adolescente que está em situação de vulnerabilidade.

Certa vez, uma de suas professoras me chamou, para saber se, em casa, éramos severos com ela. Ela observava que Seni tinha mania de perfeição e uma autocensura muito grande. Expliquei para a moça que não. Que o pai implicava muito com ela, mas pouco ou nada exigia. Quando se dirigia à menina era sempre para desvalorizá-la, constantemente com palavras de deboche, apesar da minha insistência em apontar o modo cruel com que ele tratava a filha. [...] Na época, ficou combinado que, com o auxílio da escola, procuraríamos um acompanhamento psicológico para Seni. Saí da escola mais preocupada ainda com o comportamento da menina. [...] Quando comentei com o pai a conversa e os conselhos da professora, ele teve um acesso de raiva. Só faltou agredir fisicamente a menina, e acho mesmo que não investiu contra ela, porque eu estava por perto. Seni entrou em pânico. Chorava desesperadamente, me agarrava com tamanha força, como se pedisse abrigo no mais profundo de mim (EVARISTO, 2016, p. 29-30).

É através desse comportamento tão singular de Seni, que difere ao da normalidade das crianças em idade similar, que Shirley Paixão vai fortalecendo a sua intuição e o seu pensamento de que o comportamento da menina indiciava algo além do trauma pela perda da morte prematura de sua mãe biológica. “Até que o tempo me deu a amarga resposta e entendi, então, os sinais que eu intuía e que recusava a decifrar” (EVARISTO, 2016, p. 28). Os episódios que se sucediam faziam com que a mãe despertasse suspeitas que, até então, era uma realidade muito distante, visto que a relação conjugal de Shirley com o seu marido sempre esteve dentro da normalidade para os padrões do matrimônio “vivíamos bem, as brigas e os desentendimentos que, às vezes, surgiam entre nós eram por questões corriqueiras, como na vida de qualquer casal. Nada demais” (EVARISTO, 2016, p. 27).

Assim, a autora começa a trilhar um novo caminho na história de Shirley Paixão e de suas cinco filhas, de modo que a narrativa vai imprimindo a marca da insubmissão, da escrita que foge ao estereótipo da mulher negra como vítima, que rompe com o estigma da fraqueza e subalternidade, características comumente associadas a essas mulheres na literatura brasileira tradicional.

Gritei, com raiva, para que ele saísse da sala e me deixasse com Seni, que era filha dele – não era tanto assim, já que ele não tinha por ela o amor de pai. Abracei minha menina de doze anos. A que eu não tinha parido, mas que eu tinha certeza ser ela também minha filha. Por ela e pelas outras eu morreria ou mataria se fosse preciso. E necessário foi o gesto extremado meu de quase matá-lo. Foi com uma precisão quase mortal que golpeei a cabeça do infame. Ao lembrar o acontecido, sinto o mesmo ódio. Repito que não me arrependi. Se há um arrependimento, foi de ter confiado naquele

homem, que contaminou de dores a vida de minhas meninas (EVARISTO, 2016, p. 30-31).

O relato doloroso da personagem expurga a sua dor, e também a de suas filhas, às quais, embora não tenham sido diretamente violentadas - o que compreende-se como violência intrafamiliar - vivenciaram o terror extremo da agressão ao partilharem do momento com a pequena Seni, enquanto ela estava sendo abusada sexualmente pelo pai.

As irmãs acordaram apavoradas engrossando a gritaria e o pedido de socorro. A princípio, não reconheceram o pai – só podia ser um estranho – e começaram a chamar por ele e por mim. Nem assim o desgraçado recuou. Por um momento pensei que ele, na ignorância dele, tivesse subido ao quarto para brigar com Seni. [...] Um homem esbravejando, tentando agarrar, possuir, violentar o corpo nu de uma menina, enquanto outras vozes suplicantes, desesperadas, desamparadas, chamavam por socorro. Pediam ajuda ao pai, sem perceberem que ele era o próprio algoz (EVARISTO, 2016, p. 32).

Embora o cenário do conto perpassasse através das agressões que as mulheres negras continuam sendo submetidas sob todas as formas de dominação, chamando a atenção do leitor para referenciar os dias atuais ainda à época da escravidão, a escrita da autora legitima a forma que a violência se propaga nos espaços privados, no refúgio íntimo dos lares. E, desse modo, nos coloca à frente da problemática da violência contra mulheres, mesmo com suas inúmeras diferenças, independente da etnia, da classe social, ideologia, do grau de instrução dos envolvidos, ou da condição sexual.

O posicionamento de Shirley Paixão diante do choque ao ver sua pequena filha ser estuprada pelo seu, até então, marido, “foi quando assisti à cena mais dolorosa da minha vida” (Evaristo (2016, p. 32), é reacionário ao ato atroz do pai da menina. E nessa perspectiva, lança um novo olhar para aquelas mulheres que estão à margem da sociedade, buscando uma nova realidade, tendo assim, uma postura subversiva, que vai de embate ao papel social e literário que antes representava a mulher negra.

Eu precisava salvar a minha filha que, literalmente, estava sob as garras daquele monstro! Seria matar ou morrer. Morrer eu não poderia, senão ele seria vitorioso e levaria seu intento até o fim. E a salvação veio. Uma pequena barra de ferro, que funcionava como

tranca para a janela, jazia em um dos cantos do quarto. Foi só um levantar e abaixar da barra. Quando vi, o animal ruim caiu estatelado no chão. Na metade do segundo movimento, alguém me segurou – uma vizinha. Outras e outras pessoas chegaram, despertadas pelos gritos (EVARISTO, 2016, p. 32-33).

O conto também ilumina a não-opressão de gênero ao retratar do repúdio à injustiça social no tratamento dos poderes legislativo, judiciário e executivo, às formas de julgamento que são feitas em casos de legítima defesa. A autora traçou uma maneira de alertar a sociedade brasileira para as formas de como esse tipo de julgamento é feito em casos que diferem a defesa da mulher, e do homem. No caso da figura masculina, o argumento “em legítima defesa da honra”, por muito tempo foi utilizado pelos agressores e sua defesa, no caso de adultério, para “justificar” crimes de feminicídio.

Em se tratando da violência proferida pela mulher, em sua legítima defesa, contra um homem, “só quando vi o maldito estendido no chão, foi que corri para proteger Seni, e a sensação que experimentei foi a de que pegava um bebê estrangulado no meu colo” Evaristo (2016, p. 33), a literatura de Conceição Evaristo também passa a chamar a atenção das políticas públicas para que haja um olhar humanizador por parte do Estado, de forma que se presume, ainda, o machismo e o sexismo presentes nos julgamentos de cunho jurídico que tratam de legítima defesa da vítima, quando mulher.

O homem não estava morto. Recuperou a vida na cadeia. Eu vivi ainda tempos de minha meia-morte, atrás das grades, longe das minhas filhas e de toda a minha gente, por ter quase matado aquele animal. Sei que não se pode e nem se deve fazer justiça com as próprias mãos, mas o meu ato foi o de livrar a minha filha. Não tinha outro jeito. Era um homem alto e forte. Só um golpe bem dado poderia conter a força bruta dele. Fiquei três anos presa, depois ganhei a condicional. Hoje, quase trinta anos depois desses dolorosos fatos, continuamos a vida (EVARISTO, 2016, p. 33-34).

Portanto, assim como os movimentos de mulheres negras na sociedade, a literatura afro-brasileira engajada nessa temática da violência contra mulheres também reforça a urgência e às necessidades da sociedade trabalhar as políticas públicas específicas direcionadas a esses casos, visto que, de acordo com Saffioti (2015, p. 98), “na violência de gênero, teoricamente podendo ter como agressor tanto o homem quanto a mulher, na prática a prevalência é, com uma predominância

esmagadora, de homens, parentes, amigos, conhecidos, raramente estranhos”, a fim de possibilitar o enfrentamento dessa prática, que é uma permanente enraizada na sociedade, alimentada pelo ponto de vista da tradição político-sociocultural.

Não sei dizer direito quem decidiu o que fazer. Só me lembro de ter cumprido ordens, como: - Não banhar a menina. – Entregá-la para a minha amiga Luzia, para levá-la ao exame de corpo e delito. – Fui aconselhada a fugir do flagrante, eu deveria ir para a casa de uma de minhas irmãs. Tudo indicava que o homem estava morto. Nada importava, porém. Eu só queria ficar com Seni, que já não chorava, não falava; apática, parecia estar fora do mundo, enquanto as outras meninas desesperadamente se agarravam a mim (EVARISTO, 2016, p. 33).

O silenciamento interrompido pelo grito de Seni faz uma metáfora à resistência do povo negro escravizado, costumeiramente escrita pela autora. Escreve subtendido neste conto, que as mulheres negras impostas à condição de escrava, que sofriam os mais diversos tipos de violência, principalmente abusos sexuais e estupros, e como por muitos séculos não tiveram chance alguma para elevar suas vozes contra as violências que lhes eram perpetradas, não tinham nenhuma outra opção diante dos seus Senhores, apenas obedecer, e ceder.

Por isso, fica elucidado que o grito de Seni ao ser estuprada pelo seu pai, representa o ato de resistência para sua sobrevivência, uma reivindicação do direito de ser mulher livre. Seni grita e resiste ao controle alheio sob seu próprio corpo, resiste a obediência patriarcal, resiste aos preconceitos da sociedade no tocante ao tabu do incesto, evidenciando assim, que a mulher negra resistiu às tentativas de silenciarem seus gritos de dor.

E tamanha foi a crueldade dele. Horas depois de ter sido enxotado da sala por Shirley Paixão, o homem retornou à casa e, aproveitando que ela já estava dormindo, se encaminhou devagar para o quarto das meninas. Então, puxou violentamente Seni da cama, modificando naquela noite, a maneira silenciosa como ele retirava a filha do quarto e levava aos fundos da casa, para machucá-la, como acontecendo há anos. Naquela noite, o animal estava tão furioso [...] que Seni, para sua salvação, fez do medo, do pavor, coragem. E se irrompeu em prantos e gritos (EVARISTO, 2016, p. 31).

A crueldade da violência perpetrada através do incesto seguido do estupro, por ser nutrida no espaço doméstico, e, no caso deste conto, atingindo indiretamente outras crianças que também vivem no mesmo espaço privado, “a imagem de minha

menina nua, desamparada, envergonhada diante de mim, das irmãs e dos vizinhos, eu jamais esquecerei” Evaristo (2016, p. 33), pôs a “confraria de mulheres” regida pela força de Shirley Paixão, em uma situação de violência intrafamiliar, o que gera um contexto traumático de extrema complexidade, para além do espaço privado.

O abuso sexual, sobretudo incestuoso, deixa feridas na alma, que sangram, no início sem cessar, e posteriormente, sempre que uma situação ou um fato lembre o abuso sofrido. A magnitude do trauma não guarda proporcionalidade com relação ao trauma sofrido (SAFFIOTI, 2015, p. 19).

Diversos casos se fazem por entender, e não justificar, o motivo da perpetuação da uma violência, visto que muitos adultos reproduzem violência que sofreram ou presenciaram durante a infância. No entanto, Conceição Evaristo lança, mais uma vez, um olhar para essas mulheres brutalmente violentadas, acreditando na funcionalidade da aplicação e vigência severa das políticas públicas legitimadas no Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) para que cumpra o seu papel, que tem como essência o amparo, proteção e defesa dos direitos de crianças e adolescentes.

Portanto, embora romper esse ciclo vicioso não seja fácil, a autora não rege a personagem Seni para o caminho que se utiliza da violência sofrida na infância como forma de reprodução desta violência para enfrentar os conflitos e as dificuldades da vida adulta. Ao contrário disso, a literatura apresenta, desse modo, mais um paradigma sendo quebrado, e apesar da condição vulnerável e subalterna de Seni mediante as imposições de seu pai, dos abusos sexuais sofridos na infância, e das rupturas bruscas com as figuras maternas, a autora nos traz a sua marca da insubmissão representada pelas mulheres negras, através da resistência e da superação das sequelas outrora formadas.

Das meninas, três já me deram netos, estão felizes. Seni e a mais nova continuam morando comigo. A nossa irmandade, a confraria de mulheres é agora fortalecida por uma geração de meninas netas que despontam. Seni continua buscando formas de suplantar as dores do passado. Creio que, ao longo do tempo, vem conseguindo. Entretanto, aprofunda, a cada dia, o seu dom de proteger e de cuidar da vida das pessoas. É uma excelente médica. Escolheu o ramo da pediatria (EVARISTO, 2016, p. 34).

Embora a narrativa inicialmente evidencie diversas vertentes de violência contra mulher a partir da violência doméstica, ela trata também do empoderamento das personagens, recriando suas histórias de vida a partir dos traumas decorrentes das violências que tiveram que enfrentar durante muitos anos de suas vidas.

A autora mostra a história de mulheres negras, mãe e filhas, que tiveram dolorosas experiências de violência dentro do próprio lar, mas se negaram às imposições do patriarcalismo. Seguindo essa ótica, Telles (2004, p. 408) nos diz que “a mulher no século passado aprendia a ser tola, a se adequar a um retrato do qual não era a autora. As representações literárias não são neutras, são encarnações “textuais” da cultura que as gera”. Essas mulheres imprimem sua marca em um novo contexto literário, se posicionando como figuras que se deslocam para encontrar o caminho que nega uma vivência no intuito da afirmação de outra, de superação.

Assim, em *Insubmissas lágrimas de mulheres*, a escritora Conceição Evaristo se faz entre a literatura e a vida de mulheres negras que carregam consigo experiências intransferíveis, tanto pelo gênero quanto pela condição étnica, e desconstrói vozes secularmente silenciadas, mas que agora já não mais se cala, e nem aceitam ser rotuladas pelas inúmeras opressões que lhes perseguem.

4.4 Isaltina Campo Belo

O intuito do presente conto “Isaltina Campo Belo”, um dos treze contos que juntos compõem a obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* de Conceição Evaristo, é analisar a sexualidade e as esferas que conceituam a violência nas relações de gênero.

As esferas que conceituam as formas de violência vivida pela personagem negra neste conto será o objeto de análise mediante os padrões que seguem a questão identitária em relação a sexualidade e ao gênero, visto que ambos seguem um lento processo de dissolução tanto na sociedade quanto no campo literário. Dessa forma, fatores como a autoria feminina, a etnia, as relações de gênero, a homo afetividade, identidade e sexualidade serão temas abordados a fim de denunciar os estereótipos que rotulam as mulheres negras e homossexuais.

Neste conto selecionado para esta análise, Conceição Evaristo nos traz a história de uma mulher que tem a violência física, sexual e psicológica rememorada através da sua história marcada pelo desrespeito, preconceito e pelo racismo,

traumas vivenciados por ações embasadas num pensamento ainda alimentado por uma sociedade patriarcalista. É em se tratando desta hierarquização social dos gêneros e das raças que Carneiro (2003) afirma, “papel da mulher negra é negado na formação da cultura nacional; a desigualdade entre homens e mulheres é erotizada; e a violência sexual contra as mulheres negras foi convertida em um romance” (CARNEIRO, 2003, p. 49).

Seguindo esta ótica, Conceição Evaristo busca quebrar os paradigmas estereotipados acerca da identidade da mulher afro descendente e desconstruir os conceitos estigmatizados no campo literário tradicional, que situam a mulher negra como marginalizada e subalterna. Juntamente a sua “inferiorização” dentro do cânone literário, a mulher negra traz consigo a estigmatização como sendo um objeto de desejo, este, por sua vez, reverberava para a contribuição da violência sexual fomentada a este grupo de mulheres:

Enquanto as sinhazinhas brancas tinham como imposição manter a virgindade como um dos pressupostos da pureza, as mulheres negras vivenciavam a violência sexual cometida pelo senhor de escravo e pelo capataz, tanto no espaço doméstico como no campo, ou seja, no local destinado à execução de tarefas na época em que reinava no Brasil o escravismo como forma de divisão de trabalho (ALVES, 2010, p. 62).

No conto “Isaltina Campo Belo”, aqui analisado, além dos traumas carregados durante toda sua vida devido à vivência da violência física, sexual e psicológica que a personagem/mulher foi submetida, esta também vivencia um triplo preconceito por ser mulher, negra e lésbica. Desse modo, Castro (1999, p. 9) afirma que essa dupla ou tríplice discriminação sofrida pela mulher negra é histórica, ocorrendo desde a escravidão. Essas três características fomentam variados tipos de opressão a partir da sociedade, visto que esta elege o gênero, a etnia e a sexualidade como fatores determinantes para a formação do caráter, da integridade e da conduta do ser. Em contrapartida, a escritora Miriam Alves nos diz que: “[...] as imposições históricas propiciam uma reflexão revelando a face de um [...] feminino diferente do que se padronizou, humanizando esta mulher negra, imprimindo um rosto, um corpo, e um sentir mulher.”(ALVES, 2010, p. 67).

Assim, é pertinente reforçar que uma forte característica na produção textual de Conceição Evaristo é trazer ao leitor o entendimento de um ‘eu’ enunciador que

se reconhece enquanto negro, que vem se distanciando dos estereótipos da literatura canônica. E no que se refere à experiência da escrita no entorno das relações homoafetiva das personagens, a escritora lança um olhar sob a lesbianidade da mulher negra tangido por desejos e medos, mas também por sentimentos inteiramente associados ao amor.

A (homo)sexualidade entre mulheres negras na literatura de Conceição Evaristo associa-se a fala de Spivak (2010) quando esta afirma que o subalterno é:

Aquele pertencente às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão da sociedade, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante (SPIVAK, 2010, p. 15).

Assim, com a ascensão dos movimentos negro e feminista no final do século XX²⁸, a literatura de autoria feminina negra brasileira sente uma necessidade de dar voz aos discursos silenciados por uma sociedade machista e sexista ainda vigente nos dias atuais, sociedade esta que submeteu a mulher por muito tempo a uma posição passiva tida apenas como objeto (no caso, sexual), detentora de limitações e obrigações impostas pelo sistema sócio cultural.

À mulher negra cabia o papel de [...] servir sexualmente aos senhores, já que era vista como a escrava sensual, desregrada, própria da ida sexual, criando a partir daí o estereótipo da sensualidade presente até os dias atuais (CASTRO, 1999, p.9).

Portanto, o conto aqui analisado nos possibilita uma reflexão sobre questões relacionadas às diversas formas de violência, preconceitos e racismo sofridos por Isaltina Campo Belo, personagem descriminalizada e estigmatizada devido a sua sexualidade e enquanto sujeito feminino negro, mas também que ecoa o seu grito a partir de um espaço insubmisso, de onde pode negar a condição de oprimida historicamente.

²⁸ Foi através da Revolução Francesa, marco político e processo revolucionário fundamental para a civilização ocidental, que diversos paradigmas começam a ser quebrados e questionados. Contudo, é nesse contexto que as mulheres começarão a reivindicar seus direitos para com os seus problemas, e com isto define seu papel na sociedade. Suas ações se desenvolveram entre os séculos XVII e XIX, através da qual a causa feminina ganhará voz para se consolidar no século XX. Fonte: <<https://www.geledes.org.br/movimentos-feministas-e-busca-da-igualdade/>>. Acesso em: 25 Jan. 2018.

Dado o exposto, a abordagem dessa temática tem por finalidade a denúncia dos estereótipos que rotulam as mulheres negras, e homossexuais, em busca da aceitação de sua identidade no contexto em que vivem. Assim, esta análise provoca a reflexão sobre a construção da identidade lesboafetiva da personagem e os traumas psicológicos que esta carrega rememorados pelas angústias, dúvidas, autoconhecimento e auto aceitação, reflexos estes evidentes em sua trajetória ao longo de toda a sua vida exposta no tempo do conto.

“Isaltina Campo Belo”, assim como todos os títulos dos contos que compõem a obra *Insubmissas lágrimas de mulheres*, é o nome da protagonista que dá título ao conto.

A primeira parte da história já evidencia uma narrativa no entorno do ser negro diferente do que se costuma ler no cânone da literatura brasileira, visto que Isaltina traz à memória relatos de orgulho reafirmando a sua ancestralidade, e sobretudo, indicando também que sua família “enegrecida” detinha uma estabilidade financeiramente e um nível de intelecto, fato pelo qual não é comum encontrar na literatura clássica tradicional.

[...] tive uma infância sem muitas dificuldades. Meu pai trabalhava como pequeno funcionário da prefeitura e minha mãe como enfermeira do grande hospital público da cidade. Éramos muito conhecidos e bem aceitos. Nossa família, desde os avós maternos de minha mãe, já se encontrava estabelecida na cidade. Eles tinham chegado ali como negros livres [...] com uma parca economia. Minha mãe, orgulhosamente, sempre nos contava a luta de seus antecedentes pela compra da carta de alforria. Histórias que eu, meu irmão e minha irmã ouvíamos e repetíamos com altivez, sempre que podíamos, na escola (EVARISTO, 2016, p. 56-57).

Porém, a infância aparentemente feliz e tranquila de Isaltina Campo Belo era incomodada por dúvidas que a atormentavam, pois ela se sentia um menino no corpo de menina e lhe angustiava o fato de ninguém perceber que a tratavam de modo errado, dando-lhe um nome errado (de menina, e não de menino), e os sentimentos que a perseguiam. Quando esta narrativa se inicia, leva-nos a pensar num primeiro momento que Isaltina indica ser uma personagem transgênero, ou transexual, que, segundo Cardoso (2008), é um indivíduo [...] que tem todas as características físicas do sexo constante na sua certidão de nascimento, porém se sente como pertencente ao sexo oposto. “Eu era um menino. Ainda novinha, talvez antes mesmo dos meus cinco anos, eu já descobrira o menino que eu trazia em mim

e acreditava piamente que, um dia, os grandes iriam perceber o erro que estavam cometendo” (EVARISTO, 2016, p. 58).

As dúvidas que assolavam Isaltina, na verdade, maquiavam a homossexualidade existente por trás da sua identidade de gênero, pois ela não estava em posse de um corpo que não era seu, mas a heteronormatividade do sistema patriarcal a fez alimentar a ideia de que aquele corpo não era o seu e estava tudo equivocado aos olhos do outro sobre si mesma. No entanto, por viver em uma sociedade cunhada no machismo/sexismo, Isaltina se mostra alheia aos termos que configuram as relações homo afetivas, o que nos leva a entender o porquê da personagem se identificar como menino, sem uma compreensão assertiva do que realmente sentia intrinsecamente.

É também perceptível no trecho a seguir a repressão que Isaltina fazia sob si própria na trajetória em busca do seu autoconhecimento, da sua auto aceitação, e por fim, da sua realização em ser o que se é de fato:

Ela dizia, com aparente calma, que talvez o médico precisasse fazer um “cortinho” na minha barriga. Apesar da dor, eu quase sorria e desejava que tal fato acontecesse. Ali estava a minha chance. O médico iria descobrir quem era eu, lá por debaixo de mim, e contaria a todos. Então, o menino que eu carregava, e que ninguém via, poderia soltar as suas asas e voar feliz (EVARISTO, 2016, p. 58).

Esse trecho nos diz como a violência simbólica aparece a partir da crença que a personagem tem sobre ser menino, e torce para que um dia alguém venha a descobri-la e, enfim, desfazer esse “engano”. A simbologia da violência se dá quando Isaltina sofre sozinha, sem contar nada a ninguém, dentro do espaço/instituição (família) a que pertence não lhe propiciar o diálogo acerca dos valores sociais associados a heteronormatividade, como se existisse uma barreira como tabu para assuntos relacionados às inúmeras temáticas correlacionadas à sexualidade: “Sobre menstruação e outros assuntos relativos a sexo, não sabíamos nada, além do que descobríamos por conta própria. Esses assuntos e mais alguns eram segregados entre as mulheres adultas da família.” (EVARISTO, 2016, p. 60).

Mas, apesar de sentir a dor e a angústia por carregar uma identidade velada, o conto reverencia a felicidade em se libertar das amarras que a afetaram psicologicamente desde a sua infância.

O sentimento de deslocamento da personagem tem início na pré-adolescência, por volta dos dez anos de idade. Todas as brincadeiras e atividades infanto-juvenis foram desfrutadas por Isaltina, assim como por seus irmãos e todas as crianças do lugar em que nascera e vivera. No entanto, aquela certeza de ser “diferente” pairava sob sua vida, embora a ausência que sentia de uma lacuna que faltava ser preenchida por algum sentimento ainda indefinido por ela.

A fala da personagem revestida pela angústia se repetia à medida que os anos se passavam: “como meu irmão não percebia que eu era igual a ele e como a minha irmã não percebia que eu era diferente dela?” (EVARISTO, 2016, p.59). Percebe-se uma intensificação desses sentimentos embolados quando o ciclo menstrual passa a fazer parte da vida da menina-moça, e conseqüentemente com a chegada da adolescência propriamente dita, quando o corpo de Isaltina vai cada vez mais criando novas formas, e ainda, os desejos intimamente mais confusos começam a dar sinais com mais nitidez:

Sobre beijos e afagos dos homens para com as mulheres. Lembrome de que fui invadida por certo sentimento, que não sei explicar até hoje, uma sensação de estar fora de lugar. Eu via e sentia meu corpo parecer como o de minha irmã e se diferenciar do porte de meu irmão (EVARISTO, 2016, p. 61).

Toda essa dissonância de sentimentos e sensações vivida ao longo da narrativa, permite-nos compreender que houve um processo nessa construção da identidade de gênero, ou seja, a maneira como Isaltina se enxerga, algo que vai em desencontro à dita ordem natural sistêmica do biologismo²⁹. Isaltina passa a entender que é uma mulher, de fato, e até se admira por isso, porém, o que lhe põe em dúvida é o não reconhecimento de si mesma como tal:

Eu já sabia que a história do sangue mensal era nossa, isto é, de mulheres. Sabia também que só o corpo da mulher podia guardar dentro dele um bebê. Eu via o meu corpo menina e, muitas vezes, gostava de me contemplar. O que me confundia era o caminho diferente que os meus desejos de beijos e afagos tendiam (EVARISTO, 2016, p. 62).

²⁹ O biologismo, ou determinismo biológico, hoje também designado determinismo genético, é a crença de que fatores e características biológicas determinam características psíquicas e modos de comportamentos humanos. Fonte: <<http://sexismoemisoginia.blogspot.com.br/2011/12/biologismo-e-injustica-social.html>>. Acesso em: 5 Fev.2018.

Mais uma vez referenciamos aqui a violência simbólica como uma violação dos direitos entre os gêneros, levando a personagem em direção a danos, inicialmente, de origem psicológica. Enfatizamos aqui uma representação inusitada que quebra os paradigmas da literatura nacional, pois a personagem negra homossexual (distinta da promiscuidade) está fora dos rótulos literários, ficando evidente o novo olhar para essa minoria pelo olhar da literatura afro brasileira.

Essa violência geralmente se traduz numa sociedade enraizada no patriarcalismo, tendo o gênero masculino como agente hierárquico presumido na ação, no poder de decisão, e na imposição, uma tríplice naturalizada involuntária ou inconscientemente pela sociedade.

[...] e, por isso, acabei de crescer, contida. Amarrava os meus desejos por outras meninas e fugia dos meninos. Em toda a minha adolescência, vivi um processo de fuga. Recusava namorados, inventava explicações sobre o meu desinteresse sobre os meninos e imaginava doces meninas sempre ao meu lado. Até que, um dia, tudo dolorosamente mudou (EVARISTO, 2016, p. 62).

O distanciamento que Isaltina calada vivia, assim como a angústia por sentir um deslocamento em estar em lugar cujo espaço não lhe pertencia, é uma forma de explicitar a violência simbólica por silenciar a liberdade e a possível experiência afetiva/sexual negada pelas instituições (família, igreja, escola, sociedade) que mantêm e reforçam os papéis de gênero fincados no passado remoto:

Tinha eu meus vinte e dois anos sem nunca ter experimentado uma paixão, um afago, uma ilusão de amor qualquer. Nem platônica. [...] E as justificativas sobre essas descrenças eram sempre as mesmas. Como uma jovem tão inteligente, tão bonita, tão educada, tão e tão como eu podia estar sozinha...Inexplicável. Enquanto isso, meu irmão e minha irmã cada vez mais se afirmavam no campo amoroso [...] (EVARISTO, 2016, p. 62).

Ao se dar conta de que era “uma estranha no ninho, em que os pares são formados por um homem e uma mulher” (Evaristo, 2016, p.63), Isaltina - portando o diploma em enfermagem - resolve deixar a sua casa, migrando para outra cidade em busca de mudar a vida em um mundo no qual lhe coubesse. No entanto, é na fase adulta que a mulher a qual se tornou, é violentada em diversas vertentes pela sua condição de ser mulher, negra, e se descobrir lésbica:

Uma fuga que me garantia certa segurança, já que eu não me expunha a ninguém, até que um dia um colega de faculdade disse estar encantado por mim. Iniciamos um namoro sem jeito, só de palavras e comedidos gestos. Ele de uma elegância e de um cuidado tal, que ganhou a minha confiança. [...] acreditei que ele entenderia, quando eu contasse pra ele, uma das diferenças que eu vivia em mim [...] (EVARISTO, 2016, p. 63).

O sexismo³⁰, outra vertente que está configurada na violência contra a mulher, surge no conto a partir do dado momento em que o então namorado de Isaltina toma ciência sobre a sua sexualidade e dos seus reais desejos, evidenciando o machismo misógino preponderante em relação ao gênero, em decorrência da negação dela em corresponder na relação indesejada:

Um dia em que ele desejava beijos e afagos, e eu sem desejo algum [...] falei do menino que eu carregava em mim desde sempre. Ele, sorrindo, dizia não acreditar e apostava que a razão de tudo deveria ser algum medo que eu trazia escondido no inconsciente. Afirmava que eu deveria gostar muito e muito de homem, apenas não sabia. Se eu ficasse com ele, qualquer dúvida que eu pudesse ter sobre o sexo entre um homem e uma mulher acabaria. Ele iria me ensinar, me despertar, me fazer mulher (EVARISTO, 2016, p. 64).

A partir de então, a narrativa nos mostra sucessivas formas de violência mais evidentes, enfatizando também o racismo e o preconceito que estereotipa a mulher negra na literatura tradicional, tão repercutido e que busca sua desconstrução na literatura afro brasileira. A violência psicológica na citação abaixo aparece em vários momentos da narrativa, e em diferentes configurações, pois a personagem sente-se oprimida e inferiorizada pela condição de ser negra, apta apenas a satisfazer o homem sexualmente (e não a si também), a obrigação enquanto mulher negra em ser sedenta por sexo, além da tortura psicológica ao induzir o impedimento que causa à mulher em viver aquilo que de fato ela intimamente gostaria:

E afirmava, com veemência, que tinha certeza de meu fogo, pois afinal, eu era uma mulher negra, uma mulher negra...Eu não sabia o que responder a ele. Em mim, eu achava a resposta, mas só pra mim. Eu sabia, desde a infância, do menino que existia em mim. E esse menino crescera comigo, assim como cresceram meus seios... (EVARISTO, 2016, p. 64).

³⁰ Termo empregado pelos movimentos de emancipação feministas para designar a atitude dominadora dos homens para com as mulheres. Atitude de discriminação em relação às mulheres. Designação baseada em critérios sexuais. Posição que pode ser perpetrada tanto por homens quanto por mulheres. Fonte: <<https://dicionariodoaurelio.com/sexismo>>. Acesso em: 10 Jan.2018.

Para complementar o entendimento do trecho acima citado, no tocante à imagem estigmatizada da mulher negra, associada ao sexo, sendo ainda comum nos dias atuais, trouxemos o discurso de Hall (2006, p.52) quando nos diz que “a narrativa da nação pode ser contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular”. Assim, no ensejo deste pensamento teórico, podemos tomar como exemplo a reafirmação da imagem que imprime a mulher negra na literatura clássica, sendo marginalizada, subalterna, oprimida, escrava, e heterossexual, à disposição involuntária da satisfação dos desejos sexuais e caprichos do homem branco.

O machismo no texto está retratado na incompreensão do homem em relação à sexualidade feminina, uma vez que a normatividade heterossexual segue a linha de pensamento cujo desejo e prazer da mulher é um agente passivo, sendo inaceitável seu experimento na ausência da altivez (sexual) masculina, associando o prazer da mulher ao órgão genital do homem. Surge então a violência sexual, quando a narradora nos revela o desfecho do acúmulo de violências já sofridas pela personagem ao recusar às inúmeras tentativas do rapaz:

Um dia, ele me convidou para a festa de seu aniversário [...] Fui. Nunca poderia imaginar o que me esperava. Ele e mais cinco homens, todos desconhecidos. Não bebo. Um guaraná me foi oferecido. Aceitei. Bastou. Cinco homens deflorando a inexperiência e a solidão de meu corpo. Diziam, entre eles, que estavam me ensinando a ser mulher. Tenho vergonha e nojo do momento. Nunca contei para ninguém o acontecido. Os mais humilhantes detalhes morrem na minha garganta, mas nunca nas minhas lembranças (EVARISTO, 2016, p. 64-65).

O estupro correcional, além do coletivo, para ensinar a mulher que ela tem que gostar de homem, propaga o pensamento da sociedade patriarcal heteronormativa, para que a personagem se reprima diante dos seus dominadores, a fim de que ela se reconheça como merecedora da atrocidade a qual estava sendo submetida, “as mulheres são culpabilizadas por quase tudo que não dá certo. Se ela é estuprada, a culpa é dela, porque sua saia era muito curta ou seu decote, ousado” Saffioti (2015, p. 67), por não seguir o padrão social feminino ditado como normal, contraditório à homossexualidade. “Eu, até então, encarava o estupro como um castigo merecido, por não me sentir seduzida por homens” (EVARISTO, 2016, p. 66).

A protagonista perpassa em diferentes estratos que violentam o seu ser, “comumente, sentimentos de vergonha e autculpabilização capazes de silenciarem, exatamente, quem foi ultrajada” Grossi (2012, p. 83), além da violência simbólica, de gênero, física, sexual, e psicológica, exposta claramente na narrativa quando o dano que o estupro lhe causa impede e dificulta a interação social, impossibilitando-a de reconstruir sua vida:

Nunca mais voltei ao trabalho. Hoje eu reagiria de outra forma, tenho certeza. Mas, na época, fui tomada por um sentimento de vergonha e impotência. Senti-me como o símbolo da insignificância. Quem era eu? (EVARISTO, 2016, p. 64-65).

As sequelas que um estupro causa à vítima são inúmeras, “os resultados dessas agressões não são feridas no corpo, mas na alma. Vale dizer feridas de difícil cura” Saffioti (2015, p. 66) e os danos ocasionados são exemplificados pelo distúrbio do sono incomum, depressão, sentimento de degradação, perda da autoestima, sentimento de culpa, sentimento de despersonalização, desorganização da vida pessoal, temores sexuais, síndrome do pânico, perpetuação da violência, tendência suicida, entre muitos outros. O ministério da saúde (2011) reconhece a violência sexual como “questão de saúde pública e aponta que uma em cada quatro mulheres no mundo é vítima de violência de gênero com perda de um ano de vida potencialmente saudável a cada cinco anos”.

Na literatura de Conceição Evaristo, Isaltina Campo Belo é um retrato social fatídico dessa realidade que assola principalmente as mulheres negras, visto que no contexto histórico escravocrata do Brasil, a mulher era estuprada sistematicamente pelos senhores (brancos) de escravo. Nesta perspectiva, afirma Davis (2016), que

O uso do estupro como um instrumento de terror pela supremacia branca [...] durante os anos de escravidão [...] em conjunto com o açoitamento, o estupro era um método extremamente eficiente para manter tanto as mulheres negras quanto os homens negros sob controle. Tratava-se de uma arma rotineira de repressão (DAVIS, 2016, p. 187).

Assim, verificamos que as mulheres negras sofriam, e sofrem até os dias de hoje, uma dupla opressão - por ser mulher e também negra. Seguindo essa linha de pensamento, apontamos Diniz (2007, p. 477- 478) quando afirma que “a violência contra a mulher é o retrato da desigualdade de gênero existente no país, que

determina papéis, posições e deveres diferentes do feminino e do masculino”. O deslocamento da personagem torna-se um fator ainda mais grave no que diz respeito à inércia em que passa a viver com o impacto do trauma pós-estupro, estando despercebida e totalmente alheia ao mundo exterior e interior:

Depois apareceu a gravidez, uma possibilidade, na qual eu nunca pensara, nem como desejo, e jamais como um risco. Tal era o estado de alheamento em que eu me encontrava, que só fui me perceber grávida sete meses depois, quase com a criança nascendo. Nem a falta de sangramento mensal, nem a modificação do bebê... Walquíria se fez sozinha em mim. Pai sempre foi um nome impronunciável para ela. Dentre cinco homens, de quem seria a paternidade construída sob o signo da violência? Não sei... (EVARISTO, 2016, p. 65).

Em busca de se refazer, Isaltina decide passar uns tempos na casa dos seus pais, e quando sua filha já está em idade escolar, mais uma vez, a protagonista decide ir embora para tentar se reencontrar em um mundo que tanto almeja. A autora nos apresenta então um novo desfecho que retrata o título da obra, em que é possível romper a estigmatização e reconstruir o papel das mulheres negras na literatura:

E quem me trouxe o vento da bonança foi ela, minha filha. [...] Na primeira reunião do jardim da infância [...] aprendi não só as orientações que a professora transmitia às mães das crianças, mas também o olhar insistente da moça em minha direção. E foi então que o menino que habitava em mim reapareceu crescido. [...] E, de repente, uma constatação me apaziguou. Não havia um menino em mim, não havia nenhum homem dentro de mim (EVARISTO, 2016, p. 66).

A identidade de gênero é descortinada por Isaltina no dado momento em que ela se descobre uma mulher apaixonada por outra mulher, entendendo assim as relações homo afetivas e superando as dores e os traumas que carregava desde a infância. Então, a protagonista se reconhece homossexual e se aceita como tal, mostrando ao leitor a superação das violências que sofrera, o que a tinha levado viver sob uma sexualidade reprimida.

Naquele momento, sob o olhar daquela moça, me dei permissão pela primeira vez. Sim, eu podia me encantar por alguém e esse alguém podia ser uma mulher. Eu podia desejar a minha semelhante, tanto quanto outras semelhantes minhas desejavam o

homem. E foi então que eu me entendi mulher, igual a todas e diferente de todas que ali estavam. Busquei novamente o olhar daquela que seria a primeira professora de minha filha e com quem eu aprenderia também a me conhecer, a me aceitar feliz e em paz comigo mesma (EVARISTO, 2016, p. 66-67).

As sucessivas violências (de gênero, simbólica, física, sexual...) que a protagonista vivera não a impediu de reagir e superar a dor que lhe fora imposta, porém, de acordo com Simone Sobrinho (2015, p. 92):

É preciso deixar claro que o sofrimento não teria sido necessário. Para crescer e se fortalecer não é preciso sofrer, sobretudo quando a dor é provocada por outrem num contexto de manutenção de poder, como é o caso do patriarcado.

Por fim, e não menos importante, é válido ressaltarmos que a autora elabora a trajetória de uma personagem/mulher lésbica e embora seja permeado por dúvidas e angústias, nos permite desconstruir mais um paradigma no entorno da homossexualidade, a qual muitas vezes, a sociedade relaciona o termo ao lesbo erotismo, nos dando à imagem de algo promíscuo, indigno de uma relação afetiva.

[...] todos os dias passaram a ser nossos. Como um chamado à vida, Miríades me surgiu. Eu nunca tinha sido de ninguém em oferecimento, assim como corpo algum tinha sido meu como dádiva. Só Miríades eu tive. Só Miríades me teve. Tamanha foi a nossa felicidade. Miríades, Walquíria e eu. Minha menina, se pai não teve, de mãe, o carinho foi em abundância, em dose dupla (EVARISTO, 2016, 67).

No entanto, este capítulo analisa a literatura brasileira sob a utilidade de usar a narrativa deste conto por finalidade de enaltecer a personagem enquanto mulher e negra, mostrando-nos que a literatura afro-brasileira pode sim ser a porta de entrada para dignificar essas mulheres/personagens que foram estereotipadas historicamente, tendo sido posicionadas sempre à margem do cânone literário nacional. Conceição Evaristo traz em *Insubmissas lágrimas de mulheres* o ostracismo à condição da sexualidade dessas mulheres negras. Embora superado pelas personagens e revertida em história de amor entre duas mulheres negras com fortes laços afetivos, não deve configurar-se numa “naturalização” da hegemonia social.

Em suma, a literatura afro-brasileira discute aqui a representação da sexualidade violentada pela questão de gênero, fortalecendo a luta do movimento negro por condições dignas e da positividade da representatividade do sujeito enquanto mulher negra que ama outra mulher, provocando uma subversão na literatura contemporânea, que tem o lésbico repensado e revisto, como forma de desconstruir um paradigma secular existente sob todos que não estão no padrão de moldura do cânone literário nacional.

4.5 Mary Benedita

Em “Mary Benedita”, a autora nos traz o machismo em linhas sutis para representar a violência simbólica presente nesse conto. Podemos dizer que esta narrativa trabalha a violência de uma forma a fim de que tenhamos uma real compreensão de como uma sociedade sexista, como a brasileira, se tornou naturalizada em diversas situações, camuflando uma violência a que muitas mulheres são submetidas inconscientemente.

O machismo na literatura brasileira está relacionado ao problema do preconceito de gênero, que, assim como na sociedade, neste conto analisado também não está explícito. Ele está presente nas sublinhas, em situações que não são possíveis ver, mas está lá enraizado de forma sutil, de forma que a mulher é vista como sendo uma classe social inferiorizada está tão enraizada, que faz com que elas mesmas se vejam como tal.

A fusão entre a concepção estética da tradição literária androcêntrica e o *corpus* da produção literária propriamente dita assumem um discurso similar às práticas sociais quando buscam naturalizar a “mulher”, através de discursos que reforçam e significam o “papel feminino” e o lugar social de atuação das mulheres (SCHMIDT, 1995, p.184).

A desconstrução desse discurso literário tradicional no Brasil acerca de mulheres/negras é trazida por Conceição Evaristo de forma que impulsiona uma sociedade de estrutura machista a validar uma literatura com padrões estéticos que diferem dos normativos. A autora rompe os paradigmas dos textos literários nacionais, nos orientando para a problematização de estereótipos, para que não repliquemos a “naturalização” de atos que configuram a violência simbólica e de

gênero. No fragmento a seguir, temos um discurso tipicamente de uma sociedade fincada em conceitos machistas, nos quais a criação sexista propaga seus valores às mulheres das gerações que se sucedem:

[...] e que também suplicasse aos meus pais que me deixassem morar com ela. A resposta foi que, talvez, os meus pais pensassem que ela seria a pessoa menos indicada para cuidar de uma mocinha. Não entendi. Na minha inocência eu nem imaginava qual conceito a família tinha dessa minha tia. Uma mulher solteira, estudada, que morava sozinha na capital (EVARISTO, 2016, p. 74).

Esse fragmento retrata o pensamento machista do homem sobre uma mulher que se mostra determinada e com atitude que contraria a submissão à premissa que lhe foi dada. Vemos no trecho que para os moradores do interior, nascidos, criados e que proliferam suas famílias em pequenas lavouras, a postura de uma mulher solteira que sai desse contexto para estudar e (re)fazer a sua vida numa cidade grande é de total rebeldia e desvalorização familiar.

De acordo com Duarte (1997, p. 57), era importante incentivar nelas o sentimento de renúncia de vaidades pessoais e o abandono de qualquer pretensão intelectual. Tal comportamento similar ao da tia é uma afronta para os pais de Mary Benedita, pois é inadmissível o pai ver a sua filha sair do seio familiar para ir à capital, desbravar o mundo e conquistar o seu espaço na cidade grande, imaginada tão longínqua e de tantos valores “destorcidos” da pacata e fictícia Manhãs Azuis.

A narrativa tem início com a personagem principal relatando sua vivência desde a infância até se tornar uma artista plástica poliglota. A história ocorre numa pequena e típica cidade do interior, chamada Manhãs Azuis, onde Mary Benedita, filha de lavradores, reside com os pais e seus nove irmãos. O cenário nos retrata um futuro já pré-determinado pela falta de perspectiva que as próprias condições do meio em que a menina vive não lhe oferecem, “[...] em Manhãs Azuis, o estudo correspondia somente ao curso primário” (EVARISTO, 2016, p. 76), o que nos possibilita citar exemplos de violência simbólica e machista, onde a mulher inconscientemente vive por si só a violência, pois naturalmente adquire o pensamento de um contexto histórico restritivo e se porta como um ser oprimido:

Mas como uma menina nascida em Manhãs Azuis, a sétima de dez filhos [...] poderia ganhar o mundo, aprender línguas, pintar quadros e tocar piano? Como *My sister*, como? – insistia Mary Benedita, olhando desafiadoramente para mim [...] (EVARISTO, 2016, p. 71).

E é dentro desse contexto que Mary Benedita, desde criança, transmite ao leitor sinais evidentes de um inconformismo que lhe acorrentava àquela vida submissa que fora a sua, até então:

Havia, porém, algo que me freava e me deixava quieta, extasiada. Era a contemplação do mapa-múndi. Eu gostava de *ibudissar* sobre o tamanho do mundo. Toda e qualquer lição de geografia, que me trouxesse a possibilidade de pensar a extensão da terra, tinha o efeito de amainar os meus desesperados atos de correria. Calmamente, então, eu traçava roteiros de viagens. E me quedava durante horas inteiras, com atlas nas mãos, imaginando percursos sobre infinitos caminhos (EVARISTO, 2016, p. 71).

O trecho acima nos mostra que apesar de viver uma angústia por estar em um lugar que não lhe pertence, embora seja seu lugar de nascença junto ao seio familiar, essa dor não ofusca os seus anseios, o que faz a protagonista se revelar capaz de se retirar do seu lugar de sofrimento e (re)construir sua trajetória inventando modos de resistência.

[...] dona da presteza em tudo, da ligeireza da fala e do pensamento, da noite para o dia começou a se aquietar. De um casal de tartarugas que havia em nosso quintal, passei a imitar os passos e a fingir cansaço. Não foi preciso outras encenações [...] logo surgiram as velas. Rezas de minha mãe [...] junto ao altar da Senhora das Graças, para que a força dos movimentos se apossasse novamente de mim. E nada. Eu continuava mais pedra, mais sólida, mais fixa ainda no meu desejo de ganhar o mundo. Minha família entendeu que eu estava doente (EVARISTO, 2016, p. 72).

Essa determinação da personagem é uma alusão à resistência da mulher diante dos padrões patriarcais no contexto da atualidade brasileira no século XXI, pois ao mencionar o anseio de Mary Benedita em alcançar a independência feminina, a autora relata o que muitas mulheres continuam passando em pleno século XXI. Nesta perspectiva, Cândido (1995, p. 243) nos diz que

[...] a literatura tem sido [...] proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os considera prejudiciais, sendo presentes nas diversas manifestações [...] significa que ela tem papel formador [...] (CÂNDIDO, 1995, p. 243).

Diante do exposto, reforçamos o exemplo da resistência feminina em um contexto discriminatório que externaliza através de cada mulher/personagem um estímulo para lutar contra qualquer tipo de violência e/ou ato de submissão. Mary Benedita, diante do inconformismo de residir numa pequena cidade levando uma vida muito distante daquela que almejava, resolve então traçar seu próprio destino, como recusa de viver seus dias sob as condições submissas que uma cultura patriarcalista lhe proporcionaria:

O diagnóstico de uma possível e grave doença foi confirmado pelo farmacêutico e pela benzedeira de Manhães Azuis. Só havia uma solução, me enviar para a capital, lugar de grandes hospitais e muitos médicos. Nada impossível para a família. Uma irmã de meu pai, ovelha desgarrada da família, morava em Horizonte Aberto. [...] Tão feliz eu estava com a minha ida para a capital, que depois de enfrentar um percurso feito de trem e de ônibus, ao chegar à casa de tia Aurora, esqueci da minha fingida doença (EVARISTO, 2016, p. 72).

O reflexo da violência contra a mulher, apresentado, neste caso, de forma simbólica, não considera que a personagem esteja em condição de minimizada, ou que não detém capacidade de resistir. Desse modo, para Costa (2012), “a mulher não é por natureza dominada, pois oferece resistências às situações impostas, [...] a mulher possui seu campo de poder e o exerce também”. A autora nos revela nesse conto alguns fatores que se enquadram como uma violência simbólica vivida pela personagem. Porém, Mary Benedita não se permite ser mais uma mulher presa às condições sexistas, e fez uso dos poucos mecanismos que detinha para emancipar-se daquela condição de estar em uma vida indesejada.

[...] eu poderia ficar com ela, o tempo que quisesse, desde que os de minha casa permitissem. Havia anos que ela não via o irmão; meu pai, e a minha mãe ela só vira no dia do casamento dos dois. Entretanto, não queria aborrecimentos, estava ali para ajudar. Notei algo de cumplicidade no tom de voz dela. Será que Tia Aurora, sem me conhecer, já tinha desconfiado de tudo? (EVARISTO, 2016, p. 72-73).

Notamos que há uma atmosfera de desentendimento e mágoa entre a tia de Mary Benedita e seus familiares, o que nos leva a crer que foi ocasionada por uma atitude de ‘rebeldia’ por deixar o seio da família para se aventurar em busca de uma vida independente, causando o rompimento do elo familiar, já que para uma

sociedade sustentada nos pilares machistas, essa atitude significa uma afronta que trafega na contra mão dos valores patriarcais.

Evidencia-se que as relações entre os sexos eram, antes de tudo, relações de poder, e marcaram a história feminina, pois as poucas mulheres que se permitiam alguma iniciativa que vislumbrasse horizontes de atuação, fora dos limites domésticos, encontravam sérios obstáculos para concretizar seu intento (SANTOS, 2010, p. 19).

Tal segregação sofrida pela tia Aurora volta a amedrontar a família de Mary Benedita quando os seus entes passam a desconfiar que a doença da menina fora inventada para que pudesse vivenciar a sua independência feminina, espelhada agora nos passos da sua tia. “Eu estava bem, muito bem, só queria mais chão e mais céus do que o que eu via em Manhãs Azuis” (EVARISTO, 2016, p. 73). Assim, a autora tece uma narrativa que a personagem, embora seja consciente da invenção de uma doença como pretexto estratégico de fuga, e da tristeza que causava à sua família, se mantém firme e não se curva para as adversidades que chegavam ao longo dos dias:

Vovó Andιά rezava alto o terço, duas vezes por dia, em minha intenção. Meus dois irmãos menores passaram a não aceitar mais as brevidades do café da manhã. Privação que suportariam até eu voltar para casa. Então, o meu coraçãozinho tão sadio de menina de dez anos, nascida em Manhãs Azuis, terra pequena, um ponto minúsculo, não representado em mapa algum, doeu atormentado (EVARISTO, 2016, p. 73-74).

A insubmissão de Mary Benedita àquela condição começa a se manifestar de forma mais evidente na narrativa, pois apesar de migrar de uma vida pacata, se mostra determinada a enfrentar as dificuldades de convencer sua família – marcada pelo pensamento machista – de que necessita buscar sua realização pessoal na capital. “E foi com essa aflição instalada no peito que pedi a minha tia Aurora que contasse toda a verdade e que também suplicasse aos meus pais que me deixassem morar com ela” (EVARISTO, 2016, p. 74).

Novamente tratamos aqui os indícios da violência simbólica, visto que Mary Benedita precisou alimentar uma mentira forjando uma grave doença, para ter a liberdade de se deslocar para uma cidade onde pudesse ter acesso aos estudos de qualidade, e com isso, ser uma profissional bem sucedida. Desse modo, poderia

também ter condições para viajar e conhecer países com outras culturas que enriquecesse suas experiências de vida pessoal.

A sutileza da violência tratada no conto se faz a todo momento permeada pelo comportamento da família de Mary, quando discordam justamente da ideia de a filha ir morar com uma tia independente e solteira numa metrópole, compartilhando o pensamento machista que tal consentimento não seria visto com bons olhos pela sociedade. Ressaltamos aqui que não há uma negação evidente dos pais em relação a menina querer estudar fora com apenas dez anos de idade, toda a narrativa se faz através da relutância dos pais se mostrarem contrários aos almejos de independência e empoderamento da pequena menina, esta, que desde cedo já compreende o sistema patriarcal ao qual está inserida.

Embora não seja explícito, os costumes patriarcais que julgam ditar a moral e os bons modos, acabam levando a família de Mary Benedita, de certa forma, e sem intenção, a impedir que seus sonhos se concretizassem:

O consentimento dos meus não veio logo. Antes, recebi uma carta da minha mãe, que, mesmo tendo dificuldades na escrita, me transmitia compreensíveis mensagens de todos os parentes. Estavam felizes por eu não estar doente, mas tristes com o meu desejo de abandonar a família (EVARISTO, 2016, p. 74).

De forma sutil, também podemos extrair do fragmento acima a violência psicológica, pois a família relaciona a vontade da protagonista de estudar e ser reconhecida como uma profissional das artes, ao abandono familiar. Assim, para Santos (2010, p. 19), medidas de proteção em relação às mulheres tinham um único objetivo: mantê-las distantes do mundo do trabalho na esfera pública, para dedicarem-se exclusivamente à perpetuação da espécie, cuidando da prole e do lar. Como se o fato de migrar da sua cidade natal a fizesse esquecer de toda sua origem, uma espécie de traição de Mary Benedita por tentar se desgarrar do seu previsto futuro em Manhãs Azuis, àquele que a educação da mulher necessita do aval do homem e está restrita a ser esposa, dona de casa e procriadora.

A autora versa sobre a personagem Mary Benedita, assim como em sua tia Aurora, uma quebra de rótulos do discurso machista vivenciado por quem não se submete às imposições do sistema patriarcal, seguindo resistente aos padrões ditados pela sociedade:

Uma semana depois, ele e minha mãe retornaram dispostos a me levar [...] Vi que meu destino estava prestes a ser traçado à minha revelia. Não podia ser assim. A vontade tinha de ser minha. [...] Depois de muito choro de minha parte, de lamentações de minha tia [...] chegamos a um acordo. Eu ficaria. O ano já estava terminando, minhas notas eram altas na escola, um colar de dez já garantia minha aprovação para a série seguinte (EVARISTO, 2016, p. 76).

E assim os sonhos da menina de Manhã Azuis foram criando suas próprias formas, e os seus deleites ao contemplar o mapa-múndi corroboraram inconscientemente para o traçado de novos destinos que ela mesma impôs para fugir de outrem já pré-determinado. “No quarto dela havia um violino e um globo terrestre” (EVARISTO, 2016, p. 74). Todo esse fascínio da personagem na narrativa pode ser entendida como uma metáfora que está correlacionada ao conceito de mapas, visto que é, ao mesmo tempo, informação, conhecimento e deslocamento. Essa veneração pelas cartografias do mapa pode ser entendido como uma forma de a personagem buscar conhecimento pelo mundo, experimentando deslocar-se em percursos imaginários.

[...] é aberto, é conectável em todas as dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social (DELEUZE; GUATTARI, 2002, p. 42).

Pela observação dos aspectos analisados no conto “Mary Benedita”, vemos a necessidade da personagem/mulher se refazer, se reconstruir, e se reinventar para se manter resistente ao sistema patriarcal. Dessa forma, é imprescindível uma sensibilização de todos no tocante à violência mascarada por trás de uma sociedade machista, na qual a violência simbólica se manifesta nas menores e mais diversas situações.

O discurso patriarcal, permeado na moral religiosa, reflete em uma educação que muitas vezes alia-se aos preconceitos da postura feminina, como vimos nas atitudes da tia Aurora e de Mary, por serem mulheres solteiras, sem filhos, almejem independência e intelectualidade, deixando a família para buscar tudo isso nos grandes centros urbanos. Essa postura descreve mulheres que, assim como os mapas, se reinventam para seguir suas próprias rotas, insubmissas às cartografias do patriarcado.

4.6 Lia Gabriel

No conto intitulado “LiaGabriel”, a narradora expõe a história de Lia, uma mulher que se sente muito sozinha e há tempos carrega o desejo de relatar a sua história de vida e a dos seus três filhos. Mãe perseverante que tem como razão de viver os seus filhos, sendo um deles uma criança esquizofrênica que desenvolveu tal distúrbio após presenciar e vivenciar junto com sua mãe a violência do pai quando ainda tinha menos de dois anos de idade.

O modo pelo qual o esposo de Lia Gabriel - e pai dos seus filhos - a violenta, representa o comportamento opressor de muitos homens ainda nos dias atuais, reafirmando o abuso masculino contra a mulher a partir do sexismo, este, por sua vez, “não é somente uma ideologia, reflete, também, uma estrutura de poder, cuja distribuição é muito desigual, em detrimento das mulheres” (SAFFIOTI, 2015, p. 37).

É preciso entendermos que a violência contra mulher, sobretudo, de cunho racista, é uma prática oriunda de um contexto histórico sócio-político, que vem desde a era escravista. As mulheres negras escravizadas foram violadas sistematicamente no período colonial, e essa prática continua ativa até os dias atuais, visto que esse grupo é o mais violentado, seguindo nessa posição também no caso da violência doméstica. No entanto, as mulheres, mesmo na condição de escravas, já resistiam e a todo tempo desafiavam àquela condição submissa. De acordo com Davis (2016),

Não é apenas pela precisão histórica que um estudo desses deve ser realizado; as lições que ele pode reunir sobre a era escravista trarão esclarecimentos sobre a luta atual das mulheres negras e de todas as mulheres em busca de emancipação (DAVIS, 2016, p. 17).

Nesse sentido, analisamos o comportamento da personagem Lia Gabriel diante das agressões físicas que sofrera do seu companheiro, e embora ela inicie a narrativa numa condição oprimida, ao longo do texto ela passa a reagir contra essa subalternidade. Mesmo diante das adversidades, Lia Gabriel se mostra uma mulher de força, que não se recusa a viver naquele ambiente de violência e hostilidade, passando a buscar independência com seu próprio trabalho, para dar sustento ao lar e aos seus três filhos, distante do seu (ex) companheiro. “Durante muito tempo, enquanto as crianças eram pequenas, sobrevivemos das aulas que eu dava em casa” (EVARISTO, 2016, p. 99).

O posicionamento insubmisso de Lia Gabriel nos remete ao comportamento das mulheres negras quando foram escravizadas, o de reconstruir os flagelos de sua vida violada. Nesta perspectiva, Davis (2016, p. 24) nos diz que “essas mulheres podem ter aprendido a extrair das circunstâncias opressoras de sua vida a força necessária para resistir à desumanização diária da escravidão”, e é seguindo essa ótica, que a autora narra as dores que Lia carrega por ter sido violentada por muito tempo pelo seu companheiro, na presença constante dos filhos pequenos, ao mesmo tempo que tece a trajetória de resistência desta mulher negra pertencente a classe social baixa, mãe de três filhos, que se recusou a viver na condição do sistema patriarcal.

Neste conto, diversas formas de violências são extraídas da narrativa, entre elas a violência doméstica, que ocorre dentro de casa e é praticada por um membro da família que vive com a vítima:

Era uma tarde de domingo, eu estava com as crianças assentadas no chão da sala, fazendo uns joguinhos de armar, quando ele entrou pisando grosso e perguntando pelo almoço. Assentada eu continuei e respondi que o prato dele estava no micro-ondas, era só ligar. Passado uns instantes, ele, o cão raivoso, retornou à sala, avançou sobre mim, arrastando-me para a área de trabalho. Lá, abriu a torneira do tanque, e tampando a minha boca, enfiou minha cabeça debaixo d'água, enquanto me dava fortes joelhadas por trás. Não era a primeira vez que ele me agredia (EVARISTO, 2016. p. 101).

Conforme o trecho acima, é notório que na literatura brasileira há diversos registros de violência contra a mulher associados ao típico comportamento de uma sociedade tradicionalmente patriarcal. Podemos tomar como exemplo, a obra *A hora da estrela* (1998), de Clarice Lispector, na qual a estigmatização do gênero feminino se dá através da personagem *Macabéa*, que sofre violência social e psíquica, sendo vista na narrativa como uma mulher frágil, em posição desfavorável. Assim como no romance *Gabriela cravo e canela* (1975), do escritor Jorge Amado, no qual a personagem *Glória* aproximasse quase majoritariamente à condição de objeto, é uma prostituta que vive sob o poder e a força do seu coronel *Coriolano Ribeiro*, reforçando o convencimento social no tocante aos poderes deste homem.

O agressor tende a uma postura que representa parte de uma cultura dominante, e tem sido assim desde o século XIX quando, na literatura brasileira, são

registradas tanto as sutilezas quanto as violências físicas e simbólicas que sustentam a dominação masculina:

A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho e de reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, [...] moldados por tais condições, [...] elas funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos, e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais e históricos (BOURDIEU, 2007, p. 45).

Outro tipo de violência que corrobora para a análise deste conto é a violência intrafamiliar, que corresponde a toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de outro membro da família (BRASIL, 2002):

Tamanha foi a dor, quando o pediatra me disse, antes de qualquer exame mais detalhado, que o mais novo dos meus três filhos, com quatro anos apenas, poderia não estar fazendo só birras, mas caminhando para um estado de surto. Sem qualquer rodeio fui informada pelo médico de que Máximo Gabriel provavelmente era esquizofrênico [...]. A partir desse dia, começou a minha peregrinação com Máximo Gabriel. De hospital a hospital, várias suspeitas e muitos remédios. Em casa, o menino continuava com as birras, com as cismas, com as visões de monstros atrás dele. Ora Gabriel era de uma doçura de criança feliz, ora de uma agressividade; porém, sempre contra ele mesmo [...] batia com a cabeça na parede, arrancava os próprios cabelos [...] mordia a si próprio, se autoflagelando (EVARISTO, 2016, p. 96-97).

Desse modo, o trecho acima evidencia que a violência sofrida por Lia Gabriel, e também vivenciada pelos seus filhos, traz inúmeras consequências negativas desencadeando traumas psíquicos ao longo da vida das crianças até a formação adulta. Tal violência pode causar grande comprometimento no que se refere ao futuro dessas pessoas, bem como de seus vínculos (OSOFSKY, 2003).

O domínio do gênero masculino sobre o gênero feminino é um processo de construção social contra mulheres. Esse ato se fragmenta em variadas formas de violência, sendo ela de caráter físico, moral, social, psicológico ou simbólico. De acordo com Davis (2016, p. 38), algumas vezes, a coação física era necessária para garantir a submissão por parte das mulheres negras [...] o que é corroborado por evidências históricas e mantido pela tradição das famílias negras. Neste viés, a

titulação da violência psicológica não consiste em algo concreto, palpável, porém se reproduz ao longo da história da sociedade, esta, por sua vez, favorece a não erradicação da imagem do homem como detentor do poder.

Assim, o trecho abaixo em análise do conto conceitua uma violência psicológica, marcada, sobretudo, por aquela que afeta o estado psíquico e emocional da vítima.

Saíra de casa, depois de uma briga, em que, para me proteger, peguei as crianças e fui para casa de minha mãe, cuidar de nossas feridas do corpo e da alma. Quando retornei com as crianças, todos os compartimentos estavam vazios [...]. Uma opressiva lembrança da imagem dele circulava pelos vazios dos cômodos, enquanto uma sensação de nudez me perseguia [...]. Naquela noite, aconcheguei as crianças no meu colo, até que elas adormecessem. As meninas dormiram um conturbado sono [...]. Gabriel teve febre e gemeu durante toda a noite. A todo momento seus braços, com as mãozinhas em punho, tinham movimentos como se estivessem esbofetando o espaço (EVARISTO, 2016, p. 97-98).

Ainda de acordo com Grossi (1996, p. 134), a violência contra a mulher é compreendida como qualquer violência de gênero que resulta em danos psicológicos, físicos e sexuais, incluindo ameaças, tortura, coerção ou privação arbitrária da liberdade. Este tipo de violência pode ser subdividida em violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. Geralmente é sofrida pela mulher, atingindo indiretamente aos vulneráveis (crianças ou idosos), causando traumas psicológicos que serão refletidos por toda a vida:

Não era a primeira vez que ele me agredia. As crianças choravam aturdidas. Eu só escutava os gritos e imaginava o temor delas. Em seguida ele me jogou no quatinho de empregada e, com o cinto na mão, ordenou que eu tirasse a roupa, me chicoteando várias vezes. Eu não emiti um só grito, não podia assustar mais as crianças, que já estavam apavoradas. O que me doía era o choro desamparado delas. Depois, ele voltou à sala e me trouxe o meu menino, já nu, arremessando a criança contra mim. Aparei meu filho em meus braços, que já sangravam. Começou então a nova sessão de torturas. Ele me chicoteando e eu com Gabriel no colo. E, quando uma das chicotadas pegou o corpo do menino, eu só tive tempo de me envergar sobre meu filho e oferecer as minhas costas e as minhas nádegas nuas ao homem que me torturava. Meu menino chorava-chorava (EVARISTO, 2016, p. 102).

É perceptível que o homem está representado como a parte que domina a relação com a mulher em diversos seguimentos da sua vida, o que finda numa incorporação tida como natural para o senso comum ou heteronormatividade. Essa relação de poder alcança o inconsciente da vítima, visto que a mulher não percebe (podemos nomear aqui a violência simbólica) a condição de dominada e reproduz involuntariamente esse tipo de violência (psicológica) entre outras mulheres:

Criei coragem, limpei o sangue que ainda me escorria dos braços, sentindo a ardência dos lanhos das costas e por todo o corpo, juntei rapidamente umas poucas roupas minhas e das crianças e busquei a casa de minha mãe. Fui recebida por ela com carinho e com conselhos. Eu poderia ficar por uns dias, mas o mais certo seria eu voltar e conversar com o meu marido, para chegarmos a um entendimento; era preciso pensar nas crianças. Sim, eu ia fazer isso. Ia conversar com ele. Sabia que não seria fácil, mas o ódio que eu estava sentindo me fortalecia (EVARISTO, 2016, p. 102-103).

Nota-se que a personagem Lia Gabriel é narrada em situações de opressão e violência contra a mulher que, via de regra, é uma tradição patriarcal que culmina no pensamento submisso da mãe da personagem, induzindo-a à voltar para o seio do seu lar, voltar para o seu esposo, sem questionar em momento algum a postura violenta do marido de Lia Gabriel. Portanto, vale citar o pensamento de Saffioti (2015), quando aponta, entre outras muitas razões, a pressão que fazem a família, os amigos, a Igreja, etc, no sentido da preservação da sagrada família. Importa menos o que se passa em seu seio do que sua preservação como instituição (SAFFIOTI, 2015, p. 93).

Tanto na sociedade quanto na literatura tradicional, questionar acerca dessa violência é ir de encontro a um embate estruturado em um pensamento cultural sedimentado. Neste viés, afirma Menezes (2000) que discutir sobre a submissão da mulher em relação ao homem, significa desarticular uma estrutura que embasa crenças e conceitos antigos de dominação.

Porém, o discurso na literatura brasileira de autoria feminina no século XX e XXI questiona essa prática dos variantes tipos de violência contra a mulher, e repudia a dominação masculina. “Culpa, vergonha, remorsos por ter escolhido tal homem para ser pai de meus filhos” (EVARISTO, 2016, p. 103). É nessa nova forma de fazer literatura que as autoras afro-brasileiras propõem saídas para as

personagens femininas que fogem da, até então, tradicionalidade nos desfechos das narrativas:

E foi nessa ocasião que tomei, sozinha, a diretriz de minha vida [...]. Deixei a escola em que trabalhava pelas manhãs [...] e passei a dar aulas particulares em casa [...]. Trabalhar em casa foi a solução encontrada [...]. Nas horas vagas, ou seja, na solidão das madrugadas, comecei a fazer pequenos consertos em aparelhos domésticos e, hoje, sou a única mulher que tem uma oficina eletrônica na cidade. Desde menina eu tinha certo pendor para montagens de rádio, televisão, etc. Transformei essa habilidade em profissão. Consertei a minha vida, cuja mola estava enferrujando. Eu mesma imprimi novos movimentos aos meus dias. Fiz por mim e pelas crianças (EVARISTO, 2016, p. 98-99).

A literatura brasileira tem mostrado que vem, desde o século XX, passando por um processo de revisão em seu *corpus* tanto no que se alicerça os teóricos quanto no que motiva novos sujeitos sociais que demandam esse novo discurso na literatura.

Assim, Conceição Evaristo imprime na obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* a reflexão acerca das relações desiguais de poder, passando também pela violência dentro e fora do espaço familiar. A personagem Lia Gabriel, protagonista do conto selecionado para esta análise, é marcada pela subalternidade, desrespeito e violência contra ela, características peculiares de um sistema tido como patriarcal. Porém, a ânsia em se afirmar como sujeito desejante de mudar a sua própria história, constrói o modo que ela não se faz vítima da insubmissão frente ao seu marido e pai dos seus filhos.

Ainda acerca do discurso da autora, é possível identificar uma singularidade na veiculação da história da personagem Lia Gabriel, e a contra discursividade que assina suas ações faz desta uma narrativa também insubmissa, na qual há uma mescla da história não-oficial com a memória individual e coletiva à invenção literária. Neste sentido, a proposta de um novo 'eu' enunciativo feita por Conceição Evaristo na obra aqui elencada é vista, para Duarte (2005), como o ser construído pelas relações de gênero se inscreve de forma indelével no romance de Conceição Evaristo, que, sem descartar a necessidade histórica do testemunho, supera-o para torná-lo perene na ficção.

Para fim, consideramos que "Lia Gabriel" vai além de uma vivência marcada negativamente, sua narrativa expõe o relato de uma mulher que vai de embate ao

sexismo e luta contra as diversas formas de violência propagada no espaço doméstico. Desse modo, torna-se gestora da sua própria vida, sugerindo um processo de autorreflexão do eu dentro desse espaço, cujo é o lugar onde inicia a resistência feminina. Contudo, transforma sua condição de vítima ao desafiar os processos sociais de (re) construção identitária, marcados na resistência, na transformação e na insubmissão.

5 CONCLUSÃO

A motivação maior de analisar os contos da obra *Insubmissas lágrimas de mulheres*, de Conceição Evaristo, foi a de pensar como se representa a violência sofrida nas personagens negras desta obra. A elaboração desta pesquisa nos permitiu perceber que, embora a mulher tenha um considerável histórico progressivo na esfera social brasileira, ela ainda é vítima das questões relacionadas ao gênero, juntamente com o elemento étnico, tendo como componente central a dominação masculina. Esse fato se deve à perpetuação da cultura da violência sobre as mulheres, bastante enraizada na sociedade, na qual o homem manteve-se historicamente numa posição de superioridade, fato este que também pode ser percebido através da prática da literatura.

Analisados os contos aqui expostos, estes nos fizeram refletir sobre as situações de violências que foram vivenciadas pelas mulheres negras na literatura desde os séculos passados até a contemporaneidade; mulheres estas que, apesar das conquistas em todos os espaços que habitam, lutam cada vez mais engajadas pelos seus direitos e por igualdade social em relação aos homens. Conceição Evaristo retrata cenas da vida cotidiana, buscando tratar como a violência se manifesta em variadas formas, partindo, sempre, através do preconceito, do racismo, da submissão e da força física. Porém, ao mesmo tempo, desafia o leitor a uma nova conjuntura de desfechos de superação, competência, a insubmissão e coragem.

Nos contos analisados, verificamos que, apesar da submissão inicial, há um sentimento de inconformismo intrínseco nas personagens, e embora sejam por razões distintas, todas as mulheres da narrativa nutrem o anseio por uma identidade liberta, pelo prazer mútuo, pelo amor, pela independência, pelos direitos sociais igualitários e pela alteridade. Todas elas se revelam insubmissas diante das situações a que são impostas nos contos, marcando seu espaço na sociedade e na literatura, afirmando que devem ser vistas como sujeito, exigindo uma posição social que alcance seu empoderamento, abrindo-lhes caminhos que desconstruam a imagem da mulher como sujeito oprimido, subjugado e sempre como principal vítima nas circunstâncias da violência simbólica, física, sexual e de gênero.

Diante o exposto, temos como resultado desta análise uma autora que elabora contos fomentados pela historicidade real de inúmeras mulheres negras que

são vítimas das mais diversas formas de violência, seja ela no âmbito familiar, ou pela sociedade como um todo. Essa reflexão através da literatura afro-brasileira assume, de certa forma, uma militância aliada ao “potencial a ser convertido e transformado, pela elevação do seu nível de consciência [...] no processo de mudança social” (FANTINATI, 1978, p. 4).

Contudo, podemos afirmar que a violência contra a mulher é um problema de caráter social que se sustenta pelos pilares da cultura sexista, podendo assim, a literatura enquanto detentora do discurso de produção de conhecimento, desconstruir os estereótipos acerca da mulher negra, trilhando novos caminhos que contribuam para a expansão de uma orientação plausível - individual e coletiva - acerca da representação da violência sofrida pelas mulheres na sociedade e na literatura brasileira contemporânea.

Neste aspecto, é de suma importância apresentarmos uma pesquisa na literatura brasileira contemporânea embasada na escrita de Conceição Evaristo, que fundamenta diversos níveis de gradação da violência perpetrada contra mulheres negras na literatura, variando em nuances verbais, psicológicas, sexuais, corpóreas, entre outras. *Insubmissas lágrimas de mulheres* possibilita ver além da clausura que estas mulheres foram submetidas durante vários ciclos de suas vidas, permite-nos enxergar a necessidade da mudança em relação a posição da mulher negra em todos os espaços sociais que habita.

Assim, é perceptível que autora fomenta a literatura afro-brasileira denunciando a opressão que estas mulheres/personagens sofrem, dando ênfase à necessidade de um olhar para o povo negro visto por outro ângulo. É desse modo que ela reconstrói a imagem da mulher negra, historicamente submetida ao jugo social, à condição de subalternidade e do domínio masculino, além da exposição ao preconceito de cor.

Desse modo, a literatura afro-brasileira de Conceição Evaristo tem relevância considerável na denúncia, através de grupos marginalizados e discriminados, de um sistema social injusto, violento e autoritário. Sua obra literária, para além da preocupação estética, visa descortinar um sistema de opressão construído historicamente, a fim de promover o conhecimento para instruir os oprimidos e iluminar o desenvolvimento do discurso livre das vozes que forem silenciadas durante muitos séculos.

REFERÊNCIAS

ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 10520**. Disponível em: <<http://www.abnt.org.br/>>. Acesso em março 2017.

ALVES, Miriam. **Brasil Afro Autorrevelado** – Literatura brasileira contemporânea. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

AMADO, Jorge. **Gabriela cravo e canela**. 3 ed. São Paulo: Abril S.A, 1975.

AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

ASSIS, Machado de. **Helena**. São Paulo: Editora Ática. Edição 25, 1999.

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 2 ed. São Paulo: Saraiva, 2009. Clássicos Saraiva.

BARBOSA, Manoela dos Santos. **Representações de violência contra mulheres negras em Insubmissas lágrimas de mulheres, de Conceição Evaristo**. Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4604268>. Acesso em: 20 Março 2017.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1961.

_____. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. V.2.

BENEDICT, Ruth. **O crisântemo e a espada**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

_____. **Por uma estética dos vestígios memoriais**: releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. (8.ed.) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/11340.htm>. Acesso em: 19 Jan.2018.

_____. Ministério da Saúde. **Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes**. Brasília: Ministério da Saúde. 68p. 2005.

_____. **Manual instrutivo de preenchimento da ficha de notificação/investigação individual violência doméstica e /ou outras violências.** Brasília. Ministério da Saúde, 2009.

_____. **Secretaria de políticas de saúde.** Violência intrafamiliar: orientações para a prática em serviço. Brasília: Ministério da saúde, 2001. (caderno de atenção básica, 8).

_____. **Violência intrafamiliar:** orientações para prática em serviço. Brasília: Ministério da Saúde, 2002. Disponível em:<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd05_19.pdf>. Acesso em: 03 Jun. 2017.

_____. **Violência contra mulher:** o desafio de articulação da vigilância com a rede de atenção e proteção. Brasília: Ministério da saúde, 2017.

BRUSCHINI, Cristina. Teoria crítica da família. In: Azevedo, Maria Amélia; GUERRA, Viviane Nogueira (Orgs.). **Infância e violência doméstica:** fronteiras de conhecimento. São Paulo: Cortez, 2009.

CALDWELL, Kia Lilly. **Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil.** Revista Estudos feministas, CFH/CCE/UFSC, v. 8, n. 2, p. 96, 2000. Disponível em:<<http://refe.paginas.ufsc.br/revistas-antiores/volumes-6-ao-10/volume-8-n%C2%BA-2-2000/>>. Acesso em: 06 Jan.2018.

CAMPOS, Cecy Barbosa. A poética de Conceição Evaristo. In: PEREIRA, Edmilson de Almeida. **Um Tigre na floresta de signos:** estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. **Representações da mulher negra na literatura brasileira.** 2008.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade.** São Paulo: Contexto, 2012.

CANDIDO, Antônio. **Vários escritos.** 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

_____. **Literatura e Sociedade.** 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CARDOSO, Patrícia Pires. O transexual e as repercussões jurídicas da mudança de sexo. In: **Âmbito Jurídico.** Rio Grande, XI, n.51, mar 2008. Disponível em: <http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=2623>. Acesso em: 16Jul. 2017.

CARDOSO, Sebastião Marques. **Poéticas da mestiçagem:** textos sobre culturas literárias e crítica cultural. 1. ed.- Curitiba, PR:CRV,2014.

CARNEIRO, Luciana Priscila Santos. **A violência sofrida pelas personagens femininas.** 2013. 48 f. Monografia (Graduação em Letras) – UFPB Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2013.

CARNEIRO, Suely. Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: Ashoka Empreendimentos Sociais; Takano Cidadania (Orgs.). **Racismos Contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003. p. 49-58.

CASTRO, Mary Garcia. **Relações sociais de classe e de sexo**. Revista Presença da Mulher. São Paulo: Liberdade de Mulher, n. 16, abril/junho, 1999.

CDC (2011) <<http://www.cdc.gov/ViolencePrevention/intimatepartnerviolence/definitions.html>> In: BAPTIST, Ana Catarina Costa Chaves. **Estudo de caso de uma mulher sujeita a violência conjugal psicológica, com crenças de amor romântico e uma história de violência interparental**. 2012. Dissertação de mestrado disponível em:<<http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2258/1/12678.pdf>> Acesso em: 14 Dez.17.

COHEN, Robin. Diasporas and the Nation-State: from victims to challengers. In: BRAGA, Cláudio Roberto Vieira; GONÇALVES, Glaucia Renate. **Diáspora, espaço e literature**:alguns caminhos teóricos. Artigo disponível em: <<http://saber.unioeste.br/index.php/trama/article/download/9763/7176>> Acesso em: 10 Fev.2018.

CORDEIRO, Hildalia Fernandes Cunha. BARBOSA, Júlio César. **A prosa feminina negra**: rasurando fronteiras impostas.III Seminário internacional enlaçando sexualidades – Universidade do Estado da Bahia, 2013.

COSTA, Renata; MADEIRA, Maria Zelma e SILVEIRA, Clara Maria. **RELAÇÕES DE GÊNERO E PODER**: tecendo caminhos para a desconstrução da subordinação feminina. 17º Encontro Nacional da Rede Feminista e Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero,Brasil, dez. 2012. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/Iti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/view/56>>. Acesso em: 09 Ago. 2017.

CUNHA, Tânia Rocha Andrade. **O Preço do Silêncio**: mulheres ricas também sofrem violência. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2007.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Entre fronteiras e cercados de armadilhas**: problemas de representação na narrativa brasileira contemporânea. Brasília: Editora UNB, 2005.

DATASENADO. **Violência doméstica e familiar contra a mulher**: pesquisa de opinião pública nacional.Brasília: Senado Federal. 2009. Disponível em: <https://www.senado.gov.br/senado/datasenado/pdf/datasenado/DataSenado-Pesquisa-Violencia_Domestica_e_Familiar_contra_a_Mulher.pdf>.Acesso em: 15 Jan.18.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Heci Regina Candiani. – 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia.Tradução de Ana Lucia de Oliveira et al. São Paulo: Ed.34, 2002.

DINIZ, Débora. **Fórum Violência Sexual e Saúde**. Posfácio Cadernos de Saúde Pública, 23 (2007), p. 477-478 Disponível em: <doi.org/10.1590/S0102-311X2007000200026>. Acesso em: 16 Jul. 2017.

DREZETT, Jefferson; PEDROSO, Daniela. **Aborto e violência sexual**. Cienc. Cult., São Paulo, v. 64, n. 2, p. 35-38, Junho 2012. Disponível em <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:HfI-LNpZLE4J:cienciaecultura.Bvs.br/scielo.php%3Fscript%3Dsci_arttext%26pid%3DS0009-67252012000200015+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 15 Jan. 2018.

DUARTE, Constância Lima. Pequena história do feminismo no Brasil. In: CARDOSO, Ana Leal; GOMES, Carlos Magno. **Do imaginário às representações na literatura**. São Cristóvão: Ed. UFS, 2007.

_____. Gênero e violência na literatura afro-brasileira. In: DUARTE, Constância Lima et al. **Falas do outro**: literatura, gênero, identidade. Belo Horizonte: Nandyala, 2010. p. 229-234.

_____. O cânone e a autoria feminina. In: SCHMIDT, Rita Terezinha (Org.). **Mulheres e literatura**: (trans) formando identidades. Porto Alegre: Palloti, 1997.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literafro**. Belo Horizonte: Portal da literatura Afro brasileira, 2015.

_____. **Literatura afro-brasileira**. Disponível em:<www.letras.ufmg.br/literafro>. Acesso em: 24 Jun. 2017.

_____. **Literatura Afro-brasileira**: um conceito em construção. Disponível em: <https://social.stoa.usp.br/articles/0037/3053/Literatura_Afrobrasileira_EDUARDO.pdf>. Acesso em: 07 Fev. 2018.

_____. O Bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo. **Revista estudos feministas**, v. 14, n. 1, 2006. Disponível em:<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:f3c6ibruFwJ:www.scielo.br/scielo.php%3Fscript%3Dsci_arttext%26pid%3DS0104026X2006000100017+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br%3E>. Acesso em: 13 Jun. 2017.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. **Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990**. São Paulo: Saraiva, 1998.

EVARISTO, Conceição. **A literatura em movimento (negro)**: Conceição Evaristo e a intelectualidade negra carioca (1982-2006). Entrevista concedida a Bárbara Araújo Machado em 30 set. 2010, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1340393199_ARQUIVO_TextocompletoENHO.pdf>. Acesso em: 01 Jun. 2017.

_____. **Literatura negra**: uma voz quilombola na literatura brasileira. In: PEREIRA, Edmilson de Almeida. (org.). Belo Horizonte: Mazza, 2010. p. 138-139. Disponível em:<<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:6UrQxae6g9cJ:bibliot>>

ecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa/evaris.rtf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 17 Jun. 2017.

_____. Da representação à auto-representação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. **Revista Palmares**: cultura afro-brasileira, ano 1. n. 1, 2005, p. 54.

_____. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

_____. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Ed. Pallas, 2014.

_____. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

_____. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

_____. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Coleção vozes da diáspora negra – volume 7. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

FANTINATI, Carlos E. Reflexões preliminares. Assis, SP. Ipha-Tucitec, 1978. In: **A representação da violência contra a mulher em alguns contos de Marina Colasanti**. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaipotese/files/2009/10/a-represeta%C3%A7%C3%A3o-da-viol%C3%Aancia-contra-a-mulher.pdf>>. Acesso em: 20 Mai. 2017.

FELSKY, Rita. The gender of modernity. Cambridge, EUA; Londres, Inglaterra: Harvard University Press, 1995. In: SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos, 1949 – **Duas mulheres de letras**: representações da condição feminina. Caxias do Sul, RS: Educs, 2010.

FIGUEIREDO, Fernanda Rodrigues de. **A mulher negra nos Cadernos Negros**: autoria e representações. Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAPTGA8/disserta_ao_mestrado_backup_revisado_2.pdf?sequence=1>. Acesso em: 10 Maio 2017.

FRIEDMAN, Normam. **O ponto de vista na ficção** – o desenvolvimento de um conceito crítico. Tradução de Fábio Fonseca de Melo. Revista USP. São Paulo, n.53, p. 166-182, março/maio 2002.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**: modernidade e dupla consciência. São Paulo, Rio de Janeiro: Editora 34 / Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro Asiáticos, 2001.

GOMES, Carlos Magno. **Do imaginário às representações na literatura**. São Cristóvão: Ed. UFS, 2007.

GOMES, Nadielene Pereira, DINIZ, Normélia Maria Freire, ARAÚJO, Anne Jacob de Souza, COELHO, Tâmara Maria de Freitas et al. **Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias de gênero e geração**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v20n4/19>> Acesso em: 18 Dez. 17.

GOMES, Nilma Lino. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural?** Revista brasileira de educação, Set/Out/Nov/Dez 2002, nº 21. Disponível em: <[http:// www.scielo.br/pdf/rbedu/n21/n21a03.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n21/n21a03.pdf)>. Acesso em 06 Jan.2018.

GOMES, Romeu. **Sexualidade masculina, gênero e saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

GONZÁLES, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GROSSI, Patrícia Krieger. Violência contra a mulher: implicações para os profissionais da saúde. In: PORTO, Janice Regina Rangel. **Violência contra a mulher: expectativas de um acolhimento humanizado**. Disponível em:<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/4784/000415296.pdf?...1>>. Acesso em: 03 Junho. 2017.

_____. **Violência e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber – 2. ed.** Atual. Ampl. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HANCHARD, Michael George. **Orfeu e o poder: o movimento negro no Rio de Janeiro e São Paulo (1945-1988)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

HOOKS, Bell. **Intelectuais Negras**. Revista estudos feministas, v. 3, nº 2, 1995. Disponível em:<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035>>. Acesso em: 05 Jan.2018.

IANNI, Octavio. Literatura e consciência. In: **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. Edição Comemorativa do Centenário da Abolição da Escravatura. N. 28. São Paulo: USP, 1988.

KILOMBA, Grada. Plantation memories: episodes of everyday racism. Berlim: Unrast, 2008. In: RIBEIRO, Djamilia. **A categoria do outro: o olhar de Beauvoir e Grada Kilombo sobre ser mulher**. Disponível em:<<https://blogdaboitempo.com.br/2016/04/07/categoria-do-outro-o-olhar-de-beauvoir-e-grada-kilomba-sobre-ser-mulher/>>. Acesso em: 15 Dez.17.

KOVADLOFF, Santiago. **O silêncio primordial**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MACHADO, Serafina Ferreira. **Literatura afro-feminina: uma escrita de cobrança.** Revista Graphos, vol. 14, nº 2, 2012. | UFPB/PPGL | ISSN 1516-1536. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:e2xJBLs8qS0J:periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/viewFile/15733/9009+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 05 Jan.18.

MAGALHÃES, Rosânia Alves. **A escrita feminina afrodescendente na obra de Conceição Evaristo.** 2014. 110 f. (Dissertação) Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Uberlândia, 2014.

MATTIOLLI, Olga Ceciliato. Maria de Fátima Araújo, Vera da Rocha Resende (org.) **Violência e relações de gênero: o desafio das práticas institucionais.** – 1.ed. – Curitiba, PR: CRV, 2013.

MATTOS, Patrícia. **O conceito de interseccionalidade e suas vantagens para os estudos de gênero no Brasil.** Trabalho publicado no XV Congresso Brasileiro de Sociologia: Curitiba, Paraná, 2011.

MENEZES, Ana Luiza Teixeira. Mulheres: fruto de dominação e fruta para libertação! In: Marlene Neves Strey et al. (Org.). **Construções e perspectivas em gênero.** São Leopoldo: Unisinos, 2000.

MINISTÉRIO DA SAÚDE - *Secretaria de Atenção à Saúde.* Departamento de Ações Programáticas Estratégicas Área Técnica de Saúde da Mulher. **Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes:** norma técnica. 3 ed. Brasília: Editora MS, 2011.

MORICONI, Ítalo. **Como e por que ler a poesia brasileira no século XX.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

NASCIMENTO, Laiane Nunes. **Estupro Marital: O Inimigo Silencioso.** 2015. 74 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) – UniRV – Universidade de Rio Verde, Caiapônia – GO, 2015[1].

NAVARRO, Márcia Hoppe (org.) (1995): **Rompendo o silêncio:** gênero e literatura na América latina, Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. “Escrivivência” em Becos da memória, de Conceição Evaristo. **Rev. Estud. Fem.,** Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 621-623, Aug. 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2009000200019>>. Acesso em 19 Fev.2018.

OMS (**Organização Mundial da Saúde**), via site. Disponível em: <<https://pensadoranonimo.com.br/violencia-psicologica-e-a-forma-mais-subjetiva-de-agressao-contra-a-mulher/>> Acesso em: 15 Dez. 2017.

OSOFSKY, J. D. Prevalence of children's, exposure to domestic violence and child maltreatment: implications for prevention and intervention. Clinical child and family psychology review, New York, v. n. 3, p. 161-170, 2003. In: SAGIM, Mirian Botelho.

Violência doméstica observada e vivenciada por crianças e adolescentes no ambiente familiar. 2008. 265 f. (Tese de doutorado) Universidade de São Paulo – USP. Ribeirão Preto, SP. 2008.

PAIXÃO, Sylvia. **A fala-a-menos.** Rio de Janeiro: Numen, 1991.

PEREIRA, Nilton; SEFFNER, Fernando. **O que pode o ensino de história?** Porto Alegre, v. 15, n. 28, dez. 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/7961>>. Acesso em: 26 Fev. 2016.

PORTAL VIOLÊNCIA CONTRA MULHER. Disponível em: <<http://www.violenciamulher.org.br/>>. Acesso em: 20 Fev. 2016.

QUEIROZ, Eça de. **Os Maias.** São Paulo: Ed. Ática, v.1, 1998.

REIS, Maria Clareth Gonçalves. **Mulheres, negras e professoras:** suas histórias de vida. Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2017.

SAFFIOTI, Heleieth Lara Bongiovani. **Circuito cerrado:** abuso sexual incestuoso. Lima: CLADEM, 2007.

_____. **Gênero patriarcado violência.** / Heleieth Lara Bongiovani Saffioti. – 2. ed. – São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTOS, Cecília MacDowell; IZUMINO, Wânia Pasinato. Violência contra as mulheres e Violência de Gênero: Notas sobre Estudos Feministas no Brasil. In.: **Revista e.I.A.L.**, 2005.

SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos, 1949 – **Duas mulheres de letras:** representações da condição feminina. Caxias do Sul, RS: Educs, 2010.

SCHMIDT, Rita Terezinha. **Daginolatria à genologia:** sobre a função teórica e a prática feminista. In: FUNCK, Susana Bornéo (Org.). Trocando ideias sobre a mulher e a literatura. Florianópolis: UFSC, 1994.

_____. **Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina.** Ensaio Cpg Letras/ufrgs, Rio Grande do Sul, v. 1, n. 1, p.182-189, jun. 1995.

SIMONE SOBRINHO, Teodoro. **A violência como experiência trágica na contemporaneidade:** estudo de Insubmissas lágrimas de mulheres, de Conceição Evaristo. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2355055>. Acesso em: 13 Março 2017.

_____. **A violência de gênero como experiência trágica na contemporaneidade:** estudo de Insubmissas lágrimas de mulheres, de Conceição Evaristo. 2015. Dissertação de mestrado. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-9VN_LDR/disserta__o_insubmissas.pdf?sequence=1>. Acesso em: 17 Dez. 2017.

SOUSA, Noêmia. Sangue negro. Maputo: Associação dos escritores moçambicanos, 2001. In: _____. FONSECA, Maria. **Literatura e gênero: relações de poder e representações literárias**. Teresina: Ed. Edufpi, 2014.

SOUZA, Valmir de. Violência e resistência na literatura brasileira. In: _____. **Os sentidos da violência na literatura**. São Paulo: LCTE, 2007.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

WHO (2001) <<http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs239/en/>>. In: BAPTIST, Ana Catarina Costa Chaves. **Estudo de caso de uma mulher sujeita a violência conjugal psicológica, com crenças de amor romântico e uma história de violência interparental**. 2012. Dissertação de mestrado. Disponível em: <<http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2258/1/12678.pdf>>. Acesso em: 14 Dez.2017.

ZIZEK, Slavoj. **Violência: seis reflexões laterais**; tradução Miguel Serras Pereira – 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2014.